## SADAMU YAMASHITA



"Em meus sonhos inquietos, eu vejo aquela cidade. Silent Hill."

RAFAEL ANDRADE

CAROLINA AMORIM

# SILENT HILL 2

## **SONHOS INQUIETOS**

ESCRITO ORIGINALMENTE POR: SADAMU YAMASHITA

VERSÃO EM INGLÊS POR: EMILY FITCH

VERSÃO E ADAPTAÇÃO EM PORTUGUÊS POR:

RAFAEL ANDRADE

REVISÃO POR:

CAROLINA AMORIM

#### Notas da tradução:

Esta é uma tradução adaptada do livro Silent Hill 2: The Novel, que teve sua versão original escrita e lançada no Japão por Sadamu Yamashita e traduzida em inglês por Emily Fitch.

Eu, como um grande fã da obra original, senti que deveria fazer algumas pequenas adaptações em certas partes, com o único propósito de melhorar a experiência e profundidade da história contada.

As mudanças foram apenas na descrição de personagens e em algumas falas ou cenas. Partes em que eu realmente senti que poderia ser melhor descrita, assim se aproximando mais da obra original.

Espero que aproveitem a leitura dessa incrível história.

## Para Mary

#### **GAROTA**

- Parece um pouco com leite.

O rosto de Laura se abriu em um sorriso. Ela começou a rir e seus dentes brancos e brilhantes apareceram por trás de seus pequenos lábios. A cidade estava coberta por um denso nevoeiro que deixava tudo em tom de branco, como se ela estivesse em algum tipo de terra mágica. Às vezes, Laura gostava de imaginar que algum deus descuidado tinha deixado cair seu copo e derramado seu leite matinal por todo o lugar. A misteriosa atmosfera poderia ser um sinal de que haviam fadas ou alguma outra coisa se escondendo em algum lugar. Esse pensamento fez o coração de Laura tremer de ansiedade. Apesar de parecer ter uma mentalidade avançada para sua idade, a garota de oito anos começou a brincar saltando como qualquer criança, enquanto sua saia esvoaçava.

- Vamos, rápido! Eu vou acabar deixando você para trás! - Laura gritou várias vezes, chamando seu amigo que andava tranquilamente.

Ela e sua companhia estavam ali numa jornada para encontrar seus amigos, mas ele era gordo e um pouco estúpido. Às vezes, tudo o que ele fazia era se lamentar, e ele sempre parecia estar de cara fechada. Entretanto, Laura não ligava muito. O mais importante era que ela queria ver aquela pessoa novamente o mais rápido possível.

A pessoa que havia dado aquela carta para ela...

### A CIDADE QUE CHAMA

Através de manchas sujas no espelho, ele via a imagem de seu próprio rosto, árduo e duro, como o rosto de um cadáver. *Na verdade, acho que eu estou morto*, pensou James Sunderland. *Meu coração está como se eu estivesse, de qualquer forma*. Ele sentia que não valia mais a pena viver. James havia se tornado indiferente. Trabalho, tempo livre, nada disso importava mais. Até mesmo o forte cheiro de amônia que permeava o ambiente pequeno e imundo não lhe chamava mais a atenção. Os sanitários sujos, cobertos por uma substância amarelada, o chão molhado e pegajoso que impregnava as solas de seus sapatos — nada disso o fazia sentir qualquer emoção. Um zumbi seria um substituto perfeito para ele.

- Mary... você poderia realmente estar nesta cidade? - Ele perguntou para o segundo James, refletido no espelho. Ele tinha dúvidas quanto ao incidente. *Realmente aconteceu? Mas*...

Com as suas mãos apoiadas nas laterais da pia, ele encarou mais uma vez o espelho. Apesar de seus pensamentos, logo ele se sentiu um pouco melhor. Ele balançou a cabeça e afastou a franja do rosto, como se despertasse de uma ilusão. Ele sabia que era verdade, pois ele havia recebido *aquela* carta.

Ele saiu do banheiro sombrio na beira da estrada e então viu um céu nublado do lado de fora. O banheiro público não se comparava com a claridade que o aguardava lá fora. Um vento úmido bateu em seu rosto, fazendo seu cabelo se movimentar levemente. Do outro lado do estacionamento, onde ele havia parado, estava o vasto Lago Toluca, com a névoa dançando em sua superfície e se estendendo por toda a paisagem.

Nos meus sonhos inquietos, eu vejo aquela cidade. Silent Hill. Você prometeu que algum dia me levaria lá novamente. Mas, por minha culpa, você nunca levou. Bem, eu estou sozinha lá agora... No nosso "lugar especial". Esperando por você.

Não havia dúvida alguma de que Mary havia enviado aquela carta, afinal ela estava escrita com sua própria letra. Há três anos, James havia passado um dia inteiro com ela nessa pequena cidade, e agora ele estava aqui novamente, sozinho. Seu carro estava parado em uma vaga do pequeno estacionamento, com o motor desligado. Mesmo estando em perfeitas condições, não seria mais de muito uso. A rodovia era o problema. O túnel ao final do estacionamento que levava a cidade de Silent Hill estava bloqueado devido às construções. Não havia nenhuma passagem através da pesada e inquebrável cerca que bloqueava a entrada. Não havia outra escolha além de ir por outro caminho.

Após recolher o mapa da cidade dentro de seu carro, James desceu uma escada na extremidade do estacionamento. A cada passo que dava, a neblina se tornava mais densa. Quando chegou a costa do lago, seu campo de visão inteiro foi coberto pela névoa branca. Cada vez mais, James começava a ter uma sensação estranha de sufocamento. Entretanto, mesmo nesta atmosfera pesada, sua mente só conseguia pensar em Mary e na carta.

Em algum lugar distante, um cachorro latia como louco, mas ele o ignorou. James entrou em estado de ânimo, pisoteando o chão enquanto continuava a caminhar.

A carta possuía o nome de Mary escrito no envelope. *Que ideia idiota, é impossível.* Sua testa franziu e ele sacudiu a cabeça em descrença. *Não pode ser verdade.* 

Não poderia ser verdade porque Mary, a sua esposa, havia falecido há três anos devido a uma doença...

Parecia algum tipo de piada de mau gosto, elaborada por alguma pessoa ruim. Uma piada feita para zombar de James, mesmo ele ainda estando de coração partido e sofrendo. Talvez fosse um de seus vizinhos? Ou talvez um de seus colegas de trabalho? Depois da perda de sua mulher, James passou a beber e a disfarçar sua tristeza com explosões de raiva. Isso afetou todos ao seu redor, a ponto de seus colegas de trabalho não quererem mais contato com esse lado dele. Pouco tempo depois, ele passou a ser tratado como um vândalo. Por esse motivo, ele facilmente podia ver alguém guardando rancores contra ele.

Se estendendo ao redor do lago, o fim do caminho estava cercado por árvores e pela mesma névoa densa. Mesmo depois de apenas alguns metros, ele já não podia ver o caminho por onde havia percorrido. A névoa também escondia o magnífico cenário do Lago Toluca, mas James não se importava. Ele não estava ali pela paisagem.

Enquanto caminhava, tudo o que ele podia ver e pensar era no rosto de Mary. Mesmo se James ainda tivesse dúvidas a respeito da carta, ela, junto com as memórias de sua amada esposa, era o que havia o levado tão longe.

Não era surpresa então que, com esse tipo de pensamento em sua cabeça, James se encontrasse desejando um milagre. Ela realmente havia morrido três anos atrás? Ou ela tinha morrido e revivido de alguma forma? Talvez, depois do funeral, e depois que os funcionários e parentes deixaram a sepultura sozinha, Mary tivesse acordado e começado a bater desesperadamente a tampa do caixão. Mas se isso fosse verdade, por que ela teria esperado três anos para entrar em contato com ele? Ele considerou a possibilidade de ela ter tido algum dano cerebral devido à asfixia e sofrido perda de memória. Os funcionários teriam fugido aterrorizados ao ver uma pessoa supostamente morta se mover, deixando ela sem ideia de quem era, ou o que ela estava fazendo ali. Ou talvez, ele pensou, ela poderia ter sido sequestrada por algum coveiro doente...

James apertou seus dentes em frustração. Enquanto ele caminhava, barulho de folhas mortas sendo pisadas saíam do chão. Era irritante como sua imaginação continuava criando um cenário desagradável após o outro, não importava o quanto ele se esforçasse para impedir. Pensando em inúmeras possibilidades, James descobriu que ele tinha um certo medo de encontrar a resposta.

Mas se ela realmente estava viva todo esse tempo e nunca entrou em contato comigo até agora, talvez ela estivesse tentando me evitar? E se ela tivesse fugido e estivesse vivendo com outro homem... esses pensamentos também passaram por sua mente. O coração das mulheres era tão difícil de se entender.

Por um momento, ele sentiu uma onda de ódio lhe queimar, mas ele logo se afogou em seu sentimento melancólico. Mais do que tudo, ele queria ver Mary de novo, e mais do que qualquer outra coisa, ele temia esse encontro. Ignorando sua vontade de recuar, James apressou—se em mover um pé à frente do outro, como um sonâmbulo.

Subitamente, ele parou e prendeu a respiração. Logo a frente dele, uma forma humana apareceu na neblina.

#### Poderia ser Mary?

Mas não era a sua esposa. Olhando mais de perto, ele viu uma mulher de cabelos negros, parada e observando uma lápide. Sem nem mesmo perceber, James havia entrado em um cemitério. Sentindo a presença de James, a mulher soltou um suspiro de surpresa e virou—se para o olhar. Ele a cumprimentou.

- Desculpe, não queria lhe assustar. Estou procurando por uma cidade chamada Silent Hill. Você poderia me dizer se estou indo na direção correta?
- Ci-cidade? Você está indo para a cidade? A mulher virou a cabeça em dúvida, a surpresa em seu rosto era ainda maior do que quando percebeu a presença de James.
   Embora ela tivesse traços jovens e bonitos, seu rosto parecia cansado como o de uma pessoa idosa.
  - Sim, estou. James respondeu.

A jovem mulher hesitou por um momento, então respondeu. – Sim, este é o caminho correto. Eu sei que está um pouco difícil de se ver... você sabe, por causa da névoa, mas... há somente a rua principal, e–então não tem como se perder.

- Muito obrigado.
- Mas...
- Sim?
- Seria melhor... se você não fosse.
- Hm? Por que você diz isso?
- Humm... Porque aquela cidade... é um lugar estranho. Eu não consigo explicar muito bem, mas... é perigoso lá.
  - Só por causa de toda essa névoa?
  - B−Bem... não é só isso. É que... que...

Em que ela estava pensando para que suas palavras soassem tão nervosas? Não parecia que ela iria conseguir dizer algo, então parecia inútil esperar alguma resposta. – Certo. Eu tomarei cuidado, obrigado.

Ei, eu não estou inventando isso!
 A mulher gritou assim que James começou a se afastar.
 Eu vim para essa cidade porque eu preciso encontrar a minha mãe. Eu não a vejo a muito tempo.
 E essa ci-cidade...
 Sua voz estava histérica.

James não sabia o que tinha feito a mulher, que antes havia falado por sussurros, gritar daquele modo. Obviamente ela tinha seus próprios problemas, e a mesma coisa poderia ser dita sobre James. Era melhor não se preocupar com aquilo no momento. Isso não queria dizer que James não acreditava no que a mulher havia dito, mas se ele realmente queria ver Mary, ele teria que continuar apesar de qualquer perigo.

Deixando a problemática mulher para trás, James passou pelo cemitério e encontrou um caminho por uma estrada que se estendia pela floresta próxima ao lago. Novamente, seus pensamentos retornaram para Mary. A sua carta dizia "Eu espero você no nosso "lugar especial", mas o que ela queria dizer com isso? Ele procurou entre todas as suas memórias enterradas de três anos atrás. Os dois locais que mais se destacaram foram o parque e um hotel.

Ele lembrou de como os dois haviam gasto uma grande quantia de dinheiro para alugar uma suíte de luxo, e como haviam pedido comidas extravagantes do serviço de quarto. Certo dia, enquanto passeavam pela cidade, eles encontraram o parque situado no lago. Os dois se sentaram em um banco e, juntos, assistiram os barcos irem e voltarem sobre as águas cintilantes. Eles acabaram ficando o dia inteiro lá, somente apreciando a paisagem e a companhia um do outro. Mas a questão permanecia: Mary estaria esperando por ele no parque ou no hotel?

Pouco tempo depois, o som das folhas mortas esmagando-se sob os seus pés pararam e o caminho de terra deu lugar a uma estrada de asfalto gasto. A estrada levava a um túnel que passava sob a rodovia, que teria tornado a viagem mais rápida e fácil se apenas não tivesse sido bloqueado, James continuou seguindo a estrada, que se curvava e seguia ao longo do rio, finalmente chegando à rua principal da cidade.

James pegou o seu mapa e o examinou. Aparentemente, ele estava na Sanders Street, que se localizava no lado leste da cidade. Se ele continuasse seguindo a oeste dali, deveria chegar ao centro de Silent Hill.

Os passos de James ecoavam ameaçadoramente enquanto ele seguia pela rua vazia. Na verdade, seus passos eram os únicos sons que ele escutava. Nenhum dos barulhos normais de uma cidade movimentada pareciam estar presentes. Claro, era uma cidade bem pequena, mas esse tipo de silêncio não lhe parecia natural. E com o local coberto com tanta névoa, seria muito difícil conseguir ver algo caso alguém tentasse dirigir através da cidade.

Fazia sentido que as escolas e o comércio estivessem fechados, e que as pessoas estivessem escondidas em casa, esperando o tempo melhorar. Sendo assim, suas chances de conseguir um táxi pareciam pequenas. Pelo lado bom, mesmo que tivesse que andar, o parque ficava localizado a apenas meia hora de distância.

Ele ainda estava preocupado com Mary e esperava que, onde quer que ela estivesse, ela permanecesse lá, assim toda essa jornada não seria em vão.

Quando James se aproximou do cruzamento na Rua Lindsey, ele avistou algo perturbador. Uma larga mancha de sangue corria por toda a calçada como se tivesse sido pintada por uma escova gigante. James recuou, em choque. Avistar algo tão intimamente ligado à morte lhe abriu feridas emocionais.

Ele ficou sem reação por um momento, com os olhos fixos na mancha vermelha. Pela aparência, parecia ser recente. Era óbvio que um crime terrível havia sido cometido sob o manto da neblina, mas não importava para onde ele olhasse, ele não via vestígios da vítima. Não parecia que ela havia sido levada para o hospital, pois se esse fosse o caso, a polícia teria interditado a área.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de passos, como pés descalços batendo contra a calçada. Olhando adiante, James avistou uma figura humana borrada saindo das profundezas do nevoeiro.

#### - Ei, espera!

James começou a ir atrás da figura. Desde que perdeu a sua esposa, ele sempre ficou indiferente ao resto do mundo. E por mais que ele quisesse apenas ir embora e esquecer que viu a calçada manchada com sangue, isso era algo que ele simplesmente não poderia deixar passar. Não havia maneira dele se convencer a abandonar alguém que provavelmente estava morrendo, dada a quantidade de sangue deixada para trás nos rastros da pessoa.

Não importava o quanto James gritasse ou chamasse por ele, a pessoa em fuga não parava. Talvez ela estivesse achando que James era seu agressor. Apesar do andar cambaleante da figura, ela se movia de forma rápida, e a distância entre os dois aumentava ainda mais com cada passo.

Conforme ele fugia, um rastro de sangue salpicado era deixado na estrada atrás deles, indo do Norte ao final da Rua Lindsey, então virando para a direita. A trilha então seguiu na direção nordeste com a Avenida Nathan – a estrada principal que levava para fora da cidade. James foi parar em uma estrada de terra, alinhada em ambos os lados com um emaranhado de cercas de arame farpado, como um canteiro de obras, levando a um túnel ainda em construção. Não havia um trabalhador sequer à vista. A figura que ele estava seguindo também estava longe de ser encontrada.

De repente, um estrondo ecoou da entrada do túnel. Esse lugar havia sido construído para ir para fora da cidade e a única coisa que bloqueava o caminho era um pedaço de madeira cravado na entrada do túnel, formando uma barricada rudimentar - da qual era muito fácil de passar.

No chão havia um pequeno rádio portátil. Ele provavelmente pertencia a algum dos trabalhadores da construção civil para que ele pudesse ouvir músicas enquanto trabalhava. Mas, por qual razão ele iria deixar o seu rádio para trás?

James apertou o botão "ligar". Instantaneamente, o rádio soltou um barulho ensurdecedor que não apenas feria os seus ouvidos, mas que também lhe causava uma sensação estranha. Eu não toquei no volume, mas a estática continua aumentando...

Um som de pés andando sobre escombros e destroços se intensificou. Das profundezas do túnel surgiu uma figura incomum que certamente não era humano. James observou o que era.

Os braços da coisa pareciam ser fundidos ao seu corpo com uma carne podre. Lhe faltavam olhos, nariz, boca ou qualquer outra coisa que poderia lhe identificar como um ser humano. A coisa cambaleou para a frente, como se estivesse embriagada, enquanto a parte superior de seu corpo se contorcia sem parar. Ela não parecia estar machucada, então como ela deixou uma trilha de sangue fresco? James se deu conta de que esse monstro se contorcendo não era a vítima, mas sim o agressor.

Com todo o seu corpo trêmulo, James começou a recuar lentamente. Aterrorizado, ele estava preocupado em não deixar a criatura grotesca se aproximar. Ele quis escapar. Ele quis fugir. Seria tão fácil apenas dar a volta, subir de volta pela barricada e fugir, mas ele não fez isso. Ao se virar, ele arrancou um pedaço de madeira da barricada e, cheio de determinação e raiva, se preparou para usá-lo como arma. Por que ele escolheu fazer algo tão irresponsável e estúpido como seguir aquela coisa? Nem mesmo ele sabia.

A razão para ele querer acabar com aquela coisa não tinha nada a ver com qualquer senso de justiça, era apenas o nojo que ele sentia.

Reunindo todas as suas forças, James desferiu um golpe com o pedaço de madeira, mirando a cabeça do monstro, que se contorcia. A criatura recuou e, apesar de não ter uma boca, soltou um penetrante som agudo. Ele desferiu os golpes várias vezes, até perder a conta. Seus braços ficaram doloridos e cansados.

Gravemente ferido, o monstro caiu no chão, repousando o que deveriam ser os seus braços sobre destroços espalhados. Apesar da surra que levou, a criatura continuou a se contorcer no chão por alguns instantes, até que finalmente ficou muda.

#### – Está morta…?

Por segurança, James cutucou a criatura com o pedaço de madeira. Não havia sinal de vida. Agora que ela estava no chão, sobre uma poça de sangue, se assemelhava muito mais a uma lesma pegajosa do que a um ser humano. O seu rosto inexpressivo foi esmagado com muita força, e estava vazando fluídos por toda parte.

Não havia dúvidas de que a terrível criatura estava morta.

#### - Que merda foi essa?

Não importava o quanto ele a observasse, ou o quanto ele tentasse racionalizar a existência daquele monstro, nada fazia sentido. *Poderia ser um tipo de cobaia que escapou de um laboratório?* Ele pensou em possibilidades similares a essa em sua mente. Ele deu o seu máximo para tentar acreditar nas hipóteses.

James deixou de lado as suas suposições inúteis e jogou fora o pedaço de madeira ensanguentado. Ele estava prestes a fazer o caminho de volta pela barricada e deixar o túnel, quando novamente o rádio chamou a sua atenção. Ele encarou aquilo com desconfiança.

Quando a criatura surgiu, o rádio estava emitindo um ruído. Mas quando ele a matou, o rádio ficou em silêncio. E agora, de repente, ele começou a fazer barulho novamente. James olhou ao redor, preocupado com a presença de outro monstro. Mas o som era diferente, de algum modo.

Ao ouvir cuidadosamente, ele conseguiu escutar a voz de uma mulher. James suspirou. *Mary!* Aquela era a voz da Mary! Ele pegou o rádio e ouviu mais de perto. A voz de Mary o chamava pelas rajadas de estática.

```
"Ja... estou... qui.... Venha par... eu... si... alg... p... voc... e... tou... Jam...
```

James segurou o alto-falante do rádio contra o seu ouvido, tentando ouvir melhor. Mas a voz de sua esposa desapareceu, e tudo o que ele conseguia ouvir era a estática novamente. Ele bateu no rádio e apertou todos os botões, mas não importava o que ele fizesse, a voz não disse nada mais.

Quando desistiu, ele colocou o rádio no bolso da jaqueta, deixando-o ligado por precaução. Quem sabe Mary não conseguiu chegar até a Torre de Rádio da cidade e estava tentando chamá-lo? Talvez a real intenção por trás da carta era trazê-lo suficientemente perto da cidade para conseguir esse sinal. Mas se fosse verdade, então por que ele não conseguiu o sinal no rádio do carro no caminho para cá? E como este rádio quebrado idiota pode ser a única coisa a captar o sinal?

James refez o caminho até voltar à cidade. Entretanto, havia um pequeno problema: ele não tinha ideia de onde era o hotel onde sua esposa poderia estar. Ela mal se lembrava do nome. Ele olhou o seu mapa de Silent Hill, mas o prédio não parecia estar em lugar nenhum. Pelo menos ele não conseguia o identificar. Com um pouco de sorte, ele abordaria algum dos residentes da cidade logo, então ele poderia se informar melhor sobre o caminho.

Ele começou a caminhar para o norte, pela Rua Lindsey. Depois foi para o oeste na Avenida Nathan.

Ao norte da Avenida Nathan era um de seus ''lugares especiais''. O Parque Rosewater. Como ele não estava conseguindo achar o hotel, por enquanto ele iria para o parque.

De repente, James notou duas pessoas surgindo de um beco. *Maravilha*. Talvez agora ele pudesse obter informações e respostas.

 Ei, você aí! – James gritou para chamar a atenção, e então correu para tentar encontrá-los.

Entretanto, ele ficou em choque quando um barulho familiar veio do bolso de sua jaqueta. O rádio havia voltado a emitir o som de estática. Infelizmente, sua voz chamou a atenção deles, e as figuras desfocadas o olharam.

Conforme elas se aproximavam pela névoa, tornou-se mais claro que algo estava muito errado. Enquanto andavam, elas se contorciam. Eram monstros, novamente. Exatamente como o que ele havia encontrado no túnel. *Um grupo dessas coisas horríveis teria escapado de um laboratório em algum lugar? O que está acontecendo?* 

Apenas ao observar as criaturas se contorcerem em agonia lhe trouxe de volta o mesmo sentimento de nojo. Ele queria destruí-las, esmagar as suas cabeças como fez com a outra – qualquer coisa que pudesse fazer para acabar com a existência daquelas criaturas terríveis.

De repente, James percebeu que ele havia deixado a sua "arma" para trás, aquele pedaço de madeira. Por um momento, ele pensou em usar os próprios punhos, mas só de pensar em tocar aquela carne repulsiva das criaturas lhe trouxe calafrios à espinha. E o pior era que ele estava em desvantagem: eram dois contra um. Talvez dessa vez fosse melhor evitar esse conflito desnecessário.

Após tomar a decisão de evitá-las, James virou-se e correu em direção ao Sul, antes que as criaturas pudessem se aproximar ainda mais. Ele correu para a Rua Katz, uma estrada que ia do Leste para o Oeste pelo centro da cidade. Então, ele fez um desvio para a Rua Neely. Os movimentos dos monstros, que tentavam se aproximar, pareciam ficar mais lentos e a cada passo de James eles pareciam mais e mais distantes, até desaparecerem na névoa.

Enquanto corria, James percebeu que quanto mais longe ele ficava dos monstros, mais suave era o som emitido pelo rádio. *Poderia ser uma resposta à presença daquelas criaturas? Como um rádio quebrado poderia fazer algo assim?* Qualquer que fosse a explicação, se isso pudesse ajudá-lo a se proteger, definitivamente valia a pena mantê-lo por perto.

Embora os monstros tenham ficado para trás e não pudessem ser mais vistos, o rádio ainda não estava totalmente em silêncio. James correu linearmente através da interseção da Rua Martin e Rua Katz, passando o cruzamento na Rua Neely logo em seguida. Ele apenas tinha que continuar indo em frente. Ele então olhou para a Rua Munson quando outra criatura veio em sua direção.

– Que merda é essa!? – James gritou, incrédulo. – Essas coisas estão vagando por todos os lugares. Elas tomaram a cidade?

A Rua Katz parecia estar dominada por essas criaturas, deixando James sem direção para ir. James ficou paralisado de horror e só conseguia olhar para as sombras distorcidas, dançando no nevoeiro. Mesmo se ele tentasse correr mais uma vez, não haveria como ele voltar para a Avenida Nathan. No momento de desespero, se lembrou do alerta que a mulher no cemitério lhe deu. Naquele momento ele não havia levado a sério, mas agora...

Ele deveria tê-la ouvido. Deveria ter dado meia volta e ido embora quando teve a chance. Mesmo após encontrar o primeiro monstro, deveria ter simplesmente ido embora desta cidade louca, mas ele não podia. Essa busca desesperada por Mary... ele simplesmente não podia desistir. Só a possibilidade de a ver novamente, mesmo que só uma vez, já era suficiente para fazê-lo continuar, mesmo agora que as coisas estivessem se tornando perigosas e sem nenhum sentido. Mary era o motivo para ele continuar vivendo, mesmo que significasse arriscar a sua vida.

#### - Vai à merda, então!

James seguiu em frente, rezando para que encontrasse uma brecha entre os monstros ou conseguisse empurrar uma das criaturas e passar por elas. No momento em que ele avançou sobre o primeiro corpo retorcido, a névoa pareceu mudar de cor diante de seus olhos, e a sua boca e nariz começaram a queimar com um cheiro podre e atordoante.

James tentou se esquivar do primeiro monstro, mas ao passar próximo da criatura, ele foi subitamente tomado por uma tosse violenta e a sua boca ficou dormente, como se tivesse recebido uma anestesia. Era veneno. Agora essas criaturas estavam vomitando veneno no ar. Como diabos elas poderiam cuspir veneno se elas não tinham bocas?

Conforme outro monstro ia em sua direção, ele ergueu os olhos para finalmente ver que o corpo da criatura estava dividido por uma rachadura vertical, indo de seu pescoço até a sua cintura – suas obscuras e molhadas tripas estavam totalmente visíveis.

A criatura inclinou-se para trás. James sentiu que ela estava se preparando para lançar mais um de seu veneno, mas ele não iria deixar isso acontecer. Com força, chutou o monstro, atingindo seus pés e deixando-o se contorcendo na calçada. A ausência de braços fazia com que ele se movesse inutilmente, tentando se levantar outra vez. James começou a chutar a criatura enquanto ela estava distraída.

#### – Morra de uma vez!

Suas botas pesadas romperam facilmente a pele macia da criatura, deixando-a coberta por um fluído avermelhado e pegajoso. O monstro gritou e teve convulsões com cada chute de James. Contorcendo-se, começou a bater as pernas violentamente, conseguindo rastejar-se pelo chão. No começo James achou que a criatura estava tentando fugir, mas em um rápido momento ela se virou e atirou-se diretamente para cima dele. Ela estava tentando contra-atacar.

James começou a se sentir mal. Todo o seu corpo tremia e ele estava começando a se sentir tonto, sem dúvidas era por causa do veneno, ou o que fosse aquilo. Isso não era nada bom. Se ele não saísse logo dali, não tinha como saber quanto mais iria aguentar.

Ele deu um passo trêmulo para trás e as suas costas bateram em uma cerca de arame, fazendo barulho. *Espera, poderia ser um portão?* James se virou e viu que, de fato, era uma cerca com um portão. Ele o empurrou e correu para o outro lado. Em seguida, o fechou e trancou. Agora ele estava protegido daquelas criaturas.

Atrás dele estava um edifício de apartamentos com três andares. Suas tábuas velhas e pintura gasta refletiam a sua idade. Junto à porta de entrada havia uma placa igualmente velha que dizia:

APARTAMENTOS WOODSIDE

## ALGUÉM ESTÁ À ESPREITA

Após conseguir escapar para um lugar seguro, ao menos por enquanto, James resolveu se sentar no chão para recuperar o fôlego. O que teria acontecido se ele não tivesse entrado por aquela cerca?

A cerca de arame tremia enquanto o nevoeiro dançava junto com ao vento. Os monstros pareceram sentir que haviam perdido sua presa, então desistiram de procurar pouco tempo depois. Logo já não havia corpos se contorcendo que pudessem ser vistos.

Assim que seu coração desacelerou e o seu suor frio cessou, James finalmente ficou de pé. Ele ainda sentia suas bochechas um pouco adormecidas, mas no geral, ele não se sentia tão mal quanto antes. Ao menos, ele não teria mais que se preocupar em morrer envenenado.

Apartamentos Woodside... O que o esperava do outro lado da porta? Parecia uma sorte incrivelmente boa ter esbarrado neste lugar. E se fosse Mary que o tivesse guiado até ali?

Próximo a entrada do apartamento, havia uma lixeira velha, cheia de lixo acumulado dos residentes. James caminhou até ela e abriu a tampa. Ele retirou uma folha de um amontoado de jornais velhos. Antes de entrar, ele precisava se limpar um pouco. Se Mary realmente estivesse viva e o esperava ali, ele não queria a encontrar com as botas sujas de sangue.

Com o velho jornal, ele limpou o sangue da criatura o melhor que conseguiu.

James olhou para o título de uma das matérias:

#### HOMEM COMETE SUICÍDIO COM COLHER!

Curioso com aquilo, James passou a dar uma melhor olhada. Havia sido impresso em o que aparentava ser um jornal de notícias locais. Ele não sabia o motivo, mas aquilo havia chamado sua atenção.

A polícia anunciou hoje que Walter Sullivan, suspeito do assassinato brutal dos irmãos Billy e Miriam Locane em Silent Hill, no fevereiro passado, cometeu suicídio. Ele foi preso pelos assassinatos no dia 18 deste mês e foi encontrado morto na manhã do dia 22. De acordo com o pronunciamento oficial, Sullivan se matou usando a colher que acompanhava sua refeição noturna. Sullivan atacou o lado esquerdo do seu pescoço, próximo a artéria carótida. A colher entrou pelo menos dois centímetros em seu pescoço e o sangue escorreu pelo ferimento. No momento em que os policiais o encontraram, ele já estava morto.

Colegas da cidade natal de Walter Sullivan, Pleasant River, disseram: "Ele não parecia o tipo de cara que sairia por aí matando crianças. Ele sempre foi muito quieto na escola, mas ele era uma boa pessoa. Eu o encontrei uma vez, logo antes da sua prisão, ele disse um monte de coisas esquisitas. Coisas do tipo 'Ele está tentando me matar. Me punir. O demônio vermelho. Aquele monstro. Por favor me perdoe, eu fiz aquilo... Mas não fui eu. '... Pensando melhor, ele de fato era um pouco estranho".

Quando terminou de ler, James esfregou seu pescoço. Por que ele estava tão fascinado com aquilo? O método do suicido parecia uma maneira tão lamentável de se morrer. Mas aquele homem era apenas mais um prisioneiro e esse tipo de notícia era algo comum. Coisas como essa ocorriam o tempo todo. Entretanto, as palavras impressas nas páginas pareciam queimar na sua mente, e ele não conseguia parar de pensar nelas. *O demônio vermelho...* 

Ele sacudiu a cabeça. *O que isso tinha a ver com Mary? Pedaço de lixo estúpido*. Usando a página amassada do jornal, ele continuou limpando as botas até que estivessem razoavelmente limpas e então finalmente se aproximou da porta da frente do apartamento. As dobradiças rangeram quando ele a empurrou e os ecos de seus passos preencheram o local.

Estava quase completamente escuro. Devido ao tempo ruim, mal havia luz dentro da sala e não havia nenhuma lâmpada acesa. O gerente devia ter desligado a energia. Depois de um tempo, os olhos de James se acostumaram à escuridão e ele foi capaz de ver a estreita sala um pouco melhor. À esquerda, estava o que parecia a porta dos fundos, e para a direita havia uma escadaria que desaparecia na escuridão. Ele cuidadosamente andou pela sala escura. Todas as portas no recinto estavam trancadas. Ele tentou, mas nenhuma delas se moveu um centímetro.

#### - Olá? Tem alguém aqui?

James bateu com força nas portas, mas ninguém atendeu. Parecia que não havia outra escolha a não ser tentar os andares superiores. James subiu as escadas e ficou aliviado em encontrar uma porta no segundo andar que estava destrancada, mas não havia nada de interessante lá dentro. Ao voltar para o corredor, ele notou que ele estava ainda mais escuro do que antes. A única parcela de luz vinha de uma janela no lado norte.

- Mary! - James gritou, na escuridão. - Sou eu, James! Eu estou com a sua carta e vim te encontrar!

Ao não ouvir nenhuma resposta, James começou a caminhar pelo corredor. Ele batia nas portas uma por uma, enquanto falava. — Vamos, por favor, abra! Eu estou procurando por uma mulher chamada Mary, alguém a conhece?

Mesmo quando ele girava e sacudia as maçanetas, nenhuma das portas abria. Por que ninguém estava respondendo? James estava começando a se sentir frustrado. Esse lugar não deveria ser desabitado – ele certamente já deveria ter visto sinais de vida em algum lugar. Mas ele não podia ouvir passos em lugar nenhum. Os Apartamentos Woodside estavam tão silenciosos como se tivessem sido abandonados.

James continuou pelo corredor, com o piso de madeira estalando a cada novo passo. Quando chegou ao apartamento 205, ele se surpreendeu ao girar a maçaneta e a encontrar destrancada. Ele cautelosamente espiou o interior.

- Com licença? - James disse em uma voz baixa. Tendo perdido a paciência com a ausência de resposta, ele não esperou muito tempo antes de entrar sem permissão. As luzes do apartamento estavam apagadas, mas havia uma outra fonte de iluminação. Por trás dessa luz estava uma sombra humana que James tomou como sendo o habitante do apartamento.

– Desculpe me intrometer desse jeito. Eu estou procurando por alguém. Você... – James se calou. Enquanto ele se aproximava, ele percebeu que era inútil tentar falar com a pessoa. Vestindo apenas uma blusa, saia e um pequeno casaco, a figura o encarava de volta com uma face em branco. Era apenas um manequim de costura. A mulher que vivia aqui devia trabalhar como costureira em casa. Mas algo sobre as roupas que o manequim estava usando parecia apertar seu coração.

Então, ele percebeu – aquelas eram as roupas que Mary estava usando na mesma foto em que ele sempre carregava. *Isso poderia significar que ela estava por perto?* As esperanças de James cresceram com esse pensamento. *Como isso é possível?* 

A luz que iluminava o apartamento vinha de uma pequena lanterna presa a um laço, que estava pendurada no manequim, como se fosse um colar. James pensou na situação. *Talvez o morador estivesse usando o manequim para iluminar o lugar por causa da queda de energia?* O manequim estava posicionado de uma forma que iluminasse o lugar inteiro. Mas James não tinha ideia de porque alguém deixaria a luz acesa e a porta destrancada enquanto não estivesse por perto.

Vendo que a pessoa não estava ali no momento, James decidiu pegar a lanterna "emprestada". Ele a tirou do manequim e prendeu próxima de seu pescoço. Pelo menos agora ele poderia vasculhar os apartamentos mais facilmente. Ainda assim, ele se sentia um pouco culpado. Primeiro uma invasão, e agora um roubo? Mas ele não tinha nenhuma má intenção — ele só queria encontrar Mary.

Deixando o quarto 205 para trás, ele continuou pelo corredor que se estendia do norte ao leste do primeiro corredor. Imediatamente depois de virar uma das esquinas, ele parou. Ruídos de estática começaram a emanar do rádio no bolso de seu casaco. A luz da lanterna iluminou o que parecia ser uma figura nua de pé no meio do corredor.

A figura não parecia ter cabeça. James pensou por um momento, em tom de brincadeira, que talvez o manequim do 205 estivesse furioso com ele por ter roubado sua lanterna e o tinha perseguido até aqui para pegá-la de volta. O pensamento bobo trouxe um sorriso amargo ao seu rosto. Ainda assim, ver aquela coisa de pé ali fez com que ele ficasse um pouco nervoso. Isso e o fato de que, quando o rádio fazia barulho, provavelmente havia algum daqueles monstros por perto.

Ele deu alguns passos cautelosos à frente para dar uma olhada mais de perto no manequim. Seu corpo estava curvado e em uma posição que parecia... obscena. Primeiro ele pensou que havia algo estranho com os braços, mas agora ele podia ver que, na verdade, não haviam braços. Na cintura do manequim, onde o torso deveria começar, estava um outro par de pernas. Esses membros extras estavam ambos dobrados e torcidos em posições anormais. O manequim tinha um estilo surreal, quase de uma forma artística.

Subitamente, ele se moveu. Contorcendo suas pernas extras, o corpo do manequim começou a oscilar para trás e para frente. Os olhos de James se arregalaram, aterrorizados. Essa *coisa* não era um manequim. Era outro monstro. Apesar de ter uma forma diferente dos que havia encontrado na rua, ele não tinha dúvidas de que estavam relacionados de alguma forma.

Estranhamente, ele percebeu que ser confrontado por esse ser deformado não trazia à tona os mesmos sentimentos de ódio e nojo que os outros monstros provocavam. Apesar disso, se ele representasse metade do perigo que os outros representavam, ele não queria ficar por perto.

Deixando a criatura em forma de manequim para trás, James deu a volta e correu para o corredor principal do segundo andar. Porém, sua lanterna também iluminou uma figura deitada no chão que se contorcia de uma maneira muito familiar. Essas coisas realmente estavam se espalhando nessa cidade. Primeiro elas tinham infestado as ruas, agora elas tinham se espalhado pelo edifício de apartamentos. Ao menos isso explicava o porquê de não haver ninguém ali. Os moradores provavelmente estavam todos enfiados em seus quartos, se escondendo dessas horríveis criaturas ou teriam fugido, como a pessoa do apartamento 205.

Estava ficando claro que o segundo andar não era um bom lugar para se estar. Indo para a escadaria à sua esquerda, ele começou a andar rumo ao terceiro andar. Ele hesitou por um momento. O que ele faria se também houvessem monstros no terceiro andar? Ele devia tentar sair do edifício? Mas se ele fizesse isso, ele teria que considerar a possibilidade de deixar Silent Hill. Ele tinha ido tão longe, o mínimo que ele podia fazer era continuar tentando.

Ele abriu apenas um pouco a porta para o corredor do terceiro andar e cuidadosamente tentou ouvir quaisquer sinais de monstros vagando por ali. Ele não tinha certeza, mas tudo parecia silencioso.

Quando ele abriu a porta e entrou no corredor, ele conseguiu ver que grande parte da área estava bloqueada por uma grade de metal que dividia o lugar. *Essa grade teria sido instalada como medida de segurança contra os monstros?* Se o outro lado daquelas barras fosse um lugar seguro, existia uma boa chance de Mary estar lá com os outros moradores. Agora que ele pensava nisso, James desejava estar lá também — qualquer lugar era mais seguro do que aquele.

Ele tentou chamar o nome de sua esposa através das barras de ferro, mas ainda não havia resposta. Por mais preocupado que ele estivesse com a segurança de Mary, não havia como ele passar por aquelas grades.

Se virando, ele viu um pequeno corredor no qual haviam duas portas alinhadas lado a lado. Ele podia muito bem checá-las. *Não é como se eu tivesse outro lugar para ir*, James pensou. A porta para o apartamento 302 não abriu, mas a do 301 estava destrancada. Porém, o apartamento estava completamente vazio. Sem móveis, sem nada. Apenas com um solitário carrinho de compras abandonado no meio da escuridão. *O que uma coisa dessas estava fazendo aqui?* 

James encarou o carrinho com um pouco de suspeita. Ele avistou algo brilhante refletindo a luz de sua lanterna. Chegando mais perto, ele olhou seu interior.

Era uma arma.

James a pegou e examinou. Ele mal podia acreditar em sua sorte. Não só a pistola estava totalmente carregada, como havia uma caixa com munições reservas ao lado. Um sorriso surgiu em seu rosto. Ele agora não iria precisar correr daqueles monstros.

Colocando as balas extras no bolso de seu casaco junto com o rádio, ele começou a elaborar um plano. *Agora que tenho uma arma, eu posso continuar investigando o segundo andar*. Agarrando a arma fria, James deixou o apartamento 301.

Refazendo seus passos através do sombrio corredor, ele foi em direção a escadaria. Antes que descesse para o segundo andar, ele avistou de relance algo perto das grades que bloqueavam a passagem. *Como eu não vi isso antes?* 

Sob a luz de sua lanterna, ele viu um pequeno objeto caído no chão logo do outro lado das grades. Era uma chave, caída perto o bastante para que ele fosse capaz de pegá-la. Talvez ela abrisse alguma das portas? Ele foi em direção as grades novamente e colocou sua mão para tentar alcançá-la. As pontas de seus dedos tocaram na fria chave.

Esticando seu braço o mais longe que pôde, James tentou puxar a chave para mais perto. Só faltava mais um pouco...

De repente, James sentiu a presença de outra pessoa. Antes que ele pudesse ver o que estava acontecendo, um sapato surgiu na frente de seus olhos e com um golpe chutou a chave para longe.

- Ei! Seu grito se transformou em um grito de dor quando o pé aproveitou a oportunidade para ainda pisar em seus dedos. Tomado pela raiva, James se virou para o brincalhão. Do outro lado das grades, ele viu as costas de uma garotinha enquanto ela fugia, com sua risada ecoando pelo corredor.
  - Idiota! Ela insultou James uma última vez antes de desaparecer.
- Ei, volte aqui! Mesmo se a garota o tivesse ouvido gritar, ele duvidava que voltaria.- Droga...

James resmungou baixo enquanto puxava sua mão dolorida de volta. *Que pirralha idiota*. Mas de certo modo, vê-la era uma boa notícia. Isso era a prova que deviam haver algumas pessoas se escondendo na parte bloqueada do terceiro andar. A aparição da garota foi o bastante para manter viva a possibilidade de que Mary estivesse bem. Mesmo com a dor em sua mão e a raiva da garota, um sorriso se abriu no rosto de James. Não perdendo mais tempo, ele começou seu caminho de volta para o segundo andar.

Um violento grito quebrou o pesado silêncio perto do corredor do segundo andar. Apesar do som vir do corredor que ia para o norte, o grito soou levemente abafado, como se tivesse vindo do andar superior. O primeiro pensamento que veio à mente de James era Mary, mas então ele relembrou a imagem da pequena garota fugindo. Por mais irritante que ela tenha sido, ele certamente não desejava que ela tivesse sido atacada por um monstro. Ele não podia desejar esse tipo de morte para ninguém.

Correndo na direção dos gritos, James mais uma vez ficou de frente com um monstro, que bloqueava o corredor norte. Sem hesitação, James mirou sua arma na direção da criatura.

– Saia do meu caminho!

O monstro gritou e se encolheu quando uma chuva de balas perfurou seu corpo, espalhando gotas negras de sangue nas paredes. Nesse momento, James sentiu uma onda de euforia. Não havia mais necessidade de se virar e fugir, ele finalmente podia manter sua posição e lutar. Apesar desse monstro ser seu inimigo, ele não considerava suas ações como "assassinato". Não, isso era diferente. Parecia mais como se ele estivesse tomando o controle da situação, como se ele finalmente tivesse uma vantagem.

Passando por cima do cadáver da criatura, que agora estava caída e imóvel sobre uma poça de sangue, James se apressou pelo corredor. Porém seu coração quase parou quando a luz de sua lanterna iluminou outra porta bloqueando seu caminho. Logo do outro lado, ele podia ver uma escada que sumia nas sombras. Aquele *tinha* que ser o caminho para a parte principal do terceiro andar. Agindo impulsivamente, James se virou e girou a maçaneta da porta mais próxima. Felizmente, a porta estava destrancada. Ele a abriu e entrou no apartamento de número 208.

Esse apartamento era ao lado do apartamento 209, que se localizava do outro lado das grades de ferro. Se ele pudesse de alguma forma quebrar a parede que separava os dois apartamentos, ele seria capaz de chegar ao outro lado e à escada. Esse era o plano de James. Correndo da sala de estar para o quarto, ele foi capaz de encontrar a parede mais ao norte. No meio da parede havia um enorme objeto retangular. Parecia ser um grande relógio antigo. James o empurrou para fora de seu lugar e o relógio se moveu facilmente sobre o chão.

#### - Mas o que...

Ele olhou para a parede, de boca aberta, sem acreditar no que via. Havia um buraco na parede atrás do relógio. Era exatamente do que ele precisava.

Esse edifício, mesmo que ele parecesse bonito do lado de fora, os apartamentos estavam caindo aos pedaços. O proprietário deveria ter uma renda realmente baixa se precisou usar o relógio para cobrir o buraco na parede até que ele pudesse ser consertado. Felizmente eles nunca consertaram. Agora James não teria que gastar sua energia quebrando uma parede.

Novamente no corredor, James correu para as escadas que levavam novamente ao terceiro andar, mas dessa vez do outro lado das grades. *De onde aquele grito tinha vindo?* 

Com poucas opções restantes, James resolveu checar todos os apartamentos. Como no primeiro andar, todas as portas pareciam trancadas até que ele chegou na porta do apartamento 307. James parou, e colocou sua mão na maçaneta. Ele conseguia ouvir um barulho extremamente baixo que vinha do interior daquele apartamento. Abrindo a porta cuidadosamente, ele entrou. Inicialmente ele não podia ver nada lá dentro, apesar do barulho continuar. Qualquer que fosse a fonte daquele som, ela era o bastante para fazer o chão tremer.

#### - Mary?

O nome de sua esposa soou quase como um sussurro por conta da respiração presa em sua garganta. James ficou estático. No momento em que percebeu uma sombra se movendo na parte de trás da sala, já não havia mais tempo para escapar.

Nesse momento, a porta aberta de um armário chamou sua atenção e ele se escondeu rapidamente dentro dele. Ele não queria olhar, mas não podia evitar. Tremendo, James espiou pelas frestas da porta de seu esconderijo.

Na escuridão, ele conseguiu ver a forma de três monstros que pareciam estar envolvidos em uma espécie de *luta*. Dois deles eram como as criaturas manequim que ele havia encontrado no corredor, mas o terceiro era diferente. Ele era completamente diferente dos outros. Era um homem alto, e parecia ter uma enorme cabeça triangular de metal avermelhada pela ferrugem.

Era um demônio. Ao menos, foi o que James pensou. Um demônio vermelho. As palavras impressas no artigo do velho jornal ressurgiram em sua mente. Seria esse o mesmo medo que Walter Sullivan sentiu quando ele viu essa criatura bizarra? Certamente essa coisa tinha a aparência apropriada para ser chamada de demônio. Diferente dos outros monstros, essa criatura usava um pano sujo amarrado em sua cintura, como uma grande toalha, e grandes botas negras.

Por mais que os manequins lutassem para se soltar, eles eram dominados pela força do monstro pirâmide. Parecia que ele estava... estuprando os manequins, de alguma forma. Com seus largos músculos ele foi capaz de arrancar a vida das criaturas tão facilmente como se não fossem nada. Sujos por seu próprio sangue, os dois manequins foram descartados sobre o chão. Nenhum deles se moveu. A visão dos dois cadáveres distorcidos causou um calafrio na espinha de James, enquanto gotas de suor frio desciam por seu rosto.

Subitamente, como se sentisse sua presença, a criatura virou sua cabeça com o imenso capacete de metal triangular na direção das portas do armário. O coração de James começou a bater mais forte. Ele ficou tão chocado com a horrível cena que tinha acabado de presenciar que não notou os ruídos de estática que eram emitidos por seu rádio. Ele enfiou a mão freneticamente em seu bolso e o desligou. Sentando-se no armário, completamente paralisado e nem sequer ousando respirar, James silenciosamente rezou para que a criatura não o tivesse notado.

O silêncio aterrorizador foi quebrado pelo som pesado de passos, fazendo o chão de madeira ranger. Aquela criatura estava vindo em sua direção. James não podia fazer nada além de manter sua arma apontada, enquanto tremia de medo. O som da respiração áspera e metálica vinha logo do outro lado da porta e o pequeno espaço foi rapidamente preenchido com um fedor de carne apodrecida. *Não tem como eu sobreviver a isso. Não tem como. Ele sabe que eu estou aqui.* James segurou a arma mais forte em suas mãos trêmulas. *Eu preciso fazer algo...* 

Por um momento, seu desespero se transformou em determinação. James puxou o gatilho, disparando cegamente na direção do monstro. *Se a munição acabar, eu vou morrer*, ele pensou tristemente entre os disparos ensurdecedores. Que esperança ele realmente tinha de matar esse monstro? No mínimo, ele só iria deixá-lo irritado. Ele iria ignorar os tiros como se fossem mordidas de mosquito e iria destruir a porta a qualquer segundo. E então James seria o próximo a se juntar à pilha de cadáveres. *Eu vou morrer*. *Esse pequeno armário empoeirado pode muito bem ser meu caixão*.

Então o momento chegou. Os disparos cessaram, e o silêncio caiu sobre a sala. James quase pensou poder ouvir o barulho das asas do anjo da morte vindo buscá-lo, mas o silêncio apenas continuava. Não havia passos, nem respiração, nada. *Ele está morto? Eu realmente consegui matá-lo?* Confiando nessa possibilidade, ele espiou pelas frestas da porta do armário. A sala parecia vazia. Ele abriu a porta da forma mais silenciosa que pôde, quase sem respirar, enquanto olhava melhor. O monstro pirâmide havia desaparecido.

Enquanto ele estava enchendo a criatura de balas, ela tinha uivado como se fosse um grito de dor. *Talvez a criatura tenha ficado com medo da arma e fugiu?* James não ficou totalmente satisfeito. Ele não conseguia acreditar nessa vitória tão fácil. Parecia muito improvável que o monstro tivesse fugido, afinal a porta da frente continuava fechada. Era como se ele só tivesse desaparecido da sala, como fumaça.

Quando James sentou-se exausto no chão, seus olhos caíram sobre os manequins massacrados. Uma poça vermelha escura se espalhava pelo chão debaixo de seus restos mutilados. Ele percebeu que não sentia nenhum alívio, mesmo depois de ter escapado por pouco da morte.

Com o corpo duro e passos irregulares de medo, James deixou o apartamento 307. *Por que... por que eu estou vendo todas essas coisas? O que está acontecendo?* 

Ele caminhou pelo corredor escuro do terceiro andar, com seu rosto ainda pálido. No chão, aos seus pés, estava a pequena chave que aquela pirralha chutou para longe. Para confirmar, ele iluminou o resto do corredor com sua lanterna, e então ele pôde ver a grade de metal que tinha bloqueado seu caminho antes. Onde estaria aquela garota agora? Mary não estava em lugar algum do terceiro andar. Não havia ninguém ali. James tinha corrido para lá como algum tipo de herói, apenas para descobrir que a "pessoa" que ele tinha vindo salvar era um par de monstros em forma de manequins.

James desceu as escadas de volta. Ele tinha sido distraído pelos gritos do terceiro andar antes, mas agora ele ao menos podia continuar sua investigação. Usando a luz de sua lanterna, ele recarregou a pistola usando a caixa de munição reserva. Ele também se lembrou de ligar o rádio novamente.

Logo ele estava de volta ao local onde havia começado: o *hall* de entrada do primeiro andar. Da última vez em que ele esteve aqui ele pensava que as pessoas ainda viviam no local, mas agora ele tinha certeza de que o edifício estava abandonado. Ao menos agora ele não tinha que se preocupar em ser pego invadindo o apartamento de alguém.

James então percebeu que a porta do apartamento 101 estava entreaberta, apesar dela estar trancada da primeira vez que ele tinha checado. Com cuidado, ele abriu a porta e olhou o lado de dentro. O apartamento parecia estar vazio. Porém, ele foi recebido com uma visão desagradável quando sua lanterna iluminou a pequena cozinha. Era um cadáver. James já tinha quase se acostumado com a visão de monstros mortos, mas mesmo com o corpo gravemente espancado e a face escurecida por sombras, esse era claramente um humano.

Enquanto James estava em choque, ele pôde ouviu um gemido de dor vindo da porta do banheiro. Apesar de soar como uma pessoa, os gritos dos manequins também soavam como uma pessoa. *Talvez fosse o monstro que matou o morador desse apartamento?* Ele não iria derrubar a porta do banheiro para descobrir. Ele não era estúpido de fazer isso. Mesmo assim, isso não era algo que ele podia ignorar. Caminhando silenciosamente até a porta, James aproximou seus ouvidos e prestou atenção em qualquer som que pudesse vir do interior do banheiro.

- Merda, merda! Eu... eu... - Uma voz masculina murmurou.

Era uma pessoa. Mesmo que não fosse Mary, talvez ele tivesse alguma informação útil sobre ela. James abriu a porta do banheiro e encontrou um homem gordo ajoelhado no chão. Segurando o vaso sanitário com força, ele vomitou dentro até que seu estômago estivesse vazio e ele pudesse apenas tossir violentamente.

– Hm... Olá... está tudo bem com você? – Hesitante, James perguntou.

O homem olhou por cima de seu ombro com seu rosto redondo. Ele usava um boné de beisebol virado para trás e parecia ser um pouco mais novo do que James. Com medo em seus olhos, o homem balançava sua cabeça. – Não fui eu, eu juro!

- Do que você está falando?
- Eu não fiz nada. Ele já estava daquele jeito quando eu o encontrei! Eu só... Só...
- Está tudo bem, se acalme. James se ajoelhou ao lado do homem e colocou a mão em suas costas, o tranquilizando. Parecia que o homem tinha entendido errado suas intenções. James não sabia bem as circunstâncias, mas o homem estava agindo defensivamente como se James fosse alguém que estivesse ali para prendê-lo. Você não precisa se preocupar, eu sou só um turista. Meu nome é James. James Sunderland. Qual é o seu nome?
  - − Eddie... − O homem murmurou em um tom assustado.
- Certo, Eddie. James disse, acenando com a cabeça. A pessoa na cozinha. Você o conhecia?
- N-não! Eu não fiz nada! Eu não sou um assassino! Eddie balançou sua cabeça furiosamente mais uma vez.
- Certo, certo, eu entendi, Eddie. Eu não acho que você o matou. Você parece estar em choque, e eu estava um pouco preocupado. Foi só uma pergunta.
  - Eu não matei ele... eu...
- É claro que não matou. Provavelmente foi um daqueles monstros. Talvez aqueles que se contorcem, ou um daqueles que se parecem com manequins. Ou talvez seja a coisa em forma de pirâmide.
- Uma coisa em forma de pirâmide? Eu não sei do que você está falando. Sério. Mas eu realmente vi algumas criaturas estranhas. Elas me assustaram muito, então eu corri para esse prédio para me esconder.

Suas palavras desapontaram James. Depois de todo esse tempo ele tinha finalmente encontrado uma pessoa com quem conversar, e ele não era um morador do prédio. Mesmo que as chances de obter alguma informação sobre Mary fossem pequenas, talvez ele conseguisse algumas respostas sobre Silent Hill.

- − O que exatamente aconteceu nessa cidade?
- Eu não sei. Eu não sei de nada. Eu nem mesmo moro nessa cidade.
- Como assim? Você também? James olhou para o lado, desapontado. Bem, então por que você está aqui?
  - Hm... Bem...- Eddie hesitou. Parecia que ele não queria falar sobre aquilo.
- Tudo bem, então. Mas melhor você se apressar e sair daqui. Há algo errado com esse lugar.
  - S-sim... eu farei isso.
  - Tenha cuidado, tudo bem?
- Tudo bem. Você também, James. Eddie parecia ter se acalmado. O medo havia lhe deixado, e alguma cor tinha retornado ao rosto pálido quando James partiu.

Depois de tudo, James não foi capaz de encontrar Mary em lugar algum do prédio. Porém, havia outra opção. Quando passava pelo jardim, James notou outro edifício adjacente ao Woodside do lado oeste. Em vez de enfrentar a Rua Katz infestada de monstros de novo, ele decidiu procurar por um atalho. Os dois edifícios eram tão próximos, tinha que existir um jeito de passar de um para o outro de algum modo. Talvez ele pudesse encontrar uma janela em um apartamento no segundo andar e pular. Era um pensamento estúpido, mas ele tinha que tentar.

Sem perder tempo, James subiu para o segundo andar e avançou para o fim do corredor do lado oeste. Por sorte, a janela do outro prédio também parecia estar faltando. *Novamente, assim como com o buraco na parede do apartamento, eu tive sorte. Era tudo o que eu precisava*. Se apoiando, James saltou pela janela, caindo pesadamente no chão do outro apartamento, mas felizmente sem se machucar.

Rapidamente ele saiu daquele apartamento e entrou no corredor. James se viu frente a frente com outra criatura semelhante a um manequim. Como era de se imaginar, os monstros infestaram este prédio também. Apontando sua arma sem medo ou hesitação, James abriu fogo contra o manequim até que ele caísse sem vida no chão.

Mais uma vez, ele sentiu a satisfação de derrotar outro monstro. Porém, James teria que se forçar a evitar conflitos desnecessários para conservar munição. O número restante de munição reserva era baixa demais.

Chegando ao fim do corredor do segundo andar, James desceu as escadas. No apartamento 109, uma inesperada reunião esperava por ele. O apartamento estava quase completamente vazio, com um grande espelho em uma das paredes, como se fosse um estúdio de balé – isso, ou a pessoa que morava nesse apartamento era particularmente narcisista. Uma mulher estava deitada no chão no meio do quarto com o espelho.

Como uma criança brincando com um brinquedo, ela segurava uma afiada faca de cozinha em suas mãos, com a qual ela esfaqueava o chão em uma repetição monótona. O rosto refletido no espelho era familiar — era a mulher que ele tinha encontrado no cemitério. Notando o reflexo de James, a mulher falou.

- Oh, é você. Ela disse com indiferença. Com uma voz fraca e olhar vazio, ela parecia uma pessoa completamente diferente daquela que ele havia encontrado antes.
- Sim, sou eu. Não tivemos nem mesmo tempo de nos apresentar lá atrás. Meu nome é James.
  - Eu sou... Angela. Angela Orosco...
- Angela, huh? É um belo nome.
   James tentou dizer da forma mais gentil possível.
   A forma que Angela olhava a faca enquanto a enterrava no chão de novo e de novo, parecia como se ela quisesse se matar.
   Então... O que você está fazendo aqui?
  - Procurando por minha mãe.
  - Eu achei que você estivesse saindo da cidade, antes. Você não a encontrou ainda?
  - N−Não, eu...
  - Sua mãe mora nesse prédio?
  - Eu não me lembro...
- Então tudo o que você sabe é que ela mora nessa cidade? Ela é como eu, andando pela cidade procurando por algo... James sentiu empatia pela situação dela.
- Ela mora? Subitamente, Angela se ergueu e encarou James com um estranho brilho em seus olhos anteriormente vazios. – Como você sabe disso?! – Ela gritou, com sua expressão se tornando feroz.
- Desculpa, não entendi.
   James perguntou, intrigado pela reação dela. Angela segurou a faca mais apertada. A lâmina estava desconfortavelmente próxima.
  - Como você sabe que a minha mãe mora nessa cidade?!
- Eu só pensei que, já que você está procurando por ela aqui, sua mãe talvez more por aqui. Qualquer um podia ter pensado isso. *Cara*, *é melhor eu tomar cuidado com o que digo. Parece que ela realmente me mataria se tivesse a chance*.
- Sim... eu acho que você está certo... A hostilidade desapareceu de seu rosto e
   Angela caiu novamente em seu comportamento triste.
  - Como você pode suspeitar que ela esteja aqui?
  - Eu... eu não sei...
- Então por que veio para Silent Hill? Com a pergunta de James, Angela olhou para o chão.
- Por que você está nessa cidade? Angela evitou a pergunta respondendo com outra pergunta.

James pensou que sua busca por Mary fosse um assunto particular, então respondeu vagamente. – Eu também estou procurando por alguém.

- Você já encontrou?
- Não.
- Nenhum de nós então...
- É, eu acho que nós estamos presos na mesma situação. James murmurou. Mas subitamente, ele sentiu que não poderia mais conter as emoções que começaram a compartilhar. Isso não é tudo. Ela, minha esposa, Mary, ela está... morta. Mas eu... eu realmente quero acreditar que ela ainda está viva. Que ela está vivendo em algum lugar dessa cidade. Eu recebi uma carta dela. Se ela estivesse realmente morta, como ela poderia ter me enviado uma carta, não é mesmo?!
  - J-James...
  - Desculpe. Eu sei que não faz sentido. Eu só... eu só precisava contar para alguém.
  - Eu espero que você a encontre.
- Obrigado. E eu espero que você encontre sua mãe.
   Talvez um pouco da paixão de James a tivesse tocado, porque Angela parecia ter recuperado um pouco de sua humanidade. Ela até mesmo conseguiu sorrir.
- Eu não vou desistir. Eu vou procurar por minha mãe em todos os lugares se for preciso.
   Angela se levantou e ficou de frente para James.
- Vamos juntos. Eu posso te proteger, e você não vai mais precisar carregar isso. Além disso, essa faca não combina nada com uma jovem como você. James disse alegremente, gentilmente fechando suas mãos ao redor da mão dela que segurava a lâmina afiada.
- Não me toque! O grito histérico dela feriu seus ouvidos. Ela se afastou e apontou a faca para ele, ameaçadoramente. Porém, ela rapidamente caiu em si. − E−eu sinto muito... está tudo bem. Eu vou ficar bem, sozinha.
  - Mas...
- O que? Você está preocupado comigo? Acha que eu vou me matar? Angela olhou para a lâmina brilhante como se estivesse enfeitiçada. E... talvez você esteja certo. Enquanto eu tiver isso... seria... tão fácil...

Apressadamente, como se quisesse a coisa fora de sua mão o mais rápido possível, Angela jogou a faca em cima de uma prateleira. Correndo para a porta, ela saiu para o corredor. James preferiu não a seguir. Claramente ela tinha alguma grave fobia social. Para ela, provavelmente seria mais assustador estar com outra pessoa do que vagar pelos corredores infestados de monstros.

James acabou avistando uma fotografia que havia caído no chão onde Angela antes se deitava. Alguém tinha rasgado a foto em pedaços. Olhando para os pedaços espalhados, parecia ser uma foto de Angela com sua família.

James voltou ao corredor após algum tempo e continuar sua procura.

A medida que um apartamento após o outro ia se revelando vazio ou trancado, a esperança de James começou a diminuir. Mary disse algo sobre os Apartamentos Woodside quando ela falou pelo rádio? Eu não faço ideia.

A memória já estava se tornando vaga. *Talvez tudo isso é só uma perda de tempo*. *Talvez a voz nem mesmo fosse de Mary. Não, isso não pode ser!* James se recusou a manter tais pensamentos terríveis. Mary tinha que ter estado ali em algum momento, mas ela fugiu antes que ele a encontrasse. Talvez ela tenha fugido para escapar dos monstros.

Se ela tivesse vivido no prédio ou apenas estado ali por um momento, James não podia simplesmente sentar e esperar algo acontecer. Talvez ele devesse retomar seu plano original de tentar encontrar o "lugar especial" que a carta mencionava. Talvez na procura ele consiga encontrar Mary por perto.

Deixar o prédio se mostrou uma tarefa difícil, já que todas as portas estavam completamente trancadas, incluindo a porta da frente. Não importava o quão forte ele as chutasse e empurrasse, James não conseguia abri-las. Ele não teve escolha a não ser vagar pelo local e ver se encontrava uma porta dos fundos. No segundo andar, ele passou por uma porta com a inscrição "escadas de emergência" a qual, felizmente, estava destrancada. Ele entrou naquele local mergulhado em escuridão.

O lugar que dava acesso para as escadas de emergência era um pequeno cômodo quadrado com a escada em um de seus cantos. A escada, porém, estava completamente inundada por uma água cinzenta.

James piscou os olhos, confuso. *O que poderia ter feito com que a água inundasse um andar inteiro? Talvez os monstros tivessem quebrado um cano de água?* De qualquer modo, essas escadas eram inúteis agora. Desencorajado, James se virou para retornar ao corredor e sair daquele lugar. Mas a maçaneta não girou. Ele estava preso.

Um rugido baixo ecoou de um dos cantos do lugar e fez o sangue de James congelar. Era um som que ele tinha ouvido há não muito tempo. A cor sumiu de seu rosto, e James começou a chutar a porta e puxar a maçaneta numa desesperada, mas inútil, tentativa de fugir. Relutantemente ele se virou lentamente, com as pernas tão fracas que ele mal podia sentir o chão embaixo de seus pés. A luz da lanterna revelou uma enorme figura se arrastando nas sombras. Era o demônio que ele tinha encontrado no apartamento 307. O demônio vermelho.

Aos pés da criatura estava o cadáver recente de um monstro sem braços. Assim como os manequins de antes, seu corpo estava mutilado e quebrado, o fazendo ficar quase irreconhecível. Tendo terminado de lidar com sua última vítima, o monstro pirâmide lentamente virou para encarar James. Por causa de sua cabeça bizarra, James não podia ler a expressão da criatura, mas ele podia facilmente imaginar ela sorrindo alegremente com a chegada de uma nova presa.

Enquanto o monstro com cabeça de pirâmide caminhava sobre o monstro morto e se aproximava, um alto e metálico rangido preenchia o lugar. Seus movimentos eram lentos e pesados, como se ele estivesse carregando algo muito pesado.

Com a luz da lanterna, James iluminou a enorme e sinistra coisa que a criatura estava segurando. Ele quase teve um ataque desesperados de riso. Isso com o que ele estava lidando definitivamente não era humano. Com a facilidade de um levantador de peso Olímpico, o monstro carregava uma massa enorme de aço. Uma faca absurdamente grande. Um golpe daquela lâmina massiva certamente seria o suficiente para cortar James completamente ao meio.

Diante de seus olhos espantados, o monstro levantou lentamente a enorme arma acima de sua cabeça com seus braços musculosos. Parecia que a faca era tão incrivelmente pesada que mesmo aquele monstro gigante estava tendo dificuldade em usá-la. Foi aí então que James encontrou um raio de esperança. Se havia uma forma de ganhar, ele tinha que tentar. James foi capaz de derrotar essa coisa antes, então ele podia fazer isso de novo.

Um duro som metálico atravessou o lugar quando a espada errou seu alvo e se chocou contra a parede de concreto. Depois de se esquivar por pouco do ataque, James correu para trás do monstro e abriu fogo com sua arma.

Mesmo com uma chuva de balas penetrando suas costas, a monstruosa criatura mal parecia sentir. Ela nem mesmo ficou mais lenta depois que ele descarregou o pente inteiro da arma de fogo. James caiu sobre seus joelhos, com a pequena esperança desaparecendo tão rapidamente como havia surgido. Mesmo ele ainda possuindo uma munição reserva em seu bolso, seria completamente inútil recarregar agora. Aquela faca gigantesca estaria cortando fora sua cabeça antes que ele pudesse disparar outro tiro.

Estranhamente, mesmo nesse estado desesperador, James não sentia medo. Na verdade, era como se seus instintos tivessem sido completamente desligados, e tudo que ele sentia agora era uma estranha paz. James abaixou sua cabeça, fechou seus olhos, e silenciosamente esperou o toque frio da lâmina do executor.

Ele podia ouvir o som de pequenas ondas, como aquelas da margem do Lago Toluca. Soava exatamente como anos atrás quando ele e Mary passaram aquele dia despreocupados, só observando o lago juntos.

Estaria ele ouvindo coisas? Ficando impaciente com o atraso de sua morte, James abriu seus olhos. Ele não estava imaginando coisas. O som da água vinha das escadas inundadas. Em vez de aproveitar a oportunidade de matar James, o monstro pirâmide estava descendo as escadas cobertas pela água cinzenta. Tudo que ele podia ver da criatura eram suas costas perfuradas pelos tiros, enquanto mergulhava na água.

Eu... eu ganhei? De novo...? Apesar dele não ter sido capaz de matar a criatura de forma definitiva, ele ao menos tinha ferido ela o bastante para forçá-la a se retirar mais uma vez.

Deixando escapar um enorme suspiro, James caiu no chão. Ele estava perdendo as contas de quantas vezes tinha escapado da morte em apenas um dia. Redemoinhos de sangue se misturaram com a água escura enquanto a água na escada inundada começou a ser drenada com um rugido parecido com o de um trovão. Através dela emergiu uma porta dos fundos, anteriormente oculta.

James tomou um tempo para respirar e se certificar de que a criatura havia se afastado. Após se levantar, James foi cuidadosamente em direção a porta e a abriu. Não havia nenhum sinal da criatura.

A porta dos fundos da escada inundada o levou para um beco atrás do edifício, que ia em direção à Avenida Nathan. O som de uma criança cantando surgiu entre a névoa. A alegre música cantada por ela se misturava em alguns momentos com risadas inocentes. James foi em direção ao som, sem pensar duas vezes.

 Você! – James não pôde evitar levantar a voz quando ele viu o rosto familiar da criança.

Sentada no topo de uma parede de tijolos estava uma jovem garota lendo um pedaço de papel desdobrado. Ela tinha cabelos loiros amarrados, lindos olhos azuis e usava um vestido também da cor azul. – Você é aquela pirralha que pisou na minha mão lá no corredor!

A garota piscou, surpresa, e encarou James por um momento. Com um leve sorriso em seu rosto, ela disse. – Eu não sei do que você está falando.

A expressão de James se fechou. Ela realmente achava que poderia ser ignorante daquela forma? Era realmente uma criança teimosa.

— O que você está fazendo aqui, de qualquer modo? — Em uma cidade infestada de monstros, era extremamente perigoso para uma criança andar por aí sozinha. Com atitude atrevida ou não, James não podia evitar se preocupar com a segurança da garota.

A menina, aparentemente sem interesse pela conversa, deu uma resposta que não tinha quase nada a ver com a pergunta. – Você é cego ou o quê? Estúpido.

- − Ei, é uma carta que você tem aí?
- − O que te interessa? Você nunca gostou da Mary mesmo!

James ficou em choque. Como essa criança sabia o nome de sua esposa? Não, tem que ser uma coincidência. Ela pode estar falando de outra pessoa chamada Mary. Mas... ela disse isso diretamente para mim. Como se ela me conhecesse ou algo assim...

- Babaca. Depois de mostrar a língua e insultá-lo mais vez, a garota escorregou para o outro lado do muro.
  - Ei, volte aqui! Como você conhece a Mary?! Me diga onde ela está!

Do outro lado do muro ele ouviu o som de passos ficando cada vez mais distantes. James foi deixado olhando para uma parede de tijolos vazia.

#### **DUPLICADA**

Silent Hill, uma pequena e tranquila cidade. Estamos felizes em ter você aqui.

Tire algum tempo e aproveite suas maravilhosas férias.

Quantidades imensas de antigas casas exóticas, uma linda vista para uma montanha e um lago que demonstra a sua beleza em diversas horas do dia, desde o nascer do sol até o se pôr.

Silent Hill irá lhe preencher com uma profunda paz.

Esperamos que sua estadia seja agradável e que suas memórias durem para sempre!

Esse pequeno e barato cartão foi o motivo que levou Mary e James até Silent Hill, três anos atrás. Mas essa visita já não passava de uma simples lembrança na mente de James. Naquele tempo, sua vida inteira girava ao redor dela, e cada dia era mais vivo e radiante do que o anterior. Dias em que ele se sentia maravilhado simplesmente por estar respirando.

Tudo havia começado em uma festa em caseira feita por um amigo que tinham em comum. Era um cenário clichê de primeiro encontro, mas no momento em que eles trocaram olhares, foi como um segundo *Big Bang* criando um universo inteiro para aquela história de amor. A cada dia, aquele relacionamento evoluía de uma paixão calorosa para uma relação pacífica e estável.

No entanto, mesmo as histórias mais belas de amor possuem alguma tragédia. E essa não era diferente. O destino impôs uma árdua prova nos dois ao permitir que Mary adoecesse. A dor e o sofrimento daquele tempo ainda permaneciam em James, e isso lentamente destruía seu coração.

Da mesma forma como grandes civilizações desaparecem do mapa, aquele amor também teve seu fim. Desde então, James havia estado sozinho, vagando em seu mundo arruinado com apenas memórias daquela antiga história, enquanto desesperadamente procurava traços de sua felicidade perdida.

- Este é o lugar. Disse ao avistar o portão através da névoa. Havia duas entradas para o Parque Rosewater. Andando pelo beco atrás dos apartamentos, ele chegou à entrada leste.
- Mary, por favor, esteja aqui.
   James rezou silenciosamente, sem nem mesmo saber o porquê. A probabilidade de seu impossível desejo se tornar realidade era mais difícil do que ganhar na loteria.

Ele caminhou através do parque sombrio, com seus passos ecoando pelo chão de pedra. Assim como o resto da cidade, esse lugar parecia deserto.

De repente, uma figura emergiu em sua visão. Por um segundo, o coração de James disparou e então ele andou em sua direção. Mas era apenas uma estátua em cima de um pedestal.

Patrick Chester, filho de Edward. Lutou e morreu pelo povo, pela liberdade e por nosso amanhã. Sua memória ainda vive.

James leu a placa sob a estátua de um soldado de rosto sinistro.

Ele sorriu, enquanto algumas lágrimas caíam de seu rosto. *Ainda bem que ninguém pode me ver através dessa névoa*. Ele não queria nem mesmo que um daqueles monstros o visse naquele estado deprimente e desesperado.

Ele deu alguns passos pelo caminho e chegou até um calçadão. Mais adiante, nos corrimãos do local, havia uma grande quantidade de nada em cor branca. Aquela névoa conseguia até mesmo arruinar a paisagem do lago.

A preciosa memória de quando passou o dia observando o lago com Mary veio em sua mente. As lembranças vieram tão vivas quanto no dia em que aconteceram, o que não era surpresa, afinal ele era obcecado por Mary e aqueles tinham sido tempos maravilhosos.

Observando aquele lugar, ele quase conseguiu sentir como se ainda estivesse vivendo aquele dia. James se lembrou até mesmo do brilhante pôr do sol tocando as águas, e que mesmo assim era impossível de ser comparado com a tamanha beleza e sorriso de Mary.

A imagem dela havia sido idealizada em sua frente, como se fosse obra de um projetor. Era como se os traços dela ainda estivessem naquele lugar. James ficou fascinado com aquela visão de Mary, até que a figura ficou turva e se moveu através da névoa.

Havia realmente algo se apoiando no corrimão. Poderia aquilo não ser uma ilusão? James não conseguia acreditar no que via. Ele correu em direção daquela possível ilusão.

 Você é a... Mary? – Ele olhava fixamente com seu rosto pálido enquanto se aproximava.

A mulher se virou. Seu rosto era inconfundível. Era aquela beleza radiante que nunca havia deixado sua mente, mesmo após todos aqueles anos.

- Mary? - A mulher perguntou. - Quem é Mary? Sua namorada?

Ela era o reflexo perfeito de sua esposa. Até mesmo sua voz parecia ser a mesma. James estava a olhando tanto que poderia a engolir com seus olhos a qualquer momento.

– Não... Minha esposa... Ela... faleceu. Mas você... você se parece idêntica a ela.

Quanto mais ele a olhava, mais ele finalmente percebia as diferenças entre a mulher e sua esposa.

A mulher estava usando uma blusa e saia curta de uma cor vermelha e vinho, diferente de Mary, que sempre preferia usar roupas simples. Seu cabelo era curto, quase batendo em seus ombros. E ele possuía as pontas também levemente avermelhadas.

James não conseguia imaginar sua esposa usando aquele visual. Era completamente o oposto de tudo o que a simples Mary era.

Não apenas isso, mas se ela fosse Mary, ela estaria feliz em finalmente poder vê-lo.

-Essa deve ter sido a pior cantada que já ouvi. Mas infelizmente, para você, meu nome é Maria. Não sou sua esposa e com certeza não sou um fantasma. Vê? - Ela segurou as mãos de James nas suas. Era um gesto sedutor, como se isso já fosse algo com que ela estivesse acostumada. - Não estou um pouco quente para ser uma pessoa morta?

James sentiu um leve choque com o toque de seus dedos. *Até os nomes se parecem, como isso é possível?* Embora ele pudesse compreender que aquela poderia sim ser uma pessoa diferente, ele estremeceu com o toque de sua mão.

Sem olhar diretamente em seus olhos, ele afastou sua mão.

- Desculpe, eu me enganei. Ele se virou lentamente e começou a ir embora. Ele estava atordoado e constrangido com tudo aquilo. Ao deixar Maria para trás, a réplica de sua esposa, ele sentiu como se de alguma forma estivesse deixando a verdadeira Mary.
  - − Ei, aonde você vai? − Maria perguntou.
- Procurar minha esposa... Respondeu James, olhando para trás com seus olhos ainda tentando compreender aquilo tudo.
  - Como? Ela o alcançou e andou ao seu lado. Você não disse que ela estava morta?
- Sim... já faz três anos. Mas... ela me enviou uma carta. Ela disse que estava me esperando em Silent Hill, nosso "lugar especial".
- Você está brincando comigo? Você realmente recebeu uma carta da sua esposa morta? Tem certeza que não foi ninguém brincando com você?
- Tudo bem se você rir, de verdade. Eu sei que parece besteira, mas... eu realmente quero acreditar que Mary ainda está viva.
  - Hm... Então esse parque deve ser o "lugar especial", certo?
  - Acho que é isso que ela quis dizer.
- Desculpe dizer isso, mas não há ninguém aqui além de mim. Eu saberia se houvesse, estou aqui já faz algum tempo. Você não tem nenhuma outra ideia de que lugar possa ser?

A forma como ela parecia se expressar e se intrometer não era nada igual ao que Mary tinha costume de fazer.

- Bem, havia um hotel também. Mas eu esqueci o nome. Lake... alguma coisa...
- O Hotel Lakeview?
- Esse, é esse mesmo. James sorriu ao finalmente conseguir o nome do hotel.

- Bom, então é melhor a gente começar a andar.

James parou em sua frente. – Você está nessa cidade como uma turista também?

- Não. Mas eu conheço essa área muito bem. Por que a pergunta?
- Você ainda não sabe? Há criaturas estranhas por todo lugar e todo mundo está desaparecido. Se você conhece este lugar tão bem, então me diga: o que está acontecendo? Que merda são esses monstros?

Maria deu de ombros. – Eu não sei ao certo. Antes que eu pudesse perceber, todos já haviam sumido e eu fui deixada aqui. De qualquer forma, você precisa ir por esse caminho. – Ela segurou o braço de James e começou a andar. – Nós podemos ir para o hotel agora e eu serei sua guia.

A forma tranquila como ela havia dito aquilo lhe incomodou. Como ela podia praticamente não ligar para nada do que estava acontecendo?

- Espera. Você vai vir comigo?
- Bem, você disse que eu parecia sua esposa, não foi? Se esse é o caso, então você gostaria de me deixar aqui sozinha?
   Maria perguntou, demonstrando um charmoso sorriso.

Por conta da baixa visibilidade e da situação perigosa, James não ficou contente em ter que cuidar de um estranho. Se fosse apenas ele, ele poderia correr caso seja preciso. Ter ela por perto só iria deixar as coisas mais lentas. Mas ele não podia negar, então aceitou sem dizer nenhuma palavra.

Logo após os dois saírem do parque, um monstro parecido com manequim emergiu de algum lugar da névoa. O monstro foi derrotado facilmente, mas James teve que fazer uso de sua preciosa munição. O que aconteceria se eles ficassem cercados por monstros como já havia acontecido com ele?

De repente, Maria soltou um gemido de dor. James se virou para ela e viu que ela tinha um corte em seu braço, com uma pequena gota de sangue escorrendo. Ela não havia nem mesmo visto que um dos monstros a havia atingido. Só foi sentir pouco tempo depois.

- Desculpe. James não teve culpa de ter deixado aquilo acontece, mas ele se sentiu no dever de pedir desculpas.
  - Está tudo bem. Não se preocupe.

A aparência de Maria o incomodava ao ponto de não saber nem mesmo como reagir a algo que ela dizia. Especialmente quando ela falava com o mesmo tom de voz que Mary.

Se ele quisesse ficar em segurança com Maria, ele teria que encontrar mais munição, e rápido. E isso não seria tão simples de se achar em uma área residencial como aquela. Ele olhou em volta, tentando algum sinal de qualquer coisa através da névoa.

Após procurar por algum tempo, ele conseguiu ver um posto de gasolina. Ao se aproximar, percebeu que o prédio estava trancado, mas havia ali algo que chamou sua atenção.

Parecia que alguém havia abandonado um carro no meio do reabastecimento. Ele examinou a frente do carro e viu que um cano de ferro estava atravessado em seu capô. Isso sem dúvidas tinha acontecido devido a confusão que os monstros causaram.

Ele havia conseguido matar um daqueles monstros com um pedaço de madeira, então um cano de ferro seria bastante útil como arma. James subiu no capô do carro e puxou o cano com todas suas forças. Seu esforço valeu a pena quando ele finalmente o conseguiu tirar.

Ei, tenha cuidado ao usar essa coisa. É melhor não encostar em mim por engano.
 Disse Maria. Para alguém que queria ajudar, ela com certeza era uma mulher com uma língua bem afiada.

James confirmou com sua cabeça, sem dizer uma palavra e então prosseguiram para o oeste da Avenida Nathan.

- Ali é o Museu Histórico da cidade.
  Maria apontou para a direita da rua, como se fosse realmente uma guia. James não achava que poderia ter algo interessante ali dentro.
  Mais à frente há uma ponte que precisamos atravessar, então é só virarmos na Rua Sandford. Se seguirmos por essa rua, chegaremos ao hotel.
- Quanto tempo você acha que leva? A última vez que ele visitou a cidade, ele estava de carro, então a distância do hotel não era nada.
  - Ainda temos que andar bastante. Afinal, é do outro lado do lago.
- Longe assim? James soltou um suspiro. Parecia que ele teria que ficar com Maria até chegarem ao hotel.

No entanto, logo ele percebeu que ela seria o menor de seus problemas. No lugar onde a ponte deveria começar, havia um enorme buraco na estrada. A ponte havia desabado. *Sem chance, esses monstros também podem causar isso?* Talvez a ponte tenha sido destruída no pânico das pessoas que tentavam fugir da cidade. Como a rodovia estava bloqueada para construção, talvez esse fosse o único modo de fugir.

- O que fazemos agora? - Perguntou Maria, parecendo que se divertia com a situação.

*Não há outro jeito...* Desanimado, James inclinou a cabeça, sem conseguir pensar em nada. Seu olhar foi parar em o que parecia ser um corpo caído no canto da estrada.

James se aproximou e ficou surpreso ao ver que era mais um cadáver humano. O corpo segurava algo em suas mãos. Agachando-se ao lado do corpo, James tirou o objeto de seus dedos frios, tomando grande cuidado para não o tocar demais. Era um mapa de Silent Hill.

Com o mapa em mãos, James saiu de perto do cadáver e voltou para onde Maria o esperava. Desdobrando o papel, ele viu que um ponto estava marcado com um "X", que parecia ser feito com sangue.

- Esta é a pista de boliche.
   Maria observou, espiando o mapa sobre o ombro de James.
   É bem do outro lado da rua daquele posto de gasolina em que paramos.
  - Tudo bem, mas por que está marcado? O que poderia ter lá?

- É só uma pista de boliche comum. Nem mesmo é um lugar popular, então quase não vai ninguém lá.
  - Bom, vamos até lá e ver do que se trata isso.

Eles teriam que voltar e achar outra forma de ir para o Hotel Lakeview, então não faria mal ir nesse lugar. Se a pessoa morta havia arriscado sua vida para manter esse mapa em suas mãos, talvez o local tivesse algo de importante sobre os mistérios da cidade. *Talvez*, James pensou, *me fazer encontrar esse mapa é, de alguma forma, o jeito da Mary me guiar?* Esses pensamentos confortavam James.

Após voltar para dentro da cidade, os dois encontraram o *Pete's Bowl–O–Rama*, a pista de boliche que havia sido marcada com o "X" de sangue no mapa. Quando James abriu a porta para entrar, Maria disse: – Eu espero aqui. Você vai ficar bem, não vai, James?

- Você mudou de ideia?
- Eu odeio boliche.
- Mesmo? Ou será que você está com medo? Ele sorriu. Não precisa se preocupar,
  se eu encontrar qualquer monstro lá dentro, eu cuido deles. Ele parou na porta e pensou.
   Pensando melhor, se eu estiver sozinho, talvez realmente seja melhor.
  - Por mim está tudo bem. Maria disse, enquanto se encostava na parede.

James então entrou na sala escura, deixando a porta se fechar. Parecia que apenas um conjunto de luzes funcionava em todo o lugar. Uma luz amarela veio de um lugar mais ao fundo. Ele podia ouvir as vozes de duas pessoas tagarelando.

- ...ou um ladrão? Ou um assassino?
- Não, nada disso.
- Ah, você é só uma baleia medrosa. Eu pensei que você tinha dito que a polícia estava atrás de você.
- Não. Eu não sei o que a polícia estava fazendo. Eu só corri porque eu estava com medo.
- Mas se você fez algo ruim, por que não pede desculpas? Isso sempre faz as coisas melhores.
  - Não é assim. Eles não me escutariam. Ninguém nunca me perdoaria.

James não apenas reconheceu ambas as vozes, mas como facilmente também reconheceu o rosto da jovem garotinha de antes.

Ele rapidamente correu até onde eles estavam, mas a garota correu e se escondeu em um canto escuro da sala. Provavelmente tenha ficado com medo dos passos de James.

- Eddie. James chamou. Sentado na mesa iluminada por uma pequena lanterna, estava Eddie. Ele estava devorando um pedaço de pizza da caixa em cima da mesa.
  - − Uh, você é? − Ele perguntou com a boca cheia de comida.

- Sou eu, o James, se lembra? Nos conhecemos no apartamento.
- − Ah, verdade. Você é aquele cara de antes.
- − A garota que saiu correndo... quem é ela?
- Você é do hospital? Tentando pegar a Laura?
- Eu só preciso perguntar para a... Laura certo? Eu preciso perguntar algo para a Laura.

Os sons baixos de passos ecoaram no lugar.

- Adeusinho! - Laura disse, zombando de James.

Ele tentou achar de onde vinha a voz, mas não conseguiu achar a garota.

- Ela deve ter saído. Vamos, Eddie. Temos que ir atrás dela!
- Sim... mas talvez mais tarde.
- Você não vai atrás dela? Você não a está protegendo? Existem monstros andando por aí e você vai ficar aqui comendo pizza?
- Protegendo? Não é bem assim. Eu e Laura só nos encontramos por acidente no caminho até Silent Hill. Eu não a trouxe até aqui ou algo assim.
  - Mesmo assim, é sua responsabilidade cuidar dela. É apenas uma criança.
- Laura vai ficar bem. Se eu fosse com ela, ela só iria ficar reclamando o quanto eu a estou atrasando.
- Esquece! Farto pela atitude estúpida de Eddie, James virou as costas e foi de volta até a entrada. Eddie não se importou com aquilo. Tudo o que ele fez foi voltar a comer sua refeição. *Vá em frente e coma sua pizza estúpida, seu maldito sem coração. Espero que você seja comido por algum monstro, gordo idiota.*

Maria estava do lado de fora e foi em direção a ele quando o viu.

- Maria, uma garotinha passou correndo por aqui?
- Sim, ela foi por aquele lado. Eu tentei impedir, mas ela conseguiu escapar.

Maria estava apontando para um beco que ia para o sul da Avenida Nathan.

Quando os dois foram conferir o beco, viram que nele não havia saída. Mais uma vez, o caminho estava bloqueado por uma parede de tijolos e sem sinal algum de Laura.

- Ela provavelmente passou por aqui e foi para a Rua Carroll.
   Havia uma pequena brecha no beco, entre os dois prédios. Dificilmente uma criança passaria ali, e muito menos um adulto.
  - Existe algum caminho até lá?
- Sim. Por aqui. Maria apontou para uma porta logo atrás dele. Era a porta dos fundos de um dos prédios.
  - Droga, está trancada. James tentou forçar a porta, mas sem resultado.

- É mesmo? – Maria enfiou a mão no bolso de sua saia e pegou uma chave que funcionou perfeitamente na porta. Ele olhou para ela e nem mesmo a questionou, afinal ele estava com pressa.

James lembrou-se de Eddie. *Que idiota*. Mesmo que Laura estivesse bem, lembrar de Eddie sentado naquela mesa devorando a pizza o irritava. Ele não conseguia entender como alguém poderia ser assim. Como ele podia simplesmente ignorar o fato de uma criança indefesa estar andando por ruas infestadas de monstros numa cidade fantasma?

O mais estranho era que Laura parecia ignorar o perigo, como se ela não pudesse ver os monstros. Como ela pode agir como se não houvesse nada para temer? Acho que eu não conseguiria fazer isso... mesmo que eu tentasse.

Ele sentiu inveja de Laura. Mesmo que James tivesse matado alguns monstros, foi tudo para se proteger e ele sempre sentia seu corpo tremer. Eu não suporto esse tipo de fraqueza.

Aqui vamos nós, *Heaven's Night*. Eu costumava trabalhar aqui algum tempo atrás.
Disse Maria.

Da porta de trás eles subiram alguns degraus para dentro de um bar. Perto de um palco havia filas com cadeiras, provavelmente para *shows*. – Eu era dançarina.

Isso agora faz todo o sentido. James pensou e concordou com a cabeça. Isso explicava o corte de cabelo da moda e sua roupa sensual. Ela provavelmente é uma daquelas pessoas que possuem sonhos de se apresentar em *Hollywood* ou *Broadway*, mas de alguma forma acabou indo parar em um pequeno bar.

 Você está bem calado. Está me imaginando nesse palco dançando agora? – Maria riu com o silêncio de James.

Ele negou com uma resposta amarga. Mas a verdade era que Maria estava certa, mas não pelos motivos que ela estava pensando. Era mais profundo do que isso. Ele pensou naquela mulher, que parecia exatamente como Mary, dançando com roupas indecentes e exposta a todos os tipos de olhares dos homens. Era como ver a própria Mary em uma humilhação pública.

Na tentativa de apagar aqueles pensamentos, James foi em direção ao balcão da frente. Como era de se esperar, ele encontrou uma arma guardada para segurança do local. Uma arma automática com quinze munições. Porém, com tanta sorte, ele também teve um pouco de azar. Não haviam mais munições extras.

James colocou a nova arma em sua cintura e descartou a antiga, afinal andar com muito equipamento poderia lhe atrapalhar em algum momento. Ele havia pensado em dar para Maria usar ou segurar, mas ela não sabia manusear. E deixar uma arma nas mãos de uma pessoa sem conhecimento sobre isso poderia ser arriscado.

Por um momento ele também pensou no que fazer com o cano de ferro que ele tinha conseguido após tanto esforço. James chegou na conclusão de que era melhor mantê-lo junto a ele, deixando o cano de ferro para pequenos conflitos e a arma para situações extremamente necessárias.

 Bem, não parece que a garota esteja escondida aqui. Aposto que ela já está do outro lado do prédio.
 Disse Maria, enquanto segurava a porta da frente, convidando James para prosseguir.

Os dois desceram outra pequena escada e voltaram para as ruas cheias de neblina. Para o norte, a estrada havia sido bloqueada por mais construções. *Onde mais essa garota poderia ter ido?* 

 Por aqui! – Maria gritou, apontando para o sul, onde uma pequena sombra sumia entre a névoa.

Com o grito de Maria, a pequena silhueta entrou num prédio próximo. Sem perder tempo, James e Maria foram atrás da criança, até chegarem à porta em que ela havia entrado.

Marcado em uma chapa na entrada, estavam as palavras "Hospital Brookhave". A porta havia sido deixada aberta, quase como um convite para entrar.

# **REGISTRO DOS PACIENTES**

Por que uma criança como Laura gostaria de estar em um lugar como esse?

O Hospital Brookhaven estava em um silêncio desconfortável. Não havia sinal de ninguém em nenhum lugar e as luzes no corredor estavam apagadas, dando ao ambiente uma aparência sombria.

Apesar disso, os salões estavam completamente limpos, sem nenhum tipo de sujeira. Era como se a equipe de limpeza estivesse sempre mantendo o lugar em boas condições.

Era um hospital grande, com espaço suficiente para os numerosos pacientes que ali deveriam estar. *Onde estavam todos?* James começou a procurar pelo primeiro andar, com Maria sempre ao seu lado, o que eventualmente trazia lembranças de sua falecida esposa.

Laura obviamente entrou no hospital porque sabia que os dois estavam atrás dela, então não seria de se imaginar que ela teria arriscado se esconder logo no primeiro andar.

- Vamos continuar.
- Certo.

Enquanto eles subiam as escadas, James começou a pensar em uma coisa. Ele havia se distraído tanto em ir atrás de Laura que não tinha notado, mas agora ele se perguntava: *Por que Maria não perguntou nada sobre Laura?* Ela sabia que ele estava ali para procurar Mary, mas ele não havia contado que Laura carregava uma carta. E mesmo assim, ela o ajudou a ir atrás da garotinha como se soubesse que ela tinha algo importante. Por conta de Maria parecer ser uma pessoa curiosa, isso soou um pouco estranho para James.

Chegando ao segundo andar, James olhou para Maria, que estava se agarrando de medo em seu braço. Se ele estava preocupado com as intenções dela, por que simplesmente não perguntava? Ele tentou falar, mas hesitou, com medo de dizer algo de errado. Eram essas dúvidas, entre outras emoções desagradáveis, que faziam as conversas com Maria serem difíceis. O estranho era que...

- Cuidado! O grito de Maria o fez parar com seus pensamentos. Ela o puxou para trás, enquanto um objeto longo atravessava a escuridão. O aço, que claramente era para ter acertado suas cabeças, fez um som metálico ao bater no chão poucos centímetros à frente. O agressor desconhecido puxou o objeto do chão e o balançou novamente, mas dessa vez James estava preparado e o bloqueou com o seu cano de ferro. O som de metal atingindo metal se espalhou pelo lugar. A força do impacto fez o braço de James doer.
- Quem é você? James gritou. As duas armas improvisadas ficaram presas uma a outra, com cada um forçando para o lado do outro.

Com a luz da lanterna, James conseguiu ver que o agressor tinha forma humana. Poderia ser facilmente confundido com uma pessoa normal a certa distância, mas com aquela aproximação, a verdadeira aparência ficava evidente.

O agressor, ou agressora, estava com um vestido branco, como se fosse uma enfermeira. A prova de que não era humano era seu rosto, inchado além de ser possível o reconhecimento e uma pele cinza em decomposição que lhe fazia parecer um cadáver ambulante. O odor que saía era repulsivo, como lixo podre.

A grotesca criatura era surpreendentemente forte, mas seu corpo era frágil para aguentar a luta por muito tempo, e logo caiu no chão.

– Anda, acaba com ela! – Maria gritou, enquanto ficava em uma distância segura atrás de James. Que coisa idiota para se dizer. Claro que ele iria matar aquele monstro, e rápido, afinal ele já estava de pé antes mesmo que percebessem.

Mas se eu realmente vou matar, por que estou tão relutante? É apenas um monstro. Mas e se... E se não for? Poderia ser uma enfermeira que contraiu alguma doença de algum paciente. E por conta disso, ela agora anda pelos salões do hospital, assustada e confusa. Se isso for verdade, ela provavelmente está sofrendo imensa dor. Então, matála seria nada mais do que uma morte de piedade, certo?

Maria gritava palavras de encorajamento para que ele acabasse logo com aquilo, e ela sabia o quão isso era incomodo para James. A enfermeira estava de pé com o pedaço de metal ainda em sua mão. Ele engoliu todos os seus sentimentos de dúvida. Deveria ser doloroso qualquer pessoa viver desfigurada daquela forma. Monstro ou humano, o melhor seria a morte.

James ergueu o pedaço de ferro acima de sua cabeça e o desceu com todas suas forças. O crânio da enfermeira rachou com a força do golpe. Suas pernas fraquejaram e ela caiu novamente no chão. Mas, dessa vez, ela não voltaria a se levantar.

James permaneceu em silêncio por um momento, olhando para o monstro morto. O sangue escuro se juntou abaixo de seu corpo caído. *Eu fiz a escolha certa, não fiz?* Mesmo que ele pudesse acreditar nisso, a situação o deixava com um gosto ruim na boca. Ele sentiu então a mão de Maria em seu ombro.

– James, você fez o que tinha que fazer. – Maria ofereceu palavras de apoio, mais uma vez como se soubesse exatamente como ele se sentia ou o que pensava.

Enquanto o primeiro andar estava sem vida, o segundo e terceiro estavam infestados com mais enfermeiras agressivas e mais criaturas em forma de manequim.

Logo ele estava de pé ao lado de mais uma enfermeira manchada de sangue. Nesse momento, mais pensamentos sombrios veio à sua mente:

Talvez, como as enfermeiras, os moradores de Silent Hill tenham sido infectados com esse mesmo vírus. Não é difícil imaginar uma arma biológica vazando de alguma base militar secreta e poluindo as águas da cidade. As enfermeiras e os manequins eram pelo menos reconhecidas como sendo do sexo feminino. Então, os monstros sem braços poderiam ser homens.

Se isso fosse verdade, então seria mais fácil os matar. Seria como um ato de piedade que acabaria com seus sofrimentos. Pensar que eu estou ajudando... não, isso é mentira. É só uma desculpa. Como se eu quisesse fugir de algo, mas o que é?

– James, me espera. – Maria disse, o tirando mais uma vez de seus pensamentos.

Ela estava ficando para trás. Por conta daqueles pensamentos, ele quase havia se esquecido de que Maria estava com ele e a devia proteger. Pensar em tantas explicações do que poderia estar acontecendo o deixava *longe* em certos momentos.

Estou exausta.

O rosto de Maria estava pálido e ela parecia ter dificuldades em respirar.

 – É só um resfriado. Eu já não me sentia bem desde manhã. Acho que esqueci disso quando vi que todos estavam desaparecidos.

James franziu a testa. Ele estava tendo uma sensação de *Déjà vu*, que trazia junto lembranças que o levavam a uma profunda tristeza. Isso foi exatamente como tudo começou... Quando Mary disse que *''era apenas um resfriado''*.

−É melhor você descansar um pouco.

Ele rapidamente procurou um lugar seguro para ela repousar. Após examinar a sala S03, ele convidou Maria para entrar. James a ajudou a deitar na cama.

- Eu vou me certificar que o terceiro andar é seguro e tentar achar a Laura. Acho que ela sabe onde está Mary. Você ficará bem aqui?
  - Sim. Maria respondeu com uma voz fraca.

Antes que James pudesse se virar, ela agarrou sua mão.

- Ei, James. Se você encontrar Mary, o que você irá fazer?
- Eu não sei. James respondeu, de cabeça baixa.

As incertezas começaram a aparecer mais fortemente, e James começou a duvidar até de si mesmo. *O que está acontecendo?* 

Quando ele passou por um escritório vazio ainda no primeiro andar, uma pilha de papéis havia chamado sua atenção. O conteúdo desses documentos ainda estava em sua mente, devorando seus pensamentos lentamente enquanto procurava por Laura.

Era um registro de um médico sobre um certo paciente.

O potencial de contrair essa doença existe em todas as pessoas e, nas circunstâncias certas, qualquer homem ou mulher seria levado, como ele, para o "outro lado".

O "outro lado" talvez não seja a forma correta de se referir a isso. Afinal, não existe parede entre aqui e lá. Isso está nas fronteiras onde realidade e irrealidade colidem. É ao mesmo tempo um lugar próximo e ao mesmo tempo um lugar distante.

Alguns dizem que nem mesmo é uma doença. Nisso eu não consigo concordar. Sou médico, não um filósofo, muito menos um psiquiatra, mas as vezes eu tenho que me fazer essa pergunta.

É um fato que, para nós, sua imaginação não é nada além de invenções de sua mente ocupada. Mas para ele, simplesmente não existe outra realidade além daquela. E ele está feliz lá. Então eu me pergunto, por que precisamos arrastá-lo para o doloroso mundo de nossa realidade?

Parecia mais com uma opinião pessoal do médico do que um diagnóstico.

Quem era o paciente a que se referia naqueles papéis? Poderia ser... eu?

James estremeceu, mas instantaneamente rejeitou essa ideia.

Não, não poderia ser isso. Mas, todas essas coisas estranhas que estão acontecendo em Silent Hill... Pessoas desaparecendo, monstros estranhos...

Novamente, ele negou com sua cabeça. Aquilo não era uma fantasia. Afinal, Maria, Angela e Eddie viam os monstros também. Até Laura tinha uma carta de Mary.

Ele não podia mais perder tempo com esses pensamentos, ele deveria estar procurando por Laura. Pensar que essa garota poderia provar que Mary estava viva aumentava suas dúvidas e expectativas.

Após ver que o terceiro andar estava sem sinal da garota, James decidiu verificar o telhado. Ele se espantou ao perceber que já estava noite. Ele realmente estava ali por tanto tempo assim? De qualquer forma, os corredores daquele hospital eram tão escuros que dia ou noite não fazia diferença.

Entre a névoa e a escuridão, ele não conseguia ver absolutamente nada. Até as estrelas estavam escondidas. James vasculhou pelo telhado, qualquer lugar onde uma garotinha pudesse se esconder. Não havia nenhum sinal de Laura, mas ele esbarrou em algo no chão enquanto andava. Era um diário. Sua capa estava molhada com água da chuva. Com cuidado, ele virou e abriu a primeira página. As palavras estavam um pouco borradas, mas ainda legíveis.

9 de Maio

Chuva. Fiquei olhando pela janela o dia todo. Há paz aqui, mas nada para se fazer. E eu ainda não tenho permissão para sair.

10 de Maio

Continua chovendo. Hoje eu falei um pouco com o médico. Eles teriam me salvado se eu não tivesse uma família? Eu sei que sou patético e fraco. Nem todos podem ser fortes.

11 de Maio

Chovendo novamente. Os medicamentos me fizeram sentir mal hoje. Se eu só fico melhor quando estou medicado, quem sou eu?

12 de Maio

Chuva novamente, como de costume. Eu não quero mais causar problemas. É realmente um pecado acabar com tudo em vez de lutar? Algumas pessoas dizem isso, mas elas não sabem como eu vivo. Pode ser egoísta, mas é o que eu quero. É muito difícil viver assim. É muito difícil...

13 de Maio

Está claro lá fora. Os médicos disseram que estou livre. Eu finalmente posso ir para a casa. Eu acho que...

O diário terminava de repente. Deve ter pertencido a um dos pacientes. Se isso pertencesse ao mesmo paciente daquele memorando de antes, James estaria mais aliviado. Possivelmente o paciente se recuperou e foi dispensado do hospital, o que então significava que não era James o paciente.

Mas e se o paciente teve uma recaída? E se ele caísse novamente em seu mundo de ilusão? E se a sua realidade fosse estar perambulando por aquele pesadelo inacabável?

Um ruído alto soou pelo local, como se estivesse vindo dos próprios pensamentos de James. Era um ruído de metal no chão, como se alguém estivesse arrastando algo pesado. Antes mesmo de James se virar, ele sabia o que era.

Venha me pegar, imbecil! – James desafiou, puxando sua preciosa arma do cinto. Diferente de antes, ele não estava com medo do monstro pirâmide. Apesar de parte desta confiança vir do fato de que ele já havia escapado do monstro duas vezes, agora o maior motivo dessa confiança era por ele duvidar de que aquilo era real. Não há como esse idiota ser real...

Completamente indefeso, além da arma em sua mão, James se expôs diante do monstro. Se aquilo fosse apenas uma ilusão, então a espada de metal não seria nada mais do que um brinquedo de papel e aquela lâmina passaria em seu corpo sem deixar um arranhão.

O monstro levantou lentamente sua lâmina, com a intenção de cortar seu alvo pela metade. A coragem de James falhou e ele recuou para trás.

Ele bateu com suas costas em uma cerca de proteção do telhado. A cerca estava enferrujada e quebradiça, então rapidamente começou a ceder com o peso de James.

De repente, a estrutura cedeu por completo e se inclinou para trás, levando James a cair.

James ficou chocado, olhando para o buraco no teto. Poeira e pedaços de escombros estavam espalhados pelo chão da sala escura. O telhado onde caiu deveria estar podre o suficiente para que pudesse se romper.

Mesmo após cair de uma altura impressionante, a dor em suas costas quase não passava por sua mente. O monstro da pirâmide não o seguiu, o que era bom, assim ele estava seguro por um tempo.

Usando o cano de ferro como uma bengala improvisada, James levantou-se e examinou a sala. Ele estava na Unidade de Tratamento Especial, onde parecia ser o terceiro andar. O local possuía várias portas, cada uma levando a uma sala de isolamento para pacientes com graves doenças mentais.

James não podia deixar de rir da ironia. Ao rir, uma dor perfurou suas costas.

Seguindo seu caminho com cuidado pelo corredor, James olhou silenciosamente o quarto S03. Maria estava quieta. Agora que o monstro de pirâmide estava por perto, ele se preocupava ainda mais com sua segurança. O que eles fariam se o monstro aparecesse? Seria muito perigoso para ela.

James afastou-se da sala e foi em direção as escadas. Ele ainda não havia olhado o porão.

Seria mais fácil chegar ao porão se ele pudesse usar o elevador, mas infelizmente ele não estava funcionando, o que o deixou sem outra opção. James encontrou uma porta que lavava até a escadaria de emergência, mas ela estava trancada. *Eles devem manter a chave por aqui em algum lugar. Talvez em algum dos escritórios*.

Com o corpo dolorido por conta da queda, uma figura chamou sua atenção. Com a saia balançando, a figura saiu correndo. Era Laura! E ela estava tentando escapar novamente.

James correu para onde tinha visto a garota, mas ela já não estava mais lá. O corredor logo a frente levava a um beco sem saída, então ela devia estar se escondendo por perto. Vasculhando no quarto C2, ele logo a viu.

- Você não pode se esconder agora. Saia daí logo.

Alegremente, o rosto da menina se espreitou por baixo da cama.

− Uh, oh. Você me encontrou. Agora está com você?

Laura esteve correndo todo esse tempo achando que eu estava brincando com ela? Ali estava ele, em uma busca desesperada enquanto a garotinha tratava tudo como se fosse um jogo. James estava ficando sem energia.

- Por favor, Laura. Não corra mais, tudo bem?
- Hã? Como você sabe meu nome?
- O Eddie me contou.
- Aquela baleia linguaruda.
- Eu só preciso que você me diga como conhece a Mary. Mary Shepherd Sunderland.
- Por quê?
- Porque eu tenho que saber! Disse James com sua voz alterada de nervoso.

Laura pareceu se assustar com a expressão séria de James.

- Você vai me bater se eu não disser?
- − O que? Não. Eu nunca faria nada com você. Eu só preciso de respostas.

- Mary... era minha amiga quando eu fiquei em um outro hospital.
- Quando foi isso?
- No ano passado.
- Mentirosa! Ano passado a Mary já havia...
- Você que é o mentiroso!

Mais uma vez, James estava desapontado. Claramente Laura não iria dizer nenhuma verdade. Mas o que uma garotinha teria o que esconder? Algo ruim aconteceu entre ela e Mary?

- De qualquer forma, temos que sair daqui. Aqui não é lugar para uma criança ficar andando sozinha. Esta cidade é perigosa... estou surpreso que ainda não se machucou.
  - Por que eu me machucaria? Essa cidade é completamente chata.

Pelo menos agora que ele encontrou Laura, ele poderia se encontrar com Maria no terceiro andar. Assim que eles saíram do quarto, Laura disse: — Espere, eu tenho que ir num lugar.

- Agora não, tudo bem? Nós não podemos nos separar.
- Mas eu esqueci algo muito importante. É uma carta da Mary!

James imediatamente parou de andar. Ele se virou e olhou para a garotinha segurando sua mão. Tentando convencê-lo, Laura lhe mostrou o mais belo sorriso que podia. O efeito se desfez quando ela voltou a parecer uma criança mimada.

- Por *favooooor*? É bem perto!

James não poderia deixar algo relacionado a Mary passar. Ele precisava ver do que se tratava. Após pensar por poucos segundos, ele resolveu seguir a garota.

A placa em sua frente dizia "Sala de Tratamento".

Esse deveria ser o lugar onde traziam os pacientes que chegavam de ambulância.

Fileiras de camas estavam alinhadas na parede mais distante. A única outra coisa que o quarto tinha era uma prateleira pendurada na parede com diversos equipamentos médicos e remédios.

- Essa é mesmo a sala correta?
- É sim. É bem por aqui.
- Onde?
- Naquela prateleira, do lado de trás.

James entrou na sala de tratamento sem pensar duas vezes. Ele só tinha andando metade do caminho quando ouviu uma porta se fechando atrás dele.

- Laura? - Ele se virou, esperando que nada tivesse acontecido com ela. Tudo que ele conseguiu escutar foi um sorriso do outro lado da porta.

- Peguei você! Não acredito que você é burro o bastante para ter caído nessa.
- − O que você está fazendo? Laura, por favor, abra a porta.

James correu até a porta e a puxou, mas de alguma forma ela a conseguiu trancar por fora.

- Por que eu deveria abrir? Eu sou uma mentirosa mesmo, não é? Você mesmo disse.
- Anda logo, abra isso! James estava alterado novamente.
- Se quiser que eu abra, por que não pede educadamente?
- Escuta, Laura, eu não estou brincando com você. Você não está segura aí fora.
   Podem haver monstros! Por favor, você não pode andar por aí sozinha.
- Não vai mesmo pedir com educação? Tem certeza? Acho que não vou abrir, então.
   Acho que você vai ficar aí um tempinho.

Um rugido baixo e ameaçador veio de algum lugar atrás de James, na sala de tratamento.

- Laura! Laura! Enquanto batia na porta, James pegou sua lanterna e freneticamente vasculhou o quarto. O teto. Havia algo pendurado no teto.
- Abra a porta! Rápido! Não importava o quanto ele gritasse ou o quanto ele batesse na porta, ela não iria abrir. Laura deveria ter saído, deixando James preso ali, com aquela coisa se escondendo nas sombras do teto.

Ele tentou novamente iluminar a criatura com a lanterna. O que ele viu foi algo que lhe parecia preso dentro de um saco cinza. Os movimentos do monstro eram lentos, enquanto ele se aproximava de forma preguiçosa.

Sua forma era diferente de qualquer coisa que James tenha visto. Um monstro bizarro como um pêndulo. Seu corpo era um pedaço macio e flácido de carne, como se fosse um ser humano, suspenso no teto por uma armação retangular de metal. Não era nada além de uma massa de carne e músculos em decomposição, quase mostrando suas tripas negras por dentro. Braços e pernas surgiam de uma forma deformada.

Da escuridão, emergiram mais duas criaturas repulsivas, cercando James em ambos os lados.

Elas avançavam lentamente. James tentou manter a calma, ele só precisava se concentrar e sair vivo. Seria impossível matá-las com o cano de ferro, afinal seus corpos eram protegidos por uma espécie de gaiola. Ele teria que usar sua arma. O pensamento de ter que usar suas preciosas munições o encheu de medo. Ele deveria guardar para quando o monstro com cabeça de pirâmide aparecesse. De qualquer forma, morrer agora também não adiantaria nada.

James abriu fogo contra as três criaturas, certificando-se de acertar cada uma com a mesma quantidade de tiros. Mesmo naquela situação, cercado por monstros, James apenas sentia raiva de Laura. Ele tinha que sair dali, mesmo que fosse apenas para dar uma bronca na garota.

Motivado por isso e por sua raiva imatura, os disparos cuidadosos de James se transformaram em disparos selvagens e quase aleatórios.

- Morra, sua criatura desgraçada. Pedaço de merda!

Enquanto as balas perfuravam aqueles pedaços de carne, gotas de sangue voavam pelo ar e caíam no rosto de James. Ele se assemelhava a um demônio. Todo aquele ódio, junto com o cheiro de sangue que se espalhava, o fez sentir tonturas.

James...

Era o sussurro frio de uma voz feminina. Era tão suave que parecia vir de sua cabeça.

James...

Sua consciência desapareceu numa escuridão.

James fechou os olhos e quando abriu estava olhando fixamente para uma parede de concreto. Não havia nenhum sinal de monstros. O que ele estava fazendo ali? Ele não conseguia se lembrar direito o que aconteceu. Tudo o que ele sabia era que ele estava em um lugar escuro e lutando com aquelas criaturas, mas e agora?

Ele tinha certeza de que ainda estava no hospital, mas por quanto tempo ele estava ali? Nada veio em sua mente. Algo não parecia certo.

James voltou a tentar abrir a porta, que dessa vez estava destrancada. Quando James a abriu e voltou ao corredor, era como se o mundo tivesse mudado. O chão estava desgastado, revelando a parte de concreto por baixo. As paredes também estavam desgastadas, rachadas e tingidas de vermelho e manchas de sangue seco. Pedaços quadrados de equipamentos médicos estavam espalhados por todos os lugares, tudo coberto por poeira e sujeira. O Hospital Brookhaven estava em ruínas.

James não conseguia entender aquela mudança repentina e assustadora. Ele só conseguia ficar de pé e mudo. *Eu fiquei louco? É algum pesadelo?* 

 Maria – Todos os pensamentos sobre Laura desapareceram. James começou sua caminhada até o terceiro andar, quase como se algo estivesse puxando sua alma até lá.

Tudo que ele conseguia pensar enquanto atravessava os corredores era que se ele conseguisse encontrar Maria, ele poderia lhe perguntar se aquilo era real. Mais do que tudo naquele momento, ele queria acreditar que não era real.

Ele abriu a porta do quarto S03 e tudo o que encontrou foi uma cama vazia com um frasco de pílulas vazio. Aquilo era algo do hospital ou era algo que ela carregava?

O olhar de James estava fixo no frasco. Ele se lembrava daquele medicamento. Era o mesmo que Mary tinha que tomar várias vezes ao dia quando ficou doente. A dor daquele tempo começou a voltar em seu peito. Maria tem a mesma doença?

Maria... Onde está você? – Na mente de James, Mary e Maria começaram a se fundir.
 Era como se Maria estivesse tentando substituir Mary.

James começou a procurar por Maria em todos os lugares, enquanto tentava entender o que era aquilo tudo.

James foi parar em um depósito no piso térreo após algum tempo de busca. Pedaços de equipamentos enferrujados haviam sido jogados em um canto como se fossem lixos. O lugar era estreito o suficiente para ele se sentir sufocado.

Após algum tempo ele percebeu, não havia ninguém ali.

Os ombros de James caíram de decepção. De repente, ele ouviu uma voz chamando por seu nome. Era como um som bonito vindo do céu. Era como a canção de um anjo, cativante e deslumbrante. Com o coração alegre, James virou-se. Aquele rosto que ele perseguia por tanto tempo estava lá...

- Mary?
- Eu sou a Maria. Ela o olhou com aborrecimento.
- Ah, me desculpe. James suspirou. Eu acho que estava confuso... eu não sei o que está acontecendo. De qualquer forma, fico feliz em ver que está viva. Está se sentindo melhor?
- De qualquer forma? O que quer dizer com "de qualquer forma"? Eu realmente significo tão pouco assim para você? Eu poderia ter morrido lá atrás. Onde você estava quando eu precisei de você? Você só fala em sua esposa morta. Isso é tudo que importa para você? Você ao menos se importa com o que acontece comigo?

Em meio a tantas perguntas nervosas, Maria parecia estar quase se derramando lágrimas.

James ficou surpreso com as acusações.

- Não. Não é nada disso...
- Então fique comigo. Não me deixe sozinha novamente, nunca mais.
- Claro. Eu prometo que não vou mais te deixar sozinha.
- Então... tudo bem. Eu lhe perdoo.

Aos poucos, Maria parecia voltar ao seu estado normal.

- Você encontrou a Laura?
- Sim. Mas ela correu novamente.

A brincadeira da garotinha tinha lhe dado nos nervos, e ele ainda estava perturbado com o estado decadente do hospital. Ele estava cansado de ter que olhar para aquilo.

– Isso não é nada bom. Agora temos que ir atrás dela, outra vez. – Maria falou com fúria, como se estivesse culpando James por ter a deixado fugir. – Sabe, não sei bem o que é, mas esse hospital está me dando uma sensação estranha. A pobre Laura deve estar com medo.

Aquelas palavras aliviaram James. Então eu não estão louco. Se a Maria pode ver essas coisas estranhas também, então não são apenas alucinações.

- Sim, é melhor a gente continuar. James disse.
- Me pergunto onde uma criança se esconderia por aqui. Talvez o porão? Ainda não olhamos lá.
- Eu pensei nisso, mas não há como chegar até lá. O elevador não se move e a porta da escada está trancada. Por conta disso, também não vejo como ela poderia ter ido se esconder ali.
- Como assim? Eu peguei as escadas do porão pouco tempo atrás e não precisei usar nenhuma chave.

Seja lá o que tenha acontecido com o hospital para que ele ficasse daquela forma, isso poderia ter destrancado a porta também. James e Maria atravessaram os salões tenebrosos do hospital em direção ao porão. Bem como Maria havia dito, a porta estava realmente destrancada. James tinha certeza que ela estava trancada antes, mas ele resolveu não dizer nada.

Do outro lado da porta havia um corredor úmido com odor de mofo. Era um lugar que não se encaixava em nada como o de um ambiente hospitalar. Seus passos ecoaram devagar pelo lugar escuro e fechado, o que gerava um sentimento de solidão crescente. Quando viraram uma esquina do corredor, o silêncio foi interrompido por um grito de Maria.

### – James!

O som que James já havia escutado várias vezes se aproximava devagar. O som pesado de algo de metal se arrastando pelo chão. Era o demônio vermelho novamente.

Fique atrás de mim.

Ficando na frente de Maria para protegê-la, James levantou sua arma, pronto para a luta.

Ele sabia que uma arma era eficiente, mas depois do encontro com os monstros na sala de tratamento, apenas três munições restavam. Pensando rápido, James disparou os últimos três tiros na criatura que ia se aproximando. James agarrou a mão de Maria e recuou correndo.

Uma arma sem munição não seria útil e só iria o atrapalhar, então ele a jogou de lado.

- Rápido.

Puxando Maria pelos corredores, James só conseguia rezar para que tivesse alguma saída no final do corredor. Se o pior acontecesse, ele pelo menos ainda tinha o cano de ferro para tentar se defender. Eles atravessaram o corredor virando em todos os lugares possíveis até que suas pernas doessem. Eles estavam ofegantes e aterrorizados.

O fim estava à vista. Uma porta alta e cinza ao fim do corredor, que a cada passo parecia infinitamente longe. Era a entrado de um quarto? Um beco sem saída? A dúvida de James se desfez e deu lugar a um breve alivio, ao ver que se tratava de um elevador.

E a porta estava aberta. *Vamos, por favor, tem que estar funcionando!* James correu para dentro e começou a apertar imediatamente os botões. Não importava qual andar, eles só precisavam sair dali. Em seu desespero, ele estava apertando repetidamente os botões como se estivesse tentando quebrá-los.

Quase que instantaneamente, as portas começavam a se fechar.

De repente, ele percebeu. Maria ainda estava do lado de fora do elevador. James apertou os botões na tentativa de impedir que se fechassem completamente.

- Abre logo, inferno! O elevador continuava com as portas se fechando, ignorando tudo o que James fizesse.
  - James! Maria gritou em um pedido triste de socorro.

Ao alcançar o elevador e colocar seus braços para dentro, os gritos de ajuda de Maria foram interrompidos por um som de lâmina rasgando carne.

#### - MARIA!

O braço dela foi puxado para trás enquanto as portas se fechavam. A medida em que o elevador subia, James entrou em profundo desespero, caindo no chão do elevador.

Onde será que ele se meteu? - Laura murmurou com despontamento.

James já deve ter deixado o hospital. Ele já não estava mais na sala de tratamento quando ela voltou para o ver.. Mesmo que Laura odiasse James por causa da Mary, ter o perdido de vista a fez ficar triste. Esconde-esconde era divertido, mas não tinha graça se não tivesse alguém com quem brincar. Por um tempo, ela brincou de ser detetive, tentando achar alguma pista no hospital, mas ela logo se cansou.

Mesmo que este fosse um hospital diferente do que tinha ficado, não havia nada de novidade. Os pisos impecavelmente limpos e os equipamentos complexos só serviam para lembrá-la dos dias longos e chatos que ficou presa em uma cama.

 - Hm. Acho que vou voltar para pista de boliche. Espero que Eddie tenha tido uma dor de barriga.

Saltitando levemente em seus passos, Laura começou a caminhar.

Mesmo depois de tudo, eu não consegui salvá-la...

Desolado, James se inclinou contra as paredes do elevador. As paredes começavam a se parecer com gaiolas cada vez mais. Quando chegou ao andar superior, as portas de metal do elevador se abriram, revelando um corredor totalmente escuro. A escuridão era tão pesada quanto o sentimento que estava em seu coração. Primeiro Mary, e agora Maria...

Por conta das duas possuírem aparências parecidas, era como se ele tivesse perdido a mesma mulher duas vezes. O sentimento de perda havia dobrado. Um sentimento tão vazio que era como se ele estivesse morto. Era isso que ele queria para que isso terminasse. Mas... e se ele fosse um louco? E se tudo fosse um infinito pesadelo?

Com muito esforço, James finalmente conseguiu ficar de pé. O rosto de sua esposa veio em sua mente, sua *falecida* esposa. Aquele rosto era o único motivo para ele viver. Aquele sentimento de tristeza momentâneo era apenas uma distração. Procurar por Mary, continuando a acreditar que ela estava viva, isso era o que importava agora.

James saiu do elevador e entrou no primeiro andar da área administrativa. Era o mesmo andar que ele esteve antes, mas esse lugar agora estava completamente sujo e em ruínas. Por conta disso, todas as portas de escritórios e salas de exames estavam enferrujadas, sendo impossíveis de se abrir. Uma única sala estava aberta, a sala do diretor.

Se ele quisesse encontrar Mary, teria que encontrar Laura primeiro, pois ela deveria ter as respostas. Afinal, Laura mencionou o nome de Mary e parecia a conhecer.

Além do "lugar especial" no hotel, a garota era a única pista que ele tinha.

James olhou dentro da sala do diretor. Livros médicos e bem conservados estavam alinhados em uma estante. No entanto, nenhum sinal de Laura. Ele já havia procurado em cada canto do hospital, então isso significa que ele teria que voltar para as ruas da cidade?

O raio de sua lanterna iluminou uma grande mesa próxima a uma janela, do outro lado da sala. Alguém tinha deixado um mapa lá. E era esse mapa, em uma mesa completamente vazia, que chamou a atenção de James. Mais um mapa de Silent Hill com um local marcado com um "X" e algumas frases rabiscadas no canto. Teria o diretor do escrito isso?

Aquele que teme ser observado do abismo, será incapaz de olhar para o mesmo.

A verdade só será obtida se seguir em frente. Siga o mapa. Você encontrará uma carta.

James desviou o olhar do mapa para cima, na janela, e viu uma pequena sombra do lado de fora. Sem perder tempo, ele saiu do escritório em direção a entrada principal do hospital. Não havia dúvidas que aquela sombra era a Laura. Ela estava saindo do hospital.

Espere. Você tem que me dizer... você tem que me contar sobre Mary!

De pé na entrada do hospital, James cuidadosamente verificou a rua com sua lanterna. Laura tinha desaparecido em meio àquela névoa. Ela foi para a direita ou esquerda? James não tinha certeza, mas tomou a decisão de ir pela direita e foi para o sul, pela Rua Carroll. Se Laura tinha ido por ali ou não, seu objetivo também era chegar ao ponto marcado no mapa.

Talvez era a palavra "carta" que lhe chamava atenção. E ele não podia deixar de pensar que poderia ser importante.

James estudou cada canto do mapa. Seu destino era em algum lugar próximo à Rua Lindsey. Ele lembrou de sua arma, que havia abandonado durante a perseguição tensa no hospital. Não que uma arma sem munição fizesse alguma diferença.

Pelo lado bom, ele ainda tinha seu cano de ferro. Segurando-o firmemente, James prosseguiu, esperando que não precisasse usá-lo em nenhum momento.

Ao chegar à Rua Saul, James encontrou uma construção que bloqueava a estrada, com um túnel no centro. O interior estava escuro e sombrio, mas James entrou, agarrando-se ao cano de ferro. Poucos passos depois, ele encontrou uma porta que dava continuidade ao túnel infinitamente escuro. O chão dali em diante era feito de apenas grades de metal. James estava relutante em ter que atravessar aquilo sem nada sólido abaixo. Ao olhar com atenção para baixo através da cerca, James conseguiu ver uma figura se contorcendo. *Era um monstro lá embaixo?* 

Embora tivesse os movimentos parecidos, era diferente dos outros com armas e dos manequins. Seja o que for, certamente não era agradável. *Se eu correr, talvez eu consiga passar daqui de uma vez,* James pensou.

Não havia como saber a distância daquele túnel, mas ele só esperava que aquela criatura abaixo dele não conseguisse atacá-lo. Quando estudava, o esporte era seu ponto forte. Principalmente em corridas a curtas distâncias. Agora que era um adulto, seu corpo estava mais fraco pela falta de exercício, mas ele tinha que tentar.

## Aqui vamos nós.

James respirou e correu pelo túnel. Enquanto corria, a luz da lanterna pendurada em sua camisa balançava de lado a lado, tornando quase impossível ver onde ele estava indo.

Ele estava correndo em um túnel totalmente escuro e sem nenhuma saída à vista. Com cada passo, as grades abaixo de seus pés chacoalhavam fazendo barulhos que se misturavam a estática do rádio. Abaixo dele, as criaturas o seguiam. Sua intenção era correr sem se distrair, mas era impossível não olhar para baixo.

Os monstros estavam pendurados pelo outro lado da grade, perseguindo James em movimentos rápidos e hábeis.

Do outro lado da grade de metal, braços surgiram e bateram nos pés de James, enviando uma dor por todo seu corpo. James ergueu o cano de ferro e tentou golpear o inimigo em seus braços horrendos. Houve uma pequena explosão de faíscas e o *clang* metálico ecoou pelo túnel. O chão era tudo o que ele havia atingido. Devido a grade e a rapidez da criatura, seria difícil acertar algo de forma eficaz.

James cambaleou por conta da dor em seu pé. Ele se segurou na parede do túnel para não cair. Ele sabia que se caísse naquele lugar, estaria tudo perdido. Ele morreria enquanto aquelas criaturas arrancavam e devoravam sua carne. Embora estivesse com uma sensação de dormência em sua perna, James continuou seguindo em frente. Enquanto ele pudesse andar, fugir era a melhor opção.

James correu rapidamente, evitando qualquer novo ataque inimigo. Cada passa era um grito de dor.

Finalmente ele viu o que parecia ser o fim daquele terrível túnel. Uma grade de metal como as outras e uma porta, que felizmente estava destrancada. James foi voltando aos seus passos normais a medida que se afastava. Seu coração batia forte, mas ele respirava aliviado.

Andando pela rua do outro lado do túnel, ele viu o que parecia ser um bar localizado na esquina da Rua Neely e da Rua Sanders. Com o barulho de estática avisando da aproximação de mais monstros, James decidiu evitá-los entrando no edifício do bar.

O lugar estava sem ser usado havia um bom tempo. Não havia nenhuma cadeira, mesa, estante e nem nada. O lugar inteiro estava abandonado e em ruínas, assim como o hospital. James se sentou no chão, recostando-se numa das paredes. Ele iluminou o local com sua lanterna. Se houvesse algum monstro perto, ele já teria ouvido, mas não custava ter precaução.

Aparentemente, após o bar ser fechado, o local havia virado um local de reunião de delinquentes. Pontas de cigarros e restos de maconha estavam espalhados pelo chão. Em um canto, estava uma sacola de plástico que parecia estar recheada de cocaína. Toda as paredes e janelas estavam pichadas com obscenidades. A maior parte, insultos sem sentido. Mas enquanto olhava, uma das mensagens lhe chamou a atenção.

Se você realmente quer VER Mary, você deveria apenas MORRER. Mas você pode ir para um lugar diferente que o da MARY, James.

James ficou olhando fixamente para aquilo em silêncio. Não tinha como ser coincidência. Ele foi pego por uma sensação de tontura e sua cabeça doía como um sino que estava sendo golpeado. Sua respiração se tornou difícil. Sentia que precisava olhar aquela frase por mais tempo. A dor em sua perna já havia sido esquecida, então James se pôs de pé em direção a saída. Por conta da tontura, James tropeçou e caiu com força no meio da calçada.

Ele se levantou com dificuldade e correu em direção à Rua Lindsey o mais rápido que conseguia, sem direção exata, tudo para afastar aquela frase de sua mente. Embora ainda estivesse com o cano de ferro em suas mãos, o pensamento em lutar contra os monstros ou se esquivar deles desapareceu. Ele não se importava o quão indefeso estava correndo daquele jeito, ele apenas continuou.

O local indicado pelo diretor do hospital no mapa era uma casa completamente comum. Como a nota dele dizia, uma carta estava lá. Na escada, logo em frente à casa.

Talvez você seja um idiota. A verdade às vezes trai as pessoas. Uma parte desse abismo está no velho museu. A chave para isso está no parque. Aos pés de uma mulher rezando, no chão, dentro de uma caixa. Meu paciente enterrou lá. Eu sei, mas eu não fiz nada. Ter isso por perto me deixava desconfortável. Eu não estava procurando pela verdade, eu estava procurando por tranquilidade. Eu também vi aquela coisa. Eu fugi, mas o museu foi selado também. Agora ninguém ousa se aproximar daquele lugar. Se você não vai parar, James, peço ao Senhor que tenha misericórdia de sua alma.

James leu a carta inúmeras vezes, mas nenhuma das frases parecia fazer muito sentido para ele, como se tivesse perdido a habilidade de ler. Tudo o que ele conseguiu fazer foi olhar as frases com uma expressão de confusão.

Laura atravessou o nevoeiro branco. Ela estava sozinha novamente e com vontade de fazer um piquenique.

Um pouco mais cedo, ela foi até a pista de boliche, mas a encontrou vazia. Eddie provavelmente andou pelos arredores e se perdeu. Todos os adultos pareciam estar com medo de alguma coisa, e ela ficava preocupada com isso.

Não. Tudo vai ficar bem.

Ela havia dito a ele onde estava planejando ir, então talvez logo eles voltassem a se encontrar. Laura caminhou pelo oeste da Avenida Nathan com passos leves e cuidadosos. Ela tinha poucos problemas. Não haviam carros e nem pessoas para entrar em seu caminho. Tudo pertencia a ela.

Laura então atravessou uma ponte. A ponte que a deixaria um passo mais perto de onde Mary estava.

# O ABISMO MAIS PROFUNDO

Assim como a carta havia dito, uma chave estava enterrada aos pés de uma santa no Parque Rosewater.

James segurou fortemente a chave em suas mãos enquanto ia em direção para o Museu Histórico de Silent Hill. Agora que ele tinha essa nova pista, Laura já não importava mais. Apesar de que ele ainda estava preocupado com a garota.

Se a carta fosse verdade, aquela chave poderia ser capaz de explicar tudo o que estava acontecendo. Principalmente em relação a Mary.

Só por segurar a chave em suas mãos, o corpo e a mente de James adquiriam novas energias. Ele estava até mesmo caminhando sem se incomodar com a dormência em sua perna. Em alguns momentos, monstros entravam em seu caminho, mas isso já era nada mais do que um simples incômodo. Independente de qual criatura fosse, elas já não eram uma ameaça real.

Porém, ver aquelas criaturas se contorcendo trazia sempre o mesmo sentimento de nojo.

Após James chegar ao pequeno Museu e atravessar a mesa de recepção no pequeno salão, ele entrou numa área com pinturas e fotos alinhadas nas paredes. A maioria eram pinturas de paisagens ou fotos antigas de Silent Hill.

Apenas uma imagem parecia não combinar.

### [ Dias sombrios merecem julgamentos ]

Representava um homem gigante com uma lança rodeado por pessoas presas numa espécie de gaiola.

### - É ele. – James sussurrou.

Embora a pintura estivesse em tons de cinza, sua silhueta era inconfundível. Era o monstro da pirâmide vermelha. Como ele podia explicar isso estar aqui? Outras pinturas estavam acompanhadas de descrições abaixo, mas esta não tinha nada mais do que o seu título. Não querendo pensar muito naquilo, James avançou para a próxima sala.

Havia dezenas de fotos e pinturas em preto e branco desbotadas contando a história de Silent Hill. Enquanto examinava as imagens, James estava atraído por uma foto de um edifício muito familiar. Parecia um pouco diferente de seu estado atual, mas era claramente o Hospital Brookhaven.

Este hospital foi construído por conta de uma praga que surgiu com uma onda de imigração para essa área. Originalmente, era apenas uma barraca, mas com o tempo ele cresceu cada vez mais.

Ao lado estava uma foto do ex-diretor do hospital. Além dessas, haviam também várias fotos enigmáticas que não representavam nada além de um buraco. Ele se questionou se aquilo estava relacionado ao hospital, mas era impossível descobrir, afinal nenhuma delas tinha descrições.

Andando pelo museu, James encontrou outra imagem que lhe chamou a atenção.

# [ Morte por perfuração ]

Uma execução na prisão. Morte por perfuração ou estrangulamento. Escolher entre essas mortes é o último gosto da liberdade de um prisioneiro.

Se aproximando de outra foto, estava escrito:

[ Campo de Concentração de Toluca ]

Construído durante a Guerra Civil.

Mais tarde, veio a se tornar a Prisão de Toluca.

Se baseando nessas descrições dos eventos passados, essa prisão deve ter sido um lugar de extrema crueldade. James nunca tinha ouvido falar em uma "morte por perfuração" que se realizavam nas épocas coloniais.

Se um prisioneiro tivesse que escolher o destino deles, por que escolheriam logo isso? O que os levava a escolher morrer de uma forma tão brutal?

As histórias que essas imagens contavam eram arrepiantes. E isso estava começando a dar aquele lugar uma sensação estranha.

Como era esperado em um lugar tão pequeno, James chegou em um beco sem saída. No entanto, ele ficou curioso com o que encontrou no meio de uma das salas. Agora havia uma explicação para aquelas pinturas de buracos.

- Que merda é essa...?

Olhando para um buraco quadrado no chão, ele não conseguia ver nada em seu fundo. Nada além de um abismo. Olhando aquele buraco sem fundo, um pensamento veio na mente de James.

A escuridão desse buraco, é como eu. Isso pode até mesmo ser meu destino. É possível que eu esteja apenas em um mundo de fantasia.

Em sua mente, vieram as palavras rabiscadas no mapa do diretor daquele hospital.

" Aquele que teme ser observado do abismo, será incapaz de olhar para o mesmo.

A verdade só será obtida se seguir em frente. ''

James voltou a olhar o buraco.

Eu vou seguir em frente. Não importa o quão profundo seja. Se esta é a escuridão do meu coração, eu quero saber o que há lá.

Com esses pensamentos, James fechou os olhos e se jogou para dentro do buraco.

James abriu os olhos após a queda. Ele estava em um lugar circular feito de tijolos. Era como um poço, sujo e com água em seus pés. Não era bem o que ele esperava com o pensamento poético de "a escuridão do meu coração". E agora, supondo que isso fosse um lugar real, ele estava preso.

Por que eu fiz algo tão estúpido?! Mas, espera um segundo... Depois de pular de um lugar tão profundo, como eu não senti absolutamente nada ao cair?

James examinou ao redor do poço, batendo as paredes de tijolos com o cano de ferro, tentando encontrar algo. Após algumas batidas, ele percebeu que um ponto do lugar tinha um som diferente, bem mais leve.

Ele começou a bater no lugar com mais força, até que, um por um, os tijolos foram caindo. Era uma saída, talvez para um esgoto. Após retirar os tijolos suficientes, uma porta foi revelada. James a abriu e entrou, com seus passos respingando gotas de água enquanto caminhava.

Um rugido baixo ecoou no local, misturando-se com o som da água corrente. Parecia mais um daqueles monstros. James segurou o cano de ferro e se preparou para um possível confronto. Logo ao virar em uma curva do esgoto, ele o encontrou. James o atingiu em sua cabeça, fazendo a criatura cair imediatamente no chão. O sangue se misturou com a água rasa, mas isso não era nada demais. Aquela água já estava imunda, e um pouco de sangue não faria diferença.

Antes que James pudesse matá-la, a criatura fugiu pela água como um sapo. Ele sabia que se a deixasse viva, ela poderia atacá-lo mais tarde, mas mesmo assim ele achou melhor ignorar e seguir em frente. Ele não conhecia aquele lugar e ir atrás poderia ser arriscado.

Após algum tempo, James chegou ao fim do lugar. Um caminho seco o levou para uma pequena sala vazia, exceto por uma porta no chão. Era uma porta normal, como qualquer outra, apenas na posição errada. *Isso deve levar até um porão*. Ele segurou a porta para abri-la e...

Sim, outro buraco escuro, tão profundo que nem a luz de sua lanterna podia ver o que havia lá dentro. James soltou um sorriso torto.

Acho que a escuridão do meu coração possui várias camadas...

Ele pulou sem medo.

A queda pareceu mais longa. Eu realmente posso estar... morto? James estava pensativo. Como eu posso sobreviver a essas quedas sem me machucar? Eu sou um fantasma? Mas... enquanto esse lugar está longe de ser considerado o céu, também não é o suficiente para ser considerado o inferno.

Várias mesas e cadeiras estavam perfeitamente alinhadas no lugar onde ele havia caído; móveis antigos de madeira, cheios de poeira. Isso certamente não era algo bom.

O lugar parecia ser um refeitório para alimentar diversas pessoas. A luz de sua lanterna iluminou o corpo de uma pessoa sentada em uma cadeira com o rosto caído na mesa, cheio de sangue. Ele parecia ter sido baleado na cabeça por uma arma. Mas isso não parecia algo feito por um daqueles monstros.

Quem estaria aqui além de mim?

- Matar uma pessoa é tão fácil... você só precisa colocar a arma em sua cabeça e, *pow!* Basta um tiro... – Disse um homem agachado perto do corpo.

Ele pegou um revólver e colocou contra sua cabeça, demonstrando em tom de brincadeira como funcionava o que ele havia dito. Era o Eddie.

- Você... você o matou? – James perguntou, demonstrando nervosismo.

A expressão de Eddie ficou séria. Ele balançou sua cabeça com a arma ainda na mão.

- Não foi minha culpa! Ele que me fez fazer isso...
- Por favor, se acalme, Eddie. Ninguém está lhe culpando. Apenas me diga o que aconteceu. James disse com calma.

Um suor frio começava a surgir em sua testa. Ele tem uma. Eu tenho um pedaço de ferro. Se ele apontar isso para mim, não há como me defender. Então, vou tentar não o irritar.

- Esse cara... ele já *chegou chegando* e se meteu na minha vida. Além disso, ele estava zombando de mim com seus olhos. Igual aquele outro...
- Entendi. James deu um aceno positivo. Mas, Eddie, você não acha que matá-los é um pouco demais?
- É uma razão completamente plausível! Eddie soltou um grito. Por que não seria?! Até agora, eu deixei todos pisarem em mim, até mesmo aquele cara e seu maldito cachorro.

Falando de uma forma irritada e cheia de ódio, James só podia permanecer em silêncio, com medo de provocá-lo ainda mais.

De repente, a expressão nervosa de Eddie voltou ao normal, se transformando em quase um sorriso infantil.

- Estou apenas brincando, James. Te assustei? Não é nada disso. Esse cara já estava morto. – Ele deu as costas para James e foi em direção a saída. – Bom, mas agora eu já vou indo. Até mais.

James não o parou. Não era todo dia que alguém armado fazia uma loucura dessas em sua frente, então ele estava aliviado de ver Eddie partindo.

Saindo daquele lugar, James verificou se o caminho estava seguro. Iluminando com sua lanterna os dois lados do corredor escuro, ele não encontrou nada. Pelo menos Eddie não havia decidido lhe esperar ali para emboscá-lo. Sons atravessaram o corredor, um sinal de que poderiam ter monstros por perto.

Onde eu estou?

Saindo pela porta, James viu um corredor sujo e decadente. Barras de ferros enferrujados e amassados se alinhavam, formando várias celas do que parecia ser uma prisão. Sim, era uma prisão, certamente. James franziu sua testa ao se dar conta de onde estava.

As fotos da prisão de Toluca que estavam nas paredes do Museu Histórico ressurgiram em sua mente.

Aquelas imagens me inspiraram a estar vendo isso, de alguma forma? Seus pensamentos estavam confusos. Ele estava com dificuldades de saber o que era e o que não era.

Se baseando pelo caminho que ele seguiu, ele já deveria estar abaixo do lago.

Várias das celas continham monstros que gemiam e batiam nas barras de ferro. James desviou o olhar, trêmulo.

Ele continuou andando pelas celas até que chegou em outro grande corredor. No meio do caminho haviam duas portas, uma de frente para a outra. Dentro de uma das portas havia um espaço para banhos, do outro lado de outra porta havia um gigantesco espaço vazio, apenas com um objeto no meio. James olhou de longe, apenas se aproximando com alguns passos. Era uma forca. Um pedaço de corda amarrada no teto com um laço na ponta. Era quase como um convite.

James ficou paralisado quando algo do lado da forca. Com as mãos amarradas atrás de suas costas, a figura de um homem estava parada em cima de uma plataforma de madeira. Os carcereiros, como se fossem juízes, liam em voz alta uma lista de acusações. Todas sendo dirigidas para o homem, que parecia ser o próprio James.

 Você está mentindo para si mesmo ao fugir da verdade. Por conta disso, sua sentença é a morte.

Com aquelas palavras, o executor apareceu. O mesmo que James já havia encontrado, com o grande capacete de metal triangular e enferrujado. Agarrando o laço, o executor rapidamente o colocou em volta do pescoço do homem.

James agitou os braços diante de seu rosto, na tentativa de fazer aquela ilusão desaparecer. A ideia de ser executado em um lugar como aquele era terrível.

- Me ajude... – Um sussurro engasgado saia da boca do homem. – Alguém, por favor... Me ajude...

James desejou a mesma coisa, me ajude.

Se alguém estiver no mundo real, olhando para mim, me ajude. Use alguma medicação ou o que for. Não me importo. Apenas... Por favor, me cure dessa insanidade. Eu não quero mais ver essas coisas. Eu quero sair desse pesadelo!

James virou as costas para aquilo e correu cegamente pelos corredores escuros, passando por diversas salas, sem rumo, apenas procurando por alguma salvação. Em uma das salas que ele entrou desesperadamente, estava um arsenal bem abastecido. Embora esse não fosse o tipo de salvação que ele buscava, era um abrigo ideal.

James pegou um rifle de caça e algumas munições extras, enquanto tremia e olhava para o teto. Aquilo era mais do que uma simples arma para James, era um símbolo que o oferecia conforto. Isso ajudou a aliviar o medo, mesmo que pouco. James sentou-se perto do armário, agarrando o rifle como uma criança segurando um cobertor, sem a mínima intenção de sair daquela sala.

A ideia de ficar ali escondido em um lugar rodeado de munição era confortante, mas ele sabia que isso não resolveria seus problemas.

Maria estava morta. Ele não conseguiu fazer nada para salvá-la. E agora ele estava escondido como um covarde, enquanto deveria estar procurando por Mary. Mesmo assim, ele ainda queria ficar protegido naquela sala. Só por mais um pouco.

Como se estivesse analisando meios de sair daquele lugar, ele começou a ler revistas que estavam em cima de uma mesa. Era uma pequena revista, provavelmente de uma publicação local.

Localizado no centro de Silent Hill, está a principal atração da cidade, o Lago Toluca. No entanto, esse lindo lago também tem um outro lado. Embora possa parecer como contos de fantasmas que são contados em cidades antigas, essa lenda é verdadeira.

Em um dia nublado de novembro de 1918, a Pequena Baronesa, um navio cheio de turistas, não conseguiu voltar ao porto. Após o nevoeiro desaparecer, nenhum sinal do navio foi encontrado. A névoa estava tão densa aquele dia que o navio nem mesmo foi visto partir. Por conta disso, é impossível saber o que aconteceu com o navio.

Um repórter simplesmente disse: "Ele deve ter sido afundado por algum motivo". Apesar dos esforços de busca, nenhuma parte do navio foi achada. Nem mesmo os corpos da tripulação. Isso certamente pode acontecer, mas sem nenhuma evidência é difícil determinar o que é real ou não.

Em 1938, um acidente ainda mais estranho aconteceu. Ao contrário da Baronesa, o navio foi encontrado, mas nenhum corpo foi. A embarcação estava intacta e não havia motivo para ninguém ter pulado no lago. Assim como Mary Celeste em 1872 e Carroll Deering em 1921, os passageiros nunca mais foram encontrados. Na época, havia rumores que tenha sido um suicídio coletivo, mas isso parecia improvável, considerando que era apenas um barco turístico.

Mais recentemente, há 6 anos, um outro evento inexplicável ocorreu. Para investigar as lendas que o lago tinha, dois estudantes desapareceram em um pequeno barco. Tivemos a sorte de conhecer um colega de um dos estudantes desaparecidos. Ele afirmou ter estado presente na manhã em que os dois amigos sumiram. Mas ele acreditava que o barco apenas virou e os dois caíram. "De qualquer forma, esse lago me assusta", disse.

Ele também compartilhou conosco uma de suas histórias de fantasmas que ele havia ouvido. "As pessoas dizem que se você for no Lago Toluca à meia noite, seu motor desliga e você fica preso até a manhã seguinte."

Muitos cadáveres descansam no fundo desse lago e suas mãos ósseas se aproximam dos barcos que passam por cima de seus túmulos.

Isso dá um novo significado para o convite.

Venha visitar nosso belo lago.

James fechou a revista. Era um daqueles artigos paranormais que sempre falavam sobre alienígenas, pé grande, o triângulo das bermudas e todo tipo de teoria da conspiração. Que coisa mais sem noção. Mas mesmo assim, aquilo fez James se questionar.

As coisas relatadas nesse artigo são apenas mais alucinações? Ou isso realmente aconteceu em Silent Hill? Qualquer um em sã consciência saberia que aquilo era besteira. Barcos desaparecem no lago, receber cartas de alguém que deveria estar morto... essas coisas eram impossíveis de se acontecer.

James saiu da sala, com uma nova determinação. Duvidar de sua sanidade era difícil, mas necessário. Ele não tinha escolha a não ser apostar nisso.

No corredor, quase em frente a sala onde ele estava, havia um buraco coberto por uma tampa de ferro. Outro buraco que, é claro, ele teria que pular.

Primeiro um, depois outro, depois outro, depois outro. Como isso está divertido. James sorriu. Se isso são frutos de ilusões ou segredos escondidos em Silent Hill, acho que não tenho escolha senão ir até o fim.

Parecia que quanto mais James descia, mais as coisas pioravam. As paredes do lugar já estavam manchadas com várias sombras escuras e avermelhadas, e o chão cheio de vidro quebrado. O pequeno lugar parecia ter sido destruído. Ele avistou um elevador em uma das paredes, com a porta aberta. *Então esse lugar vai ainda mais para o fundo...* 

James entrou no elevador, pressionando o botão. Portas com barras de metal se fecharam, bem diferente de portas de um elevador comum. O elevador começou a descer. Olhando através das barras, ele via passar uma parede de pedra, com se aquele lugar fosse esculpido em rocha.

Após um tempo, ele finalmente chegou a uma passagem que se parecia com o interior de um prédio. Diferente de antes, aquele lugar estava em boa forma. Até mesmo as paredes estavam em boa forma, em vez de estarem aos pedaços. Ao longo do caminho, os corredores levavam a várias outras direções, cada uma levando a um beco sem saída. Estava começando a parecer um labirinto.

Era o labirinto da minha mente? Ou um labirinto para descobrir os mistérios de Silent Hill?

James entrou em um dos corredores e começou a ouvir o som de arame abaixo de seus pés. Ele não havia percebido, mas o chão daquele corredor era como o que ele havia encontrado antes. Apenas grades de metal, com criaturas abaixo. Eram as mesmas criaturas que haviam lhe atacado quando entrou no túnel. Imediatamente, James saiu daquele lugar, voltando para onde estava. Seus pés ainda estavam doloridos por conta de um ataque daqueles monstros, e ele não queria repetir a dose.

Algo se aproximava das profundezas daquela passagem. Algo com passos pesados que faziam as grades de metal vibrarem. James iluminou o fundo da passagem com sua lanterna. Era o monstro com a pirâmide vermelha na cabeça.

Não havia nenhum som de metal sendo arrastado pelo chão. Em vez disso, ele usava uma lança grande em suas mãos. Era exatamente como a pintura no Museu Histórico.

James estava tremendo de medo novamente. Simplesmente pensar naquela lança o perfurando o enchia de dor. James se virou e correu pelo corredor, tão rápido quanto seus pés podiam. O medo intenso só o fazia correr ainda mais rápido. James não fazia ideia de quão longe eram aqueles corredores, ele só tinha que escapar, não importava como. Se seu destino era o céu ou inferno, só Deus saberia.

James correu cegamente através do labirinto de corredores. Qualquer monstro que havia sido tolo o suficiente para entrar em sua frente, tinha recebido um tiro de rifle. Após algum tempo, o monstro de pirâmide parecia ter ficado para trás, mas mesmo assim James não parou de correr. Ele subiu escadas e mais escadas, até encontrar um lugar inesperado. Era uma sala, separada por barras de ferro.

Era uma cela. E naquela cela, havia uma mulher sentada.

### - Maria!

James mal podia acreditar no que via. Ela havia sido morta pelo monstro de pirâmide quando tentava entrar naquele elevador. Ele viu. Como ele poderia estar viva ali, bem em sua frente?

- Maria, você está viva!? Não está ferida? Você está bem?
- Estou bem, obrigada. Maria encolheu os ombros. Bom, eu estou presa aqui, mas felizmente eu estou bem.

- Estou tão feliz que você esteja bem. Quando você não conseguiu entrar no elevador, eu pensei que você estava morta. Eu fiquei desesperado.
  - Elevador? Do que você está falando? Maria fez uma expressão confusa.

James estava tão confuso quanto ela.

- Foi agora há pouco. Como você não se lembra?

Maria olhou fixamente para ele.

- James, querido, algo aconteceu com você depois que nos separamos naquele corredor? Está me confundindo com alguém? Ela fez uma pausa e soltou um lindo sorriso. Você foi sempre tão esquecido. Se lembra daquela vez no hotel?
  - Maria, do que você está falando?
- Você disse que tinha guardado tudo, mas esqueceu aquele vídeo que fizemos. Ela olhou levemente para o lado, tentando se lembrar de algo. Me pergunto se ainda está lá...
  - Como você sabe disso? Isso é... James estava perplexo.

Aquelas eram memórias que pertenciam a sua esposa, Mary.

- Você não é a Maria?
- Eu não sou a sua Mary.
- Certo. Então você é a Maria... não é?
- Sim, eu sou. Se você quiser que eu seja.
- Tudo o que eu quero é uma explicação.

James estava confuso e nervoso.

- Não importa quem eu seja. Eu estou aqui por você, James. Vê? Eu sou real.

Ela tocou gentilmente seu rosto através das grades. Seu toque era leve, doce, como se fosse uma fumaça. James estava sem reação.

A mulher voltou a se sentar na cadeira, enquanto James ficava parado do outro lado, sem conseguir dizer absolutamente nada.

- Ei, venha me buscar. Eu não posso fazer nada dentro dessa cela.
- Eu vou lhe tirar daí.

Ele não queria deixá-la para atrás, mas foi necessário. James se afastou, assegurandose que iria voltar para resgatá-la.

James a deixou para trás e voltou para as escadas e corredores. Havia uma entrada na cela onde Maria estava, mas ele não tinha ideia de como chegar até lá.

150 dólares.

Por 150 dólares, eu trabalhava a semana toda em meu trabalho cansativo. Um lugar que cheirava a carne podre e queimada. Era um mau cheiro tão horrível quanto a luxúria dos homens. Com aqueles grandes sorrisos vulgares, seus olhares encaravam as saias das garçonetes. Não importava quantas vezes eu os tentava evitar, eles sempre me agarravam, acariciando as curvas do meu quadril. Antes que eu percebesse, já eram até mesmo as mãos do meu pai e irmão...

Era depressivo.

Isso me fazia tão infeliz.

Quantas vezes eu coloquei uma faca em meus pulsos, mas hesitei? Quantas vezes eu fiquei à beira de pular de um telhado, mas desisti? Quantas vezes eu engoli remédios para dormir, mas os vomitei? Esse ciclo poderia continuar por vários dias.

Sair de casa era tão difícil. Às vezes eu me deitava em minha cama e nem me levantava. Era difícil dormir à noite por conta da insônia. Eu sempre permanecia completamente imóvel no silêncio desconfortável, enquanto passos se aproximavam da minha porta. Enquanto eu aguardava o abuso que acontecia todas as noites, minha ansiedade crescia junto com meu desespero. Eu não conseguia mais suportar esse tipo de coisa.

Eu tinha medo de olhar no espelho e encarar aquela coisa feia que não se parecia mais comigo. Eu não me importava com mais nada. Eu apenas ficava tremendo, enquanto esperava todos os dias a chegada da noite.

Eventualmente, as lembranças começaram a desaparecer, varridas pelo tempo. Mas eu aprendi uma coisa. Enquanto eu vagava por uma cidade desconhecida, descobri que havia alguém dentro de mim. Nem mulher e nem homem, que é saudável e cheia de vida. Essa pessoa sou eu?

Eu quero morrer.

Eu quero morrer.

Essa é a única coisa que eu quero. Mas é difícil de conseguir isso. Eu quero morrer, mas mesmo assim sou forçada a continuar vivendo. Não quero ver ninguém. Homens, mulheres, ninguém. Pessoas sempre se intrometem com palavras bondosas que não me interessam.

```
"Aguente firme."
```

É como tocar uma ferida aberta. Eu não consigo suportar essa atitude amigável, mas insincera, que todos parecem ter. Eu quero apenas morrer! Nada que alguém diga mudará isso! Apesar de toda a consolação, ninguém está no meu lugar. Ninguém entende... Nem mesmo a mamãe...

<sup>&</sup>quot; Você consegue."

<sup>&</sup>quot;Nós todos sentiríamos sua falta se fizesse isso."

Até o médico daquele hospital não me atendia mais. Depois de tudo o que eu disse durante as consultas, ele só me dava mais remédios. Os efeitos colaterais eram torturantes.

É impossível. Tudo é impossível. Mesmo naquela época, eu sabia que ninguém poderia me ajudar. Eu sabia que uma hora ficaria sem saída. E agora eu finalmente sei que só há uma escolha. Pelo menos, isso ainda é possível.

Tentar me matar, mas nunca conseguir... é tudo culpa deles. Nunca irei esquecer o que meu pai e irmão fizeram.

- Para. Para de me olhar desse jeito... não me toque! Não!

Angela sentou-se, acordando de seu sonho inquieto. Ela olhou a sala onde estava. O lugar se assemelhava a seu quarto de infância, mas as paredes e chão pareciam feitas de carne, pingando sangue fresco. Em vários lugares da parede haviam furos, onde cilindros entravam e saíam, sem parar. O lugar cheirava mal.

De repente, ela sentiu que algo se aproximava. Rastejando pelo chão, com uma respiração ofegante de excitação, uma figura nua aproximava-se de sua cama...

Um som ecoou pela escuridão, quase que como tocando o rosto de James. Assustado, ele caiu de costas na água rasa. Ele viu uma lança surgir a poucos passos de onde ele estava. Mesmo naquele lugar imundo, o monstro ainda o seguia. A pirâmide vermelha.

Ainda no chão, James disparou com seu rifle. Com o poder da arma, ele conseguiu cravar uma bala na criatura, que também caiu na água. Mas infelizmente não havia sido um tiro fatal. Agindo como se o tiro fosse um mero arranhão, o monstro lentamente começou a se colocar de pé.

#### - Droga!

Ele não tinha tempo para lutar contra ele agora. Maria estava esperando. Ele recuou de volta para os corredores, respingando água enquanto corria freneticamente. James subiu rapidamente uma escada que havia avistado.

### - Não! Papai, para!

James ouviu um eco pelo corredor. A voz era de uma mulher vindo de uma sala do corredor. Poderia ser Maria?

Abrindo a porta, James encontrou o que parecia ser a casa de alguém. O lugar era como uma sala de estar; havia até mesmo uma televisão. Porém, todo o resto estava coberto por carne. James imediatamente percebeu a presença de um monstro que ele nunca havia visto. Sua aparência era grotesca, como dois corpos humanos juntos, formando um amontoado de carne, em cima de uma cama enferrujada e suja.

Com algum tipo de perna improvisada, o monstro lentamente se arrastou pelo chão e levantou-se como um urso tentando intimidar o inimigo. A criatura gritou enquanto se aproximava.

James disparou seu rifle imediatamente. O monstro caiu no chão, gritando de agonia, até que ficou imóvel.

Angela estava agachada no canto da sala, encarando aquilo com um rosto inexpressivo. James não ficou surpreso em vê-la, afinal até mesmo Eddie estava por ali. Se eles fossem apenas uma ilusão, então encontrá-los em qualquer lugar seria algo normal.

Mas talvez eles fossem pessoas igual a James. Pessoas que estavam presas em Silent Hill. Como ele poderia saber?

- Você está bem? Não está machucada, está? - James a chamou.

De repente, ela parecia furiosa. Angela levantou-se e começou a chutar o monstro caído no chão, com uma combinação de ódio e tristeza. Após isso, ela foi em direção a televisão e a pegou, só para jogá-la com força na cabeça do monstro.

- Angela, se acalme...
- Não mande em mim. Angela respondeu.
- Não estou tentando mandar em você.
- Bem, então o que você quer...? Ah, entendi. Você está tentando ser legal comigo, não é mesmo? Eu sei o que você quer. É sempre a mesma coisa. Você só está atrás de uma coisa.
  - Não. Não é isso...
- Você não precisa mentir. Vá em frente e diga. Você poderia simplesmente me forçar a fazer isso. Me bata como ele sempre fez. Você não se importa com ninguém de qualquer forma, seu porco nojento!
- Angela... James deu um passo em sua direção, colocando uma mão em seu ombro, na tentativa de confortá-la. Entretanto, o gesto foi rejeitado.
- Não me toque! Você me deixa com nojo. Ela olhou para ele, com seus olhos cheios de desprezo e um sorriso gelado. Ei, James. Você disse que sua esposa morreu, não foi?
  - Sim. Ela...
- Ah, é verdade? Tem certeza que você só não a queria mais? Aposto que você já encontrou outra pessoa. Angela disse sorrindo, enquanto saía da sala.

James apenas a observou enquanto desaparecia na escuridão. Ele estava ofendido com aquelas palavras, que insultavam Mary, mas preferiu não dizer nada. Parecia que Angela teve péssimas experiências com homens no passado. Mesmo que ele oferecesse proteção, ela apenas recusaria.

Depois de Angela partir, James fez o mesmo, ansioso para resgatar Maria. Ele verificou todas as portas ao longo do seu caminho, procurando por qualquer coisa que o levasse até a cela onde estava Maria. Uma das salas parecia um necrotério, já que tinha um amontoado de cadáveres. As condições daquele lugar eram deprimentes.

Caminhando por um longo e estreito corredor, James encontrou uma porta metálica. Considerando que ela parecia ser resistente, a porta deveria levar até alguma cela.

Ele olhou a pequena sala por uma fresta. Parecia ser a cela onde ela estava.

- Maria! – James tocou a porta com alegria. *Talvez eu possa quebrar a fechadura com o meu rifle*. Mas tal ação não foi necessária, já que a porta se encontrava destrancada. Ele a abriu, esperando uma chuva de agradecimentos de Maria. Mas nenhuma recepção veio. A cela estava vazia.

#### - Maria?

Entrando na cela, James olhou ao redor e uma onda de preocupação caiu sobre ele. Algo não estava certo.

*Isso é... sangue?* Maria estava deitada em uma pequena cama, com a blusa e o colchão banhados em sangue.

- Mas... – James segurou o corpo de Maria. – Maria! Maria!

Enquanto ele sacudia levemente, desesperado por algum tipo de resposta, ficou claro que ela estava morta.

- Eu... Eu não entendo. Como isso aconteceu?

Mais uma vez, ele havia perdido Maria. Uma dor atingiu James como uma faca em seu coração.

- ... Mary.

O rosto sem vida de Maria trazia o nome de sua esposa morta aos seus lábios. Era exatamente como antes. *Quando Mary morreu... eu...* 

Lembranças tristes rodaram sua mente. Lembranças vagas e sombrias.

Lentamente, James se levantou. Ele se sentia como uma casca vazia. Ele olhou vagamente o corpo sem vida de Maria. Notando mais de perto, ele viu um buraco em seu peito que parecia ser de um tiro. Ela não morreu de nenhuma doença. Mas então, quem matou Maria? Quem teria motivos para matá-la?

Não demorou para James chegar a algumas conclusões. Além de James, haviam apenas duas pessoas vagando por aqueles corredores da prisão. Angela e Eddie. Eddie era o único com uma arma. Mas poderia ter sido ele? "Matar uma pessoa é tão fácil...", Eddie havia dito, com aquele sorriso assustado em seu rosto. "Você só precisa colocar a arma na cabeça da pessoa e, *pow*! ". Quem mais além de alguém com uma mente assassina diria isso?

James deixou a cela para procurar Eddie. Ele não estava procurando se vingar da morte de Maria, nem tinha ódio contra ele. Ele só queria saber o motivo. Por que ele a mataria?

Após sair daqueles corredores, James foi parar em um grande espaço aberto. O chão sob seus pés parecia terra firme, mas não fazia sentido ele ter saído daquele lugar e ir direto para o ar livre. Iluminando o local com sua lanterna, ele viu que o lugar era cercado por paredes. A única coisa que havia no lugar eram quatro pedras enterradas na terra. Eram lápides. O lugar que o esperava no fim daqueles corredores era um cemitério.

Capturados durante a guerra, prisioneiros executados e inúmeras outras pessoas devem ter sido enterradas naquele lugar. Um dos túmulos pareceu familiar.

*Walter Sullivan*, o nome que ele havia lido no jornal em um monte de lixo dos Apartamentos Woodside. James estava estranhamente atraído por aquilo e, por algum motivo, era como se alguém estivesse tentando entrar em sua cabeça.

Enquanto coisas estranhas passavam em sua mente, James olhou ao redor. Mais nomes estavam esculpidos nas pedras. Ele quase congelou quando encontrou mais nomes familiares. *Eddie Dombrowski* e *Angela Orosco*. E havia ainda mais um nome. *James Sunderland*. As três lápides estavam acompanhadas de buracos, como se fossem bocas de animais famintos, esperando para engolir os mortos... Eddie, Angela e James.

Talvez aquilo fosse uma piada de Eddie. Certamente alguém tão perturbado como ele acharia graça em fazer isso. Talvez isso significasse que ele tinha intenção de matar todos. Mas uma coisa veio em sua mente. *Por que ele não fez um túmulo para Maria?* 

O túmulo de James parecia diferente dos outros dois. Quando ele iluminou seu interior, ele viu que o buraco era mais profundo do que os outros. Isso levava a outro local? *Talvez leve até a terra dos mortos...* 

James, então, entrou em sua própria sepultura. Ele já não tinha medo de mais nada, ele apenas queria respostas e sair daquele pesadelo.

O caminho do túmulo não levava a outro corredor parecido com labirintos, mas sim a um corredor linear. Caminhando em frente, James chegou a uma pesada porta de ferro. Assim que ele a atravessou, seu corpo foi envolvido em um arrepio. A sala era um freezer, iluminado com luzes fluorescentes. James achou ali a pessoa que estava procurando.

- Eddie, o que está fazendo aqui? James gritou, segurando seu rifle, pronto para usálo a qualquer momento.
- O que parece? Eddie sorriu. Ele sempre me insultava. "Você é um gordo repugnante. Você me dá nojo. Não se atreva a voltar aqui." O olhar no rosto de Eddie se transformou em um sorriso escuro e torto. Talvez ele estivesse certo. Talvez eu seja apenas um gordo de merda. Mas sabe de uma coisa? Não importa se você é bom em esportes, bonito ou feio. Todos são a mesma coisa quando morrem. De agora em diante, se alguém zombar de mim, eu vou matá-los. Eddie estava agindo ainda mais louco do que antes.
  - Sim, Eddie. Como você achar melhor.

James assentiu, tentando não o irritar. No entanto, isso de alguma forma só o irritou ainda mais.

- Eu sabia. Você também. Você é como eles, James.
- Eddie, eu não quis dizer nada.
- Não se preocupe. Eu entendo. Você esteve rindo de mim o tempo todo, não é? Desde a primeira vez que nos conhecemos. E, por causa disso, eu vou matar você, James!

Antes que Eddie puxasse o gatilho de sua arma, James foi mais rápido, disparando seu rifle para apenas assustá-lo. Eddie se assustou e correu para uma sala próxima. James não o seguiu no mesmo instante. Ele só queria uma resposta se ele tinha matado Maria ou não. Porém, devido à situação e raiva de Eddie, ele duvidava que iria conseguir essas respostas.

Se James o seguisse, não havia dúvidas de que apenas um deles sairia vivo. Louco ou não, Eddie ainda era um ser humano. Não era a mesma coisa que matar um monstro. Então, o que ele faria agora? Ele não conseguia mais subir pelo buraco de volta para o cemitério. A única opção seria avançar e encarar seu destino. Ainda inseguro, mas preparado para qualquer coisa, ele abriu a porta e seguiu seu caminho.

A sala para onde Eddie tinha fugido era um armazém grande e refrigerado. Carnes suspensas por ganchos estavam penduradas por toda a parte.

- Você sabe o que isso faz com você, James? - A voz de Eddie veio do interior da sala. Ele estava escondido em algum lugar. - Quando você é odiado, cuspido, humilhado? Você tem alguma ideia de como eu me sinto? Por isso eu fugi depois de matar o cachorro. Corri feito uma garota assustada. Sim, eu matei um cachorro. Foi divertido. Então o dono veio atrás de mim. E eu também atirei nele. Bem na perna. Ele chorou mais do que o próprio cachorro.

Um tiro foi disparado dentro da sala e então Eddie voltou a falar.

- Ele vai ter dificuldades em jogar futebol agora, com aquele joelho.
- Chega, Eddie. James gritou escondido atrás de uma das carnes penduradas. O que te faz pensar que pode matar pessoas apenas por isso?
- Não coloque toda a culpa em mim, James. Essa cidade também te chamou. Você e eu somos parecidos.

Mais tiros foram disparados de algum lugar.

- Vamos nos divertir! - Eddie gritou, cheio de alegria.

Sua risada insana ecoou pelo lugar enquanto ele disparava mais tiros. Eram tiros aleatórios, mas eles estavam indo praticamente na direção de James. Eddie sabia onde ele estava escondido. Eddie realmente queria matá-lo.

*Droga, de onde ele está atirando?* James estava preso por conta dos tiros, com apenas um escudo de carne o protegendo de uma morte certeira.

O pedaço de carne tremeu com a chuva de balas e caiu no chão, deixando James indefeso. De repente, os tiros pararam. Tudo ficou em um absoluto silêncio. Essa era sua chance. Eddie provavelmente estava recarregando sua arma.

Não desperdiçando essa chance, James recuou para a entrada do armazém, com a intenção de sair da sala e trancá-la por fora. Ele não iria ficar ali para morrer, e ele sabia que não seria capaz de atirar em um ser humano.

- Parado. É melhor ficar frio.

James parou em seu caminho para a saída. Eddie estava atrás dele, apenas alguns passos atrás.

- Haha, *ficar frio*. Você entendeu? Porque você está em um freezer! Qual é, isso foi engraçado. – Eddie disse entre suas risadas. – Então, você se arrepende de fazer piadas de mim? Você vai se desculpar? Que tal se ajoelhar e implorar por sua vida, assim como eu sempre fiz? Por que você não se desculpa? Você devia estar lambendo o chão agora e implorando para viver. Você não tem vergonha? – Eddie estava chorando, com lágrimas caindo em seu rosto. - Morra.

Ele apertou o gatilho.

Por reflexo, James foi mais rápido e também disparou seu rifle. Se ele fosse morrer, pelo menos teria algum tipo de vingança. Um único tiro foi disparado no armazém. Eddie era quem devia ter atirado primeiro, mas foi ele quem caiu no chão, pingando gotas de sangue.

- Eddie? James olhou para baixo, sem conseguir se mexer. *Eu realmente... Atirei nele?*
- Droga... isso machuca. Eddie gemeu de dor. Ele estava vivo, mas apenas por pouco tempo. Eu estraguei tudo. Você ganhou, eu acho.

James se agachou ao seu lado.

- Aguenta firme, está bem? Eu vou te ajudar, eu prometo.
- Não, James. Não tem como você me salvar. Você poderia... acabar logo com isso? Eu não iria conseguir. Estou sem munição...
  - Você realmente quer que eu... você realmente quer morrer?
- Qual o problema? Você viu aqueles túmulos... esse é nosso destino, de qualquer forma.
  - Por isso você matou a Maria?
  - Maria? Quem é Maria? Apenas... me mate logo. Anda... isso... dói...

A consciência de Eddie estava desaparecendo. E junto com ela, sua dor se foi.

*Fedorento. Nojento*. Ele nem mesmo se importava com as garotas. *Gordo. Estúpido. Lixo*. Ele não aguentava mais o constante *bullying*. Especialmente aquele idiota da escola.

Durante todo o ensino médio, ele me torturou de todas as formas possíveis. Até depois da formatura, ele não me deixava em paz.

Eddie sorriu. Ele estava finalmente livre. Ele não teria que correr mais. Que vida horrível ele teve. Tudo que ele sempre quis foi comer algo gostoso ou assistir algo engraçado na TV. Isso era tudo que ele queria, mas ninguém o deixava em paz.

Depois de testemunhar os últimos momentos de Eddie, James ficou de pé. Ele olhou para suas mãos cobertas de sangue.

- Eu... matei... um ser humano.

Seu corpo tremeu. Sua mente paralisou.

- Eu matei...

# **MEMÓRIAS**

Do outro lado da porta daquele lugar refrigerado, estava o mundo exterior, encoberto de névoa. Mesmo depois de descer por aqueles buracos, por algum motivo, James estava de volta ao nível do solo.

Se tudo isso fosse realmente uma ilusão, então isso seria totalmente possível de estar acontecendo. Se isso fosse real, então algo em Silent Hill estava distorcendo as leis do espaço. Não importava o motivo naquele momento, James estava apenas aliviado por estar livre daquele lugar.

Mas o fato de ele ter matado outro ser humano não havia mudado. Aquelas memórias, vendo Eddie morrer por sua culpa, ainda estavam em sua cabeça.

Estava ficando mais claro do lado de fora. Ele viu que o armazém estava localizado na margem do Lago Toluca, perto de uma doca, muito provavelmente usada para transporte de alimentos. Do lugar onde ele estava, era possível ver o Museu Histórico de Silent Hill.

James atravessou o cais, com as tábuas de madeira rangendo sob seus pés. Seu coração estava insuportavelmente vazio. Com um pequeno barco a remo, ele se pôs a atravessar o lago.

- Mary.

O nome saiu de sua boca como uma brisa de inverno. Seu destino só ficou visível quando ele chegou à outra margem do lago.

Hotel Lakeview. Se ele ao menos pudesse preencher sua cabeça com boas lembranças daquele lugar, isso talvez o ajudasse a superar tudo. Enquanto ele olhava fixamente através da neblina, James não conseguia parar de pensar em suas mãos agarrando os remos. As mesmas mãos sujas de sangue que haviam tirado a vida de outra pessoa...

Algo apareceu na superfície do lago. Do canto de sua visão, ele viu inúmeras mãos pálidas se erguendo da água. Elas cercaram o barco, esperando a chance de puxá-lo para baixo. Ele tentou não os ver, mantendo seu olhar na direção do hotel. O hotel era como como um farol, o guiando ao longe. James sabia que se olhasse aquelas coisas por um momento, ele acabaria perdendo o foco e iria se afogar.

A cortina de névoa foi sendo desfeita, enquanto o magnifico hotel ia surgindo em sua visão, lentamente. Ele brilhava através da paisagem branca. Enfim iluminado por belas lembranças, James remou mais rápido.

Com sua aparência elegante, o Hotel Lakeview não havia mudado nada. James subiu o caminho de pedra do cais até um jardim. O lugar era recheado por gramas verdes e vivas, assim como quando Mary e James estiveram ali, andando de mãos dadas. James agora caminhava até a entrada sozinho.

Ele sentiu seu coração bater forte. Ele voltaria a ver Mary novamente em breve. Mas e se ela também não estivesse aqui? O medo da decepção invadiu sua mente, mais uma vez. Com esse sentimento, James entrou no hotel.

A única coisa que lhe deu boas vindas foi o brilho de sua lanterna refletindo num candelabro. Ele procurou por funcionários ou convidados, mas não havia sinal de nada. Nada mais que escuridão.

O que é isso? James viu algo por uma fração de segundos, enquanto ele iluminava o lugar. Na parede, havia um mapa do hotel. Havia uma mensagem escrita no mapa, com um círculo desenhado na sala 312.

Estou esperando por você.

A letra parecia com a de Mary, mas ele não podia dizer com certeza. Tinha que ser uma mensagem dela. *Mary realmente está viva! E ela está me esperando!* 

Olhando o mapa, ele se lembrou de que o quarto 312 era o mesmo quarto onde os dois haviam ficado anos atrás. James foi até as escadas e subiu até o terceiro andar. Ele caminhou pela fileira de portas. 310... 311... 312!

Resistindo ao desejo de entrar imediatamente, James parou e respirou fundo. Penteou os cabelos com suas mãos e limpou a sujeira de sua roupa. Ele não podia retirar toda a sujeira que ganhou durante a sua jornada até ali, mas ele fez o possível. Ele queria ser pelo menos um pouco apresentável diante de Mary. Com sua mão tremula, ele hesitou diante da porta.

- Mary...? Sou eu, James.

Ele esperou em um inconfortável silêncio. Não havia resposta. Temendo o pior, ele bateu na porta. A porta permanecia fechada.

- Ela deve ter saído. – James disse, tento tranquilizar a si próprio. É, foi isso mesmo. Ela nem mesmo deve saber que eu estou aqui agora, então ela não iria ficar sentada sozinha em um quarto esperando.

Após algum tempo, ele voltou a descer as escadas. Talvez ela tenha deixado alguma carta na recepção. Se ele tinha deixado uma mensagem no mapa, talvez tenha deixado uma carta.

Como antes, não havia ninguém no lugar escuro, mas havia sinais de atividades recentes em todos os lugares. O tapete estava impecável, não havia poeira, até mesmo uma xícara de café estava em uma mesa.

Como ele esperava, havia uma carta para James deixada na recepção.

Senhor James Sunderland,

A fita de vídeo que você esqueceu está guardada no escritório do primeiro andar.

Ele supôs que deveria ser instruções de Mary ou algum funcionário. O escritório ficava logo do lado da recepção. Ele caminhou até lá e encontrou a fita em uma mesa. Ele também pegou uma chave para o quarto 312 que estava pendurada em uma parede.

Enquanto ele voltava a subir as escadas, James pensou ouvir uma música baixa percorrer o lugar. Parecia estar vindo do restaurante, do outro lado do lobby do hotel.

- Um piano?

Ele escutou com calma. Apesar de que quem tocava não era muito bom, definitivamente o som era de um piano. Embora Mary não fosse muito boa, ela adorava tocar piano. *Será que é a Mary?* Com seu coração acelerado, ele correu para o restaurante. Tudo que ele encontrou foi uma garotinha sentada em frente ao piano.

Era Laura. Notando James, ela o olhou e soltou um sorriso.

- Você achou que fosse a Mary, não achou?
- S-sim...

James estava confuso e decepcionado, sem saber como agir. Laura desceu da cadeira e ficou próxima a James.

- Você está aqui para ver Mary também?
- É por isso que você está aqui, Laura?
- Onde ela está? Você sabe?

Ela está perguntando onde Mary está? Não era essa a razão que ele havia ido atrás de Laura?

- Espera, você quer dizer que não sabe onde ela está?

Laura balançou sua cabeça.

- Não. Tudo que eu sei é que ela estaria nessa cidade, em algum lugar. Mas eu já estou cansada de procurar.
  - O que te levou a pensar que ela estaria nessa cidade?
  - Porque ela disse na carta.
  - Que carta?
  - Uma que eu recebi da Mary. Você quer ver?
  - Claro! Por favor, me deixe ver.
  - Hm, será que eu deveria deixar mesmo? Ela disse sorrindo.
  - Eu imploro, por favor, me deixe ver.

Laura, surpreendida ao ver um adulto implorar tão humildemente, finalmente cedeu. Por mais maldosa que ela fosse, ela sabia quando era hora de parar. As piadas e as brincadeiras eram divertidas, mas ela não faria isso ao ponto de um adulto ficar triste com ela.

Laura tirou a carta de seu bolso. Estava em um envelope branco escrito "Para Laura".

- Vou deixar você ler, mas não conte para a Rachel, tudo bem?
- Quem é Rachel?
- Ela é nossa enfermeira. Eu peguei a carta do armário dela.
- Tudo bem, eu não contarei.

James pegou a carta e a leu.

Minha querida Laura,

Estou deixando essa carta com Rachel para ela lhe dar após eu partir. Eu estou longe agora, em um lugar bonito e tranquilo. Por favor, me perdoe por não dizer adeus antes de eu ir. Fique bem, Laura. Não seja tão ruim com as irmãs.

E Laura, sobre James... eu sei que você o odeia porque você acha que ele não é legal comigo, mas dê uma chance a ele. Eu sei que ele é meio grosseiro as vezes, e não ri muito, mas ele é realmente uma pessoa maravilhosa. Laura, eu te amo como se fosse minha própria filha. Se as coisas tivessem sido diferentes, eu lhe adotaria.

Feliz 8º aniversário, Laura. Da sua eterna amiga, Mary.

Após terminar de ler, James perguntou para Laura.

- Você tem onze agora, não é?

Assumindo que a carta tinha três anos, aquele seria um cálculo simples a se fazer.

Laura franziu a testa. – Para de me tratar como se eu fosse velha. Eu fiz oito anos na última semana, está bom?

- Desculpe. Só foi uma pergunta.

Então, Mary realmente estava viva. Isso levou seus olhos a ficarem cheios de lágrimas.

- Mas ela não disse nada sobre Silent Hill nessa carta...
- Ela disse que está em um lugar bonito e tranquilo, certo? Mary falava sobre Silent Hill o tempo todo. Ela até me mostrava um tanto de fotos daqui. Ela sempre queria voltar algum dia, então é por isso que ela deve estar aqui.

Ela havia pensado como qualquer criança pensaria em seu lugar. Era normal. Para um adulto, um lugar bonito e tranquilo significava algo muito diferente.

- Eu recebi outra carta. Se você visse, então entenderia...
- Há outra carta? Onde?
- Hm? Laura franziu a testa enquanto colocava a mão no bolso. Eu devo ter deixado cair. Eu preciso encontrar...

Antes que James pudesse dizer algo, ela saiu correndo. Ele tentou ir atrás, mas ela havia sumido através da escuridão do corredor.

Um lugar bonito e tranquilo. Isso é onde Mary disse que está. Honestamente falando, isso não significava outro lugar além do céu. Laura fez oito anos na última semana, mas isso seria impossível. Mary havia morrido há três anos. Então, se aquela carta e o que Laura disse era verdade, então ela tinha que estar viva. Nada fazia sentido.

Estava tudo muito confuso para fazer algum sentido, então James foi direto para o quarto 312. Ele se recusava a acreditar na morte de Mary. Todo seu esforço não podia sem em vão. *As coisas não podem acontecer dessa forma!* James sacudiu a cabeça para se livrar de tais pensamentos.

Além de tudo, a mensagem no mapa do hotel estava escrita com a letra de Mary. Ela esteve aqui. Ela não morreu naquele hospital três anos atrás. Ela se recuperou e foi liberada. Isso faria sentido com tudo o que Laura disse. Ele então se lembrou da fita de vídeo que estava carregando. A fita que ele havia esquecido e que guardava memórias de anos atrás. Talvez tivesse mais algo além de memórias. Talvez tivesse alguma outra mensagem de Mary.

Talvez, após o incidente que deve ter acontecido em Silent Hill para criar todos esses monstros, os moradores tiveram que evacuar. Com pressa de deixar a cidade, Mary poderia ter deixado todas as aquelas pistas e a fita para trás. Ela poderia ter gravado algo, como meio de informar James onde eles estavam se refugiando. Era uma possibilidade que fazia um mínimo de sentido para James. *Deve ser exatamente isso*, pensou ele.

Mas ainda havia algo que não tinha explicação. Laura. Se todas as coisas estranhas em Silent Hill eram reais, por que ela não parecia se importar com nada?

Chegando ao quarto 312, James inseriu a chave na porta. Não importava o que fosse verdade, ele só saberia após ver a fita. Deveria ter pelo menos alguma resposta.

O quarto 312 era um quarto de luxo. Embora não fosse o melhor possível, era o que o salário de James podia pagar naquela época. Ao contrário dos corredores escuros do hotel, o quarto estava iluminado pela luz suave da névoa que entrava pelas janelas. Quando ele estava aqui com Mary, o quarto transbordava com a luz do sol. E o Lago Toluca era visivelmente lindo dali. Tudo aquilo parecia um sonho.

Uma televisão estava localizada na parede, junto com as janelas. Uma poltrona estava de frente para ela. James colocou a fita em um videocassete e sentou-se. Depois de uma onda de estática, o vídeo começou.

A tela exibiu uma imagem de Mary.

- Você está filmando outra vez? Para...

Mary dizia, enquanto caminhava em frente a uma das janelas do mesmo quarto. Seu rosto estava num puro sorriso. Sentando em uma cadeira próxima, ela olhou pela janela.

- Eu não sei o motivo, mas eu amo esse lugar. É tão bonito e tranquilo.

Ela voltou a olhar para a câmera. - Você sabe o que eu ouvi? Eles dizem que todo esse lugar era um local sagrado. Eu acho que posso entender o motivo. - Sua expressão se tornou sentimental. - É uma pena que temos que ir embora logo... - Ela fez uma pausa. - Por favor, me prometa que você me trará aqui de volta algum dia, James. - Enquanto ela dizia, Mary foi interrompida por uma violenta tosse. Imediatamente, a câmera se movimentou bruscamente enquanto James a ajudava.

Com seus olhos fixados na tela da televisão, James começou a soluçar. Ele estava chorando. E não eram lágrimas de conforto e felicidade por ver uma imagem de sua esposa. Aquelas lágrimas eram como sangue sendo derramado de um coração partido. Como se fosse uma ferida aberta derramando um diluvio de lembranças horríveis.

As imagens na tela começaram a se misturar com outros *frames* de imagens em sua mente. Imagens de memórias recentes.

É a casa de James e Mary.

As janelas estão fechadas.

O quarto está escuro.

Mary está deitada em sua cama.

Ela tosse de dor.

James fica ao seu lado, na cama.

Ele tem as mãos trêmulas.

Ele segura um travesseiro.

Mary engasga de repente.

Sua tosse angustiada para.

O único som é o de gritos sufocados.

Ele a carrega em seus braços, logo depois.

Seu corpo sem vida.

Ele a coloca na poltrona de um carro, enquanto James solta um grito de sofrimento.

A realidade era dura demais para aguentar. Ele nem mesmo ouviu o barulho da porta se abrindo atrás dele.

- James?

Ele estava enterrado em tristeza, com sua mente longe de tudo.

Laura caminhou pelo quarto. Ela falava em uma voz alegre.

- James, aí está você. Você não estava mais no restaurante, então eu tive que te procurar por todo esse lugar.

Mas quando ela ficou ao seu lado, sua expressão mudou.

- James, por que você está chorando? Você não encontrou Mary?
- Laura... Mary não está aqui. James disse em uma voz extremamente baixa. Mary não está mais em nenhum lugar desse mundo.
  - Como assim?
  - Ela está morta...
  - Não, você está mentindo!
  - Eu estou dizendo a verdade...
- Ela morreu porque estava doente? Laura suspirou, com lágrimas começando a descer por seu rosto.

Se levantando da cadeira, James ficou de joelhos e olhou para ela, direto em seus olhos.

- Não. Ela está morta porquê... eu a matei.

Por alguns instantes, Laura apenas o olhou, confusa. Sem aviso, ela levantou sua mão e o bateu no rosto.

James nem mesmo se moveu.

- Idiota! Como você pôde? Assassino! Devolva ela! Me devolva a Mary! Eu sabia! Você não se importava com ela! Eu te odeio, James! Eu te odeio! Eu te odeio! – Ela lhe dava mais tapas a cada palavra. Laura então disse em uma voz triste. – Mary esteve sempre... te esperando.

Ela entrou em um incontrolável soluço enquanto chorava. James colocou gentilmente suas mãos em volta dela.

- Me desculpe... Eu... Mary... Ela...
- Me solta! Laura se afastou de seu gesto.

Ela correu para abrir a porta, olhando James uma última vez com seus olhos cheios de lágrimas e ódio. Ela se afastou, batendo a porta.

*Laura, me desculpe*. James pelo menos estava aliviado por Laura descobrir a verdade, assim como ele. Mas ela era apenas uma criança, e isso certamente era demais para ela.

Um ruído surgiu do rádio no bolso de sua jaqueta, mas não havia nenhum monstro por perto. Uma voz de uma mulher saiu em meio as estáticas.

James, onde está você? Estou te esperando. Eu sempre vou estar te esperando. Por que você não vem me ver? Você me odeia? É por isso que você não vem me ver? James? James? Por favor, rápido. Você está perdido? Estou aqui. Estou perto. James, eu quero te ver novamente. Você consegue me escutar? James? James? James?

James escutava o rádio em um completo silêncio. *Essa voz...* Ele podia ouvir claramente. Era a voz dela. James não sabia mais no que acreditar. Ele havia a matado, mas o que aquilo significava? Como ela pode estar viva conversando pelo rádio?

Ele tinha que descobrir, mesmo que tudo fosse uma ilusão.

Eu me pergunto se eles ainda estão atrás de mim. Mesmo depois de tanto tempo. Angela pensou, enquanto andava pelos salões escuros do hotel. Ela sempre era perseguida por aquelas criaturas horríveis. Aquelas criaturas que pareciam encarnar os desejos imundos dos homens. Eles sempre a jogavam no chão, tentando todo o tipo de ato indecente.

Apesar disso, o que realmente a assustava eram as coisas que haviam acontecido em sua cidade. Certamente a polícia estava procurando por ela naquele momento. Mas como ela podia ser presa por matá-los? Eles tiveram exatamente o que mereciam.

A mamãe nem mesmo me ajudou. Ela devia saber. Como ela podia não saber o que acontecia com sua própria filha? Se ela sabia, ela fingia não saber. Eu fiz apenas o que era necessário. Era autodefesa! Eu não aguentava mais! Deus irá me perdoar. Eu não vou parar no inferno... Eles é quem vão. Espero que eles queimem por toda eternidade.

Ela imaginou seu pai e irmão sendo engolidos em chamas, gritando de dor, implorando pelo perdão que nunca iriam receber. Angela sorriu levemente enquanto aquelas imagens passavam por sua mente.

James decidiu deixar o quarto 312, mas o que o aguardava do lado de fora tinha mudado completamente. O hotel que antes estava limpo, agora estava caindo aos pedaços. As paredes estavam descascando e rachadas. Uma fina camada de poeira cobria o piso, enquanto o teto era coberto por teias de aranhas. Até mesmo o jardim estava completamente descuidado, coberto de grama alta.

Ele desceu as escadas e foi até o segundo andar, quando percebeu que uma criatura se aproximava pelos corredores. Inicialmente ele pensou ser algum animal, mas ao se aproximar mais, ele viu que era o mesmo monstro que havia atacado Angela antes. Essa era a primeira vez que ele via um monstro desde que havia chegado no hotel. Aquela coisa repulsiva estava bloqueando seu caminho, e isso deixou James irritado. *Peste estúpida! Eu não tenho tempo para você agora*. Se fosse como da última vez, então matar deveria ser fácil, mas era a quantidade de munição que o preocupava. Mesmo ele tendo razoavelmente uma boa quantidade, ele não poderia desperdiçar.

Um rápido plano veio em sua mente. Se ele atirasse e o monstro morresse de vez, então estaria tudo bem. Mas se ele continuasse vivo após um tiro, ele provavelmente ficaria machucado e haveria tempo para correr.

A criatura se aproximou de James, enquanto ele apontava seu rifle. Com a pouca iluminação, ele apontou para o que parecia ser a cabeça dela. Ele puxou o gatilho e, então, um gemido estridente saiu da criatura quando a bala rasgou sua carne.

As pernas do monstro se enfraqueceram e ele caiu no chão, mas ainda se movia. James correu rapidamente, passando pelo monstro, mas ele conseguiu agarrar uma das pernas de James. James começou a chutar a criatura na cabeça com a sua perna livre, na tentativa de escapar.

- Me... Solta... Merda!

Ele começou a bater na criatura com seu rifle várias vezes seguidas. Finalmente a criatura o soltou, emitindo um gemido baixo. Parecia que dessa vez estava realmente morto.

James continuou pelo corredor, com seu rifle sujo de sangue. Sua respiração estava ofegante e seu coração acelerado. Quando o monstro o agarrou, ele pensou que iria morrer.

Uma voz veio do rádio...

- Eu estou aqui!

Aquela voz ecoou em seu coração.

- Mary?!

Enquanto andava pelos corredores, uma conversa veio em sua mente.

- Ela vai morrer? Você está brincando, certo?
- Eu sinto muito...
- Mas você é um médico, não é? Você deveria curar as pessoas. Não há nada que você possa fazer?!
- Por favor, se acalme. Como um médico, eu prometo fazer tudo que eu puder. Entretanto, um tratamento efetivo para as condições dela ainda não foi descoberto.
  - Quanto tempo ela tem?
- É difícil dizer. Podem ser seis meses. Ou podem ser três anos. Simplesmente não temos como saber...

Esse foi o momento em que ele havia sido condenado ao desespero. O fim de sua vida. Era como se ele tivesse morrido antes mesmo da sua esposa. Aquela dor em seu coração só piorava a cada dia que sua esposa morria lentamente.

A busca por Mary o fez verificar cada quarto do hotel, um a um. Ele entrava nos quartos olhando em cada canto, desde banheiros até abaixo das camas. Quanto mais ele fazia isso, mais devastado o ambiente ficava. Era como estar descendo fundo em uma mente perturbada. A escuridão crescia e o ar era tão pesado que era difícil respirar. Era como se a atmosfera estivesse tentando evitar que James continuasse.

O olho de James muitas vezes queria derramar lágrimas e sua boca gritar o nome de sua esposa, mas ele se conteve em apenas procurar em silêncio.

O mais preocupante foi o fato dos monstros parecerem estar cada vez mais à espreita e em um número maior. Seus gemidos ecoavam por todos os lugares, fazendo uma terrível sinfonia.

Depois de checar um dos quartos da parte oeste, ele voltou para o corredor normalmente, mas descobriu que estava, de alguma forma, na parte leste. Esse tipo de coisa bizarra não era novidade. Isso nem mesmo chamava mais a atenção de James.

Após encontrar e descer por um elevador, ele foi parar em um lugar que estava inundado até seu tornozelo. Andando por aquele espaço, James passou por um bar, que também estava inundado. Após passar pela cozinha do bar, por um corredor imundo e entrar por uma porta, ele encontrou algo estranho.

Era fogo. Uma longa escada em chamas, que se espalhavam por todos os degraus e paredes. James podia ver dois corpos presos a uma das paredes, um homem de meia idade e um mais novo. Embora estivessem em meio a chamas, suas peles estavam livres de queimaduras. Na verdade, eles ainda pareciam vivos. A cena lhe pareceu como pecadores sendo torturados no inferno.

Uma pessoa estava descendo lentamente a escada que parecia ser infinita. Era Angela. As chamas encostavam em seu cabelo de uma forma quase mágica. Seu rosto estava cheio de alegria, mas também de tristeza.

- Mamãe... eu finalmente te encontrei. Você é a única que restou. Talvez agora nós possamos ser felizes... - Angela disse enquanto se aproximava de James.

James deu um passo para trás involuntariamente.

- Por que você está correndo? Com um gentil e perturbado sorriso, Angela tocou o rosto de James. Espera, você não é minha mamãe... Ela imediatamente recuou, como se estivesse com medo dele. James... É você... Ela parecia confusa, e sua voz estava recheada de desapontamento e nojo.
  - Você não encontrou sua mãe ainda, não é? James perguntou.

Ele se sentiu estranho em tentar iniciar uma conversa normal enquanto estavam rodeados por chamas. O fato de como o incêndio não havia se espalhado além daquelas escadas, o fato de que Angela parecia não se queimar... estava tudo estranho. Mas ele então se lembrou de que tudo podia ser uma ilusão... uma ilusão da mente de Angela.

Seu rosto se fechou. Como se ela estivesse falando sozinha, Angela derramou todo o ódio que estava em seu coração.

- Mamãe, você sabia, não é? As coisas que o papai e meu irmão faziam comigo todos as noites. Mas você fingia não notar.

James finalmente começou a entender a gravidade da dor de Angela, mas ele ficou em silêncio.

- Então eu... eu fui atrás da minha mamãe... depois que ela nos deixou e fugiu de casa.
- Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto.

Não eram lágrimas de saudades. Eram de frustração. Lágrimas de alguém que esteve sempre sozinha, e que só desejava se vingar de tudo o que faziam com ela.

- Eu matei o meu pai e meu irmão! Eu matei os dois... com aquela faca. - Ela estava falando da faca que havia deixado para trás nos Apartamentos Woodside.

- Angela, eu acho que você precisa perdoá-los. Não apenas eles, mas a si mesma. James sabia que suas palavras poderiam soar erradas, mas ele apenas queria apenas a tirar daquele lugar. Ele precisava dizer algo.
- Como se atreve a dizer algo assim? Angela olhou para James fixamente que até mesmo o fogo lhe pareceu mais brilhante. O que você quer? Você vai me perdoar pelo que eu fiz? Me salvar? Vai me proteger para sempre? Vai dizer que me ama? Vai curar toda a minha dor?

James não conseguiu responder. Seu silêncio foi quebrado por mais palavras de Angela.

- Viu? Eu sabia. Você é só mais uma pessoa, arrastada para essa cidade para pagar por seus pecados. E você acha que pode falar algo sobre perdoar? Não me faça rir... – Angela sorriu e se virou, enquanto subia as escadas. Ela parou, ao se lembrar de algo. Ela voltou a olhar para James e disse: – Eu gostaria de ter minha faca de volta.

James olhou para Angela, como se soubesse suas intenções. Ele balançou sua cabeça. – Eu não estou com ela.

Angela o olhou com suspeita. -Hm. Tem certeza que não está apenas guardando para você mesmo?

- Não. Eu nunca faria isso. Eu nunca me mataria.

Com aquela resposta, Angela deu um longo suspiro. James gostaria de ler os pensamentos dela. Angela se virou mais uma vez e caminhou em direção às chamas.

- Não faça isso. É quente como o inferno aqui.
- Você também sente... Para mim, sempre foi assim.

Angela desapareceu entre as chamas, enquanto subia a infinita escada.

James abriu a porta por onde havia entrado. O lugar já não era o mesmo por onde ele passou. Ele resolveu voltou e checar as escadas em chamas, mas já não havia sinal de nada. Até mesmo os corpos nas paredes tinham sumido. Essa era a prova de que tudo era uma ilusão.

James seguiu subindo as escadas que davam para outra parte do hotel. Todas as portas nos corredores daquela parte leste do hotel estavam trancadas. Havia apenas a opção de continuar caminhando...

No final do corredor, havia uma única porta aberta que lavava a uma nova ala. O chão e as paredes daquele corredor eram feitos de grades, da mesma forma que ele já havia visto outras vezes. Monstros abaixo dele o perseguiam, mas ele manteve a calma, tentando os evitar. Ele estava com o coração tão vazio que nem mesmo sentia medo.

Chegando ao final, James entrou num grande salão através de uma porta. Nesse salão, havia uma outra grande porta de ferro. James ficou de pé em frente a porta por algum tempo, sentindo um peso incomum no ar.

- Essa é minha última parada.

James sentia algo através daquela porta, enquanto a abria, fazendo um grave ranger de metal pesado.

Era exatamente como a grande entrada do hotel. Mas não havia nenhuma mesa ou cadeira. Tinha tudo desaparecido. Era um lugar totalmente vazio, como uma grande cela de prisão. A única parte que ainda restava da entrada do hotel era a escadaria, levando para um segundo andar.

No topo da escadaria, James podia ver uma mulher. Ela parecia estar de cabeça para baixo, ou melhor, pendurada de cabeça para baixo. Parecia como se ela fosse ser executada. Ao lado dela, estava o executor, um homem grande segurando uma larga lança. Era a criatura de pirâmide. Para piorar, James percebeu que não era apenas uma criatura, mas duas, cada uma do lado da mulher.

- James! – A mulher gritou em tom de desespero.

Era Maria, implorando por ajuda. Implorando por sua vida que já havia sido retirada duas vezes.

Não havia nada que ele pudesse fazer. Balançando sua cabeça lentamente, James falou em um tom baixo. – Parem. Só... parem. Parem com essa terrível tortura.

Ele finalmente entendeu. Tudo o que estava acontecendo não era algo do acaso. O subconsciente de James se agarrava a uma única coisa: O desejo de esquecer toda a realidade. E isso significava bloquear todas as lembranças desagradáveis.

Mas ele não estava criando tudo aquilo sozinho. Sua mente havia deixado a cidade de Silent Hill criar essas ilusões.

Essa foi a razão pela qual a cidade o chamou. Assim como Eddie e Angela. Eles realmente eram todos iguais. Pecadores que estavam presos em seus próprios pesadelos e desejavam fugir disso.

- Eu estou implorando. Por favor, pare.

O apelo de James saiu junto com gritos dolorosos de Maria, que ecoaram pelo local enquanto as lanças das duas criaturas perfuravam seu corpo.

- PARE!! James gritou. Segurando sua cabeça entre suas mãos, ele caiu de joelhos. E antes que percebesse, já estava cercado por ambas as criaturas.
- Eu fui fraco. James disse suavemente. É por isso que eu os criei, não foi? Ele se levantou, encarando os monstros. Eu precisava de alguém para me punir por meus atos... mas eu já não preciso mais. Eu entendo agora.

Segurando seu rifle, ele sorriu, enquanto atirava nos monstros de pirâmide.

Em meio aos tiros, ele foi tentando encaixar todas as peças, no que ele achava ser a explicação.

As criaturas sem braços foram criadas a partir de meus sentimentos de confinamento.

Os monstruosos manequins, com seus corpos sendo pares de pernas, nasceram do meu desejo sexual.

Os monstros que se arrastavam sob o chão das grades, originaram-se do meu desejo de escapar de tudo.

Todas essas coisas foram criadas pelo meu subconsciente. Pelo vazio que havia no meu coração. Todas essas coisas são delírios que a cidade transformou em realidade física. Eu me pergunto se alguém mais conseguiria ver essas mesmas criaturas.

Como cada pessoa possuía um tipo diferente de mal em seu coração, talvez nem todos vissem necessariamente a mesma coisa. Não havia como eu saber que tipo de monstros o Eddie enfrentava. Mas os da Angela eu consegui ver... Talvez nós possuíssemos a mesma intensidade de pecado e sofrimento. Isso talvez também explique as chamas. Eu não sei, mas tem que ser isso.

E Laura... não é de se admirar que ela sempre tenha ficado tão calma. Seu coração é puro. Ela não possui nenhum tipo de maldade, então provavelmente tudo o que ela via era uma cidade vazia.

Laura, me perdoe.

Eu matei a mulher que eu amava.

E eu tirei de você a sua melhor amiga.

James estava disparando rajadas de tiros nas duas criaturas. Ele resolveria isso tudo, ele estava pronto. Ele atirou sem parar, sem pensar na quantidade de munição que estava usando.

No fundo, James sabia que poderia ser impossível derrota-los. Ele sabia desde o começo. Ela não conseguiu matar essa criatura antes, por que ele conseguiria agora?

Ele calmamente aceitou isso. Tudo o que importava era que ele lutasse e deixasse de ser um covarde, mesmo que isso significasse sua morte.

Os movimentos das criaturas eram lentos. Enquanto ele esquivava dos ataques das lanças, James aproveitava para atacá-los fisicamente com o cano de sua arma.

Já que essas coisas eram produtos da mente de James, talvez houvesse uma maneira de influenciar seus movimentos. Até aquele ponto, as criaturas só haviam se fortalecido de seu medo e sua fraqueza. Agora que isso havia desaparecido, talvez os monstros de pirâmide houvessem se tornado mais vulneráveis. No entanto, eles ainda tinham a vantagem de suas forças. Mesmo que seus corpos tremessem com o impacto das balas, eles não pareciam parar.

Em um instante, a batalha chegou ao seu provável final. James havia disparado a última munição de seu rifle. Ele ainda tinha algumas poucas no bolso, mas ficou claro para ele que não havia mais chances. Para piorar, sem perceber, ele havia ficado preso em um canto da sala, com os monstros se aproximando. Era seu fim.

- Então é isso... – Um sorriso apareceu no rosto de James.

Ele se aproximou sem medo em direção às lanças.

Me matem. Vamos, desgraçados, me matem.

Os monstros pararam de se mover, virando-se um para o outro. Levantando seus próprios capacetes de metal, enfiaram suas lanças um no outro. Elas pararam e ficaram como se fossem estátuas.

James franziu a testa e se aproximou, com cuidado. Ele colocou a mão em uma das criaturas, que era fria e dura como pedra.

Naquele instante, ele percebeu que a carta de Mary havia desaparecido de seu bolso. Também não havia sinal do corpo de Maria no topo da escadaria.

Ele só aceitava tudo o que acontecia, sem saber seu real destino. James então prosseguiu por uma única porta, na entrada principal do grande salão. No entanto, ao abrir a porta de saída, não havia nevoeiro e nem o lago. A saída era um grande corredor que se estendia por um longo caminho. Parecia quase infinito. Ele prosseguiu, enquanto ele conseguia escutar uma voz.

Era a voz de Mary, de memórias distantes que haviam sido bloqueadas.

O que você quer?

Você me trouxe flores?

Ah. elas são maravilhosas...

Saia já daqui!

Quando eu me vi no espelho, eu senti nojo. Por conta da doença e dos remédios, eu pareço um monstro.

O que você está olhando? Por que você não vai embora?

Eu não sirvo para nada. Eu só queria morrer de uma vez.

Por que esperar? Talvez seja mais fácil se me matassem agora. Eu acho que eles estão ganhando bastante com meu tratamento. Por isso eles me mantêm viva.

Você ainda está aqui, James? Saia! Você me ouviu? Nunca mais volte aqui!

Houve uma pequena pausa e o som de uma porta se fechando. Quando Mary começou a chorar, ela voltou a falar.

James... Espera. Por favor, não vá. Não me deixe. Eu não queria dizer essas coisas.

Por favor... Me diga que vou ficar bem.

Eu não quero morrer, James.

Me ajude.

Na época, Mary estava fraca por conta da luta contra a doença. Devido a medicação, seus cabelos brilhantes, sua pele suave e toda a sua beleza haviam desaparecido. Com isso, ela começou a se descontrolar. A mulher tranquila e gentil ficou amarga e irritada.

Ela sempre gritava, com suas palavras que atingiam James no peito como se fossem pregos. Era mais do que ele suportava. Seu coração se tornava amargo, enquanto se afastava lentamente. A alma linda e gentil tinha sumido. É por isso que ele...

Mais lembranças terríveis apareceram. Ele não aguentava mais ver sua esposa sofrer. É por isso que ele teve que terminar tudo com suas próprias mãos...

Caminhando por aquele interminável corredor, ele encontrou uma porta final. Quando ele abriu, uma onda de névoa o atingiu. Ele sentiu ali uma presença estranha. Através da névoa, o verdadeiro demônio se escondia.

Uma escada de ferro enferrujada o levou para cima. Parecia uma escada de incêndio que levava ao telhado do hotel. Por algum motivo ele sentia que deveria subir até lá, não importava se esse sentimento vinha de Deus ou do Diabo.

Uma mulher estava o esperando no telhado. Ela estava parada, olhando a cidade abaixo. Ela usava o cabelo da mesma forma como sua esposa usava.

- Mary?

Com o som da voz de James, a mulher se virou lentamente. Com uma risada, ela disse. – Você não vai parar de se confundir? Mary está morta, se lembra? Você a matou. Ela não está mais aqui.

Enquanto ele olhava a mulher, James soltou um sorriso triste.

- Maria, já basta. Eu não preciso mais de você.
- O que? Você só pode estar brincando. Se você quiser, eu posso ficar ao seu lado para sempre. Eu nunca vou gritar com você. Não serei um fardo. Não é isso que você quer, James?
- Eu me lembro de tudo agora. E eu sei que você não é a Mary e nem a Maria. Você nem mesmo existe.
  - Idiota! Eu existo! Eu estou bem na sua frente! Eu vou ficar com você para sempre!

O ódio enquanto falava aquelas coisas distorceu seu rosto e corpo lentamente, até que a transformou em um horrível monstro.

Isso é outra ilusão... ou a verdadeira forma de Maria?

Ela ainda tinha uma aparência humana, mas estava presa de cabeça para baixo em uma cama metálica e suja. Assim como Mary esteve durante toda a sua doença. Mesmo com uma forma terrível, ela ainda tinha o rosto de Mary, ainda jovem e bonito, como se fosse uma flor que havia crescido entre destroços carbonizados.

A monstruosa mulher falou em uma voz sedutora e amorosa.

- James, por que você não apaga essas memórias dolorosas? Apague o rosto de Mary de sua mente e viva comigo. Esse é seu desejo, não é? Esqueça esse passado desagradável para que você possa viver no mundo dos seus sonhos.

Era o pensamento de sua falecida esposa que havia trazido aquele demônio a existência.

O que ela queria com isso? Ela pretende me matar também? Mas isso não significaria que ela deixaria de existir? Assim como os monstros de pirâmide...

Ou talvez, ela realmente exista com sua própria personalidade.

James afastou esses pensamentos. Seu rifle possuía apenas duas munições extras restantes. No entanto, apesar dela ter se transformado em um demônio e não ser a mulher que ele amava, ele não conseguia atirar. Ela havia sido sua guia durante toda a sua jornada pela cidade. Era alguém que havia aliviado sua solidão por algum tempo. E ver um rosto idêntico ao de Mary curou seu coração. Ele estava perdido. Ele só podia correr e evitar os ataques.

O monstro repulsivo flutuou livremente pelo ar. Como era um telhado praticamente aberto, havia espaço suficiente para se mover. As bordas da cama em que ela estava presa eram como facas. Com isso, ela atacava com uma fúria de uma mulher apaixonada.

Mas o que era exatamente? Era amor ou ódio? Maria estava agindo por conta própria? James hesitou ainda mais quando isso veio em sua mente. Tecnicamente, ele estava encarando a si mesmo, desde que Maria havia sido criada. Isso queria dizer que ela era apenas outra forma de si mesmo. Seu amor e seu ciúme eram apenas desculpas que ele havia criado.

Ele queria morrer, mas também tinha medo disso. Então ele precisou de alguém para matá-lo. Foi por isso que ele havia transformado Maria em um demônio.

Eu sou tão covarde que eu preciso de alguém para me matar? Que patético... James sorriu para si mesmo. Ele parou de correr e se virou para encarar a criatura. Ele levantou seu rifle em direção demônio – para Maria.

Você não é a Mary. Você é apenas uma ilusão que gostaria que fosse a Mary. Você foi criada porque eu neguei ver a verdade. É por isso que eu vou acabar com tudo isso... As preciosas memórias, as dolorosas, até mesmo todos os meus erros idiotas, tudo terá seu fim.

Com esses pensamentos, ele puxou o gatilho.

O tiro perfurou o peito da criatura, enviando gotas de sangue pelo ar. Ela soltou um choro, quase como uma música. Houve um grande estrondo quando o monstro pesado em sua cama metálica caiu no chão, morrendo.

- James... - Maria murmurou deitada no chão. - James... - Ela parecia com a Mary quando ela estava em seus últimos momentos...

James fechou seus olhos cansados e o abriu instantes depois. Como se fosse uma memória ou visão de algo que nunca aconteceu, James estava ao lado de sua esposa na cama, segurando sua mão.

- Mary, me desculpe.
- Eu lhe perdoo. Mary disse, gentilmente sorrindo. Eu disse que queria morrer. Eu só queria que a dor acabasse.
- Eu não queria mais ver você sofrer. É por isso que eu... não. Isso não é verdade. James balançou sua cabeça. Você também disse que não queria morrer. A verdade é que, uma parte de mim te odiava. Eu pensei que minha vida fosse ser mais fácil com você fora do meu caminho.
  - Você me matou e está sofrendo por isso. Já basta, James.

Enquanto ele segurava a mão de sua esposa, ele sentiu seu corpo ficar mole e sem vida.

Os olhos de Mary se fecharam e um último suspiro foi dado.

James se lembrou ainda mais.

 $\acute{E}$  isso... agora eu me lembro perfeitamente. Depois que eu a matei sufocada, eu a peguei de sua cama e a levei para o carro.

Isso foi apenas há alguns dias atrás.

- *Aha*! – Laura disse em uma expressão feliz. – Eu não posso acreditar que a perdi em um lugar tão estúpido.

Laura pegou a carta de Mary que havia perdido. A carta estava perto do piano todo o tempo. Ela deve ter caído de seu bolso enquanto ela tocava mais cedo. Era a carta que ela havia roubado do armário da enfermeira Rachel. Ela estava dirigida para James, mas não importava onde a Laura o procurasse, ela não o encontrava mais.

- Aquele idiota! James, aonde você se meteu?

Embora ela ainda estivesse um pouco chateada pelo o que ele disse, ela descobriu que não estava mais tão brava. Quando James lhe contou a suposta verdade sobre o que aconteceu com Mary, ela ficou chocada, mas quanto mais ela pensava sobre isso, mais parecia que ele havia dito apenas para ficar com toda a culpa.

Era como a professora de seu orfanato quando ela foi hospitalizada. Ela sempre dizia: "É minha culpa que ela tenha caído...".

O que Laura também não entendia era porquê ele tinha chorado com aquilo. Todas as pessoas ruins que apareciam na TV, e também na vida real, ficariam felizes depois de fazer algo ruim. Mas James não fez isso, então ele não poderia ser ruim ou ter feito o que disse.

James... se você não achava que a Mary estivesse nesse hotel, por que você veio até aqui pra início de conversa?

Tudo bem, então. Não há mais nada para fazer aqui e estou cansada de esperar por Eddie. Aquele gordão, aposto que ele me faria esperar aqui para sempre.

Laura deixou o hotel pela porta da frente. Ela caminhou pela costa do lago, pensando que talvez ainda pudesse encontrar Mary no caminho.

- Mary, eu estou voltando. Me desculpe por ter lhe deixando esperando.

James sorriu. Ele deixou o hotel e voltou até o estacionamento pela estrada onde tudo havia começado. Era um longo caminho, mas ela estava lá esperando por ele.

Ela sempre esteve esperando por ele.

- Desculpe, provavelmente é bem apertado aí.

Ele abriu o porta-malas de seu carro estacionado. Ele pegou o corpo de Mary e o colocou no banco do passageiro. Enquanto ele a ajeitava no banco, ele falou gentilmente com ela. Mary estava em completo silêncio, um sono do qual nunca mais acordaria.

- Mary, eu me lembro de tudo agora. O real motivo pelo qual eu vim até essa cidade. Do que eu estava com medo? Não há nada nesse mundo mais assustador do que perder você...

Ele ligou o motor do carro e pisou no acelerador.

- Agora podemos finalmente ficar juntos. Apenas nós dois.

Olhando fixamente para a frente do lago cheio de névoa, ele manteve o pé no acelerador. Um sorriso surgiu em seu rosto.

Descansando em um gramado na margem do lago, Laura abriu a carta de Mary dirigida a James. Ela já havia lido várias vezes, mas sempre que lia novamente, trazia um pouco de conforto para ela.

Então, ela leu novamente.

Em meus sonhos inquietos, eu vejo aquela cidade. Silent Hill. Você prometeu que me levaria lá novamente. Mas, por minha culpa, você nunca levou. Bem, eu estou sozinha lá agora...

No nosso lugar especial.

Esperando por você...

Esperando que você venha me ver, mas você nunca vem. Então eu espero, envolta em um casulo de dor e solidão. Eu sei que fiz algo terrível com você. Algo que você nunca iria me perdoar. Eu gostaria de poder mudar isso, mas eu não posso. Eu me sinto tão patética e feia deitada aqui, esperando por você...

Todos os dias, eu olho para as rachaduras do teto e tudo que eu penso é o quão injusto tudo isso é...

O médico veio me ver hoje. Ele disse que eu poderia ir para casa para uma estádia curta. Não é que eu esteja melhorando. É que essa pode ser minha última chance.

Eu acho que você sabe o que eu quero dizer...

Mesmo assim, eu estou feliz por estar voltando para casa. Eu senti muito sua falta. Mas eu tenho medo, James. Eu tenho medo que você não queira que eu volte para casa. Sempre que você vem me ver, eu posso ver o quão difícil isso é para você.

Eu não sei se você me odeia ou tem pena... ou talvez só nojo...

Me desculpe por isso. Quando eu descobri que iria morrer, eu só não conseguia aceitar. Eu estava tão nervosa e acabava descontando em todos. Especialmente em você, James.

É por isso que eu entendo se você me odiar. Mas eu quero que você saiba, James. Eu sempre irei te amar.

Mesmo que nossa vida termine dessa forma, eu ainda não trocaria isso por nada no mundo. Nós tivemos momentos maravilhosos juntos.

Bem, essa carta já se estendeu demais, então eu irei dizer adeus. Eu avisei à enfermeira para lhe entregar isso depois que eu partir. Isso quer dizer que, se você está lendo isso, eu já estou morta.

Eu não posso pedir para se lembrar de mim, mas eu não conseguiria suportar se você me esquecesse. Esses últimos anos desde que eu fiquei doente... me perdoe por tudo que eu fiz com você... com a gente...

Você me deu tanto e eu não pude retribuir de nenhuma forma. É por isso que eu quero que você viva sua vida agora. Faça o que é melhor para você James.

James...

Você me fez feliz.

- Eu te amo, Mary.

Quando o carro começou a afundar lentamente no lago, James puxou sua esposa e a segurou suavemente em seus braços.

Seu desejo se tornou realidade.

Eles agora teriam uma eternidade inteira juntos.